



Isabel Roboredo Seara

(Isabel Maria Loureiro Roboredo Seara)

A METÁFORA DESCRITIVA EM FERREIRA DE CASTRO

Elementos para uma análise lexicosseântica

(p/5h+)

43720



Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa
1996

*Dissertação para obtenção do grau de Mestre
em Linguística Aplicada, apresentada à
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação
da Professora Doutora Maria Emília Ricardo
Marques .*

ÍNDICE

IN LIMINE

INTRODUÇÃO 1

PARTE I:

A METÁFORA COMO MECANISMO COGNITIVO, DISCURSIVO, ARGUMENTATIVO 7

1. Tropos. Figuras de Significação 8

2. A Metáfora 13

2.1. Lugar da metáfora na teoria dos tropos 14

2.2. Contributos filosófico-linguísticos para o estudo deste tropo 16

2.3. Funções da metáfora 31

3. Abordagem Sintáctica vs. Abordagem Semântica 34

3.1. Abordagem sintáctica 35

3.2. Orientação da metáfora 38

3.3. Transferência de significação 39

PARTE II:

PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DO TEXTO METAFÓRICO 42

1. Semântica da Metáfora 43

1.1. Conceção comparatista 43

1.2. Conceção anomalista 45

1.3. Conceção interaccionista 46

2. Sentido Literal. Sentido Figurado. Sentido Metafórico 51

3. Particularidades da Metáfora.Malformação Lexical	53
4. Pragmática da Metáfora	55
4.1. Contributo da pragmática para o estudo deste tropo	58
4.2. A proposta de Sperber e Wilson	61
4.2.1. Semelhança interpretativa	63
4.3. A abordagem de Kleiber	65
 PARTE III	
ANÁLISE DOS ENUNCIADOS METAFÓRICOS DESCRITIVOS	
DE A LÃ E A NEVE DE FERREIRA DE CASTRO	69
1. Conceção Tópica e Eidética da Metáfora	70
2. O Mecanismo de Representação Mental Esteriotipado	75
2.1. Princípio da Subjectivação	77
2.2. Dimensão visual da actividade mental	78
3. A Metáfora Descritiva em <i>A LÃ E A NEVE</i> de F. de Castro	81
3.1. Método de análise e protocolo	81
3.2. A escolha de pólos e a constituição de classes abstractas	85
3.3. A coerência metafórica do texto	93
 CONCLUSÃO	97
 BIBLIOGRAFIA	105
 ANEXOS	136
ANEXO I - Matrizes Lexicossemânticas	137
ANEXO II - Abordagem Estatística	406

*Começa um rio numa gota de água.
O sonho é que avoluma o corpo da nascente.*

Fonte:

*Tão delicada e hás-de ser torrente
A saltar fragas e a rasgar o monte.*

Miguel Torga, Diário VII

IN LIMINE

A escrita é concomitante e paradoxalmente um acto de solidão e de comunhão.

No entanto, mesmo nos momentos de maior solidão física, absorvida pelo trabalho de investigação, concentrada nas leituras, imersa nos pormenores informáticos, qualquer que fosse o momento, senti sempre a presença de alguém que, de uma ou outra forma, me ajudou na prossecução desta caminhada.

Houve momentos de desalento que, por vezes, raiou o desespero, mas com a ajuda de todos, rapidamente se transformaram em momentos de ânimo e de esperança.

O presente trabalho surge de um interesse, que vem já desde os bancos da Faculdade, pela área dos Estudos Linguísticos, despertado por esse insigne e consagrado Mestre e notável Linguista, Professor José G. Herculano de Carvalho. Pelo seu entusiasmo contagiante e pelas suas lições inolvidáveis, o nosso profundo reconhecimento.

Foi, pois, um tempo de agnição, de diálogo com mestres ilustres. Não os nomeio, pois seria incapaz de os ordenar e receio olvidar alguém. Obrigada a todos !

À Professora Maria Emília Ricardo Marques, manifesto a minha gratidão pela orientação e permanente incentivo na investigação. Por todo o seu saber enciclopédico que nos transmitiu, pelo empenho com que assumiu a orientação desta dissertação e acompanhou as alegrias e vicissitudes, sem nunca deixar de me estimular com as suas palavras inteligentes, os seus ensinamentos oportunos, as suas críticas sugestivas e rigorosas, os seus elogios sentidos, enfim, pela sua postura inconfundível de compreensão intelectual e humana, os meus mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, que me inculcaram os valores mais sagrados e profundos e que me ensinam sempre a "prover para o porvir", que me mostram a essência da vida, pelo profundo humanismo com que sempre me conduzem e acreditam no meu empenho profissional, a certeza do meu grande afecto.

Não posso deixar de dirigir uma palavra de agradecimento a todos os colegas que me apoiaram com a sua amizade, com a sua disponibilidade. Mais do que colegas, chamar-lhes-ei amigos, porque souberam estar em comunhão quando deles precisei.

Por último e, precisamente, com o firme intuito de os distinguir, vêm a Beatriz, a Margarida e o Carlos. Não há palavras que traduzam o muito que lhes devo: sem a dedicação, o carinho, o amor, a presença amiga e contínua, eu jamais teria chegado aqui. Bem-hajam pela alegria e pela esperança quotidianamente partilhadas.

INTRODUÇÃO

*Quando para mim bastarem sete palmos de terra, eu queria
já haver trilhado toda a terra do mundo e que o meu coração
houvesse pulsado unissonamente com o coração da
humanidade inteira.*

Ferreira de Castro

Tropeçámos um dia nas atractivas e sedutoras palavras desse menino beirão, de Ossela, que ficou eternizado na história da nossa literatura portuguesa: José Maria Ferreira de Castro.

Ao lermos o seu romance *A Lã e a Neve*, damo-nos conta desse admirável escritor e enlevam-nos a originalidade da descrição da natureza, a apresentação das personagens com a rigorosa fala dessa região serrana, a autenticidade dos seus esboços de história natural, as preciosas virtualidades literárias e linguísticas do seu texto.

Propomo-nos, neste trabalho, estudar a pertinência dos enunciados metafóricos descritivos na obra citada.

Pretendemos mostrar que estes enunciados metafóricos tendem a representar de forma privilegiada a natureza, com a sua alegria e a sua vicissitude, com a sua magnificência e o seu desencanto, quer no seu pacifismo, quer na sua agressividade. A natureza suscita no homem um desejo de pertença a um inconsciente colectivo que se perde na escuridão dos tempos primigénios que povoam a imaginação do homem.

Desejamos, pois, mostrar o carácter inovador, edificador de novos sentidos e desafiador do enriquecimento semântico de todo este manancial de enunciados metafóricos que inundam a "nossa" obra.

Para delimitar o objecto de análise desta dissertação, partiremos de uma definição precária e mutável de metáfora ou enunciado metafórico, definição essa que, ao longo do trabalho, adquirirá contornos mais estritos, precisos e rigorosos, num esforço permanente de clareza e transparência.

Consideraremos, então, numa formulação preliminar que a metáfora é uma manifestação de uma capacidade perceptiva e/ou cognitiva do ser humano que consiste em compreender e viver, com coerência, alguns aspectos de uma coisa em termos de outros aspectos de outra coisa, com as suas concomitantes analogias e diversidades.

Constataremos, de seguida, que a metáfora foi alvo de múltiplos e milenares estudos, desde a Antiguidade, onde este tropo foi motivo do aparecimento de pensamentos reveladores de inventivas pesquisas. Não olvidaremos os trabalhos de toda a escola dos neo-retóricos, peculiarmente representada por Du Marsais e Fontanier e, seguindo uma perspectiva diacrónica, focaremos as teorias neo-clássicas, pretensamente estruturalistas. Passaremos, ainda, em revista, as mais recentes e pertinentes abordagens deste problema linguístico, que se articulam e conectam em estudos que vão desde a sintaxe (com a obra de referência obrigatória da linguista francesa Joëlle Tamine)¹, à semântica e à pragmática.

No cerne da nossa investigação aparece, pois, a explicação da abordagem lexicossemântica que empreendemos, com as especificidades do

¹ Para o estudo da importante obra desta linguista francesa, queremos agradecer o contributo do Institut Franco-Portugais que, prontamente providenciou o envio da obra e nos facultou, assim, a consulta da Thèse de Doctorat - *Description Syntaxique du Sens Figuré - La Métaphore*, Paris VII, 1978, não publicada.

texto literário que nos propusémos estudar, que, pelo seu manancial, se revelou clarificador da problemática inicial.

Tecidas estas considerações prévias que envolvem os motivos que, em nossa modesta opinião, justificam a escolha do tema e lhe conferem pertinência teórica, parece-nos, pois, oportuno, expor de uma forma clara, os objectivos primeiros que presidiram à elaboração desta dissertação e que pretendemos atingir.

Assim, este trabalho visa:

- a) contribuir para a análise da especificidade dos enunciados metafóricos descritivos da obra literária *A Lã e a Neve* de Ferreira de Castro²;
- b) estudar o modo de interpretação desses enunciados, articulando a análise lexicosseântica com as posteriores leituras à luz das teorias semânticas enunciadas;
- c) recensear os campos semânticos predominantes que imperam no *corpus* em análise.

² A obra *A Lã e a Neve* de Ferreira de Castro foi dada à estampa em 1947 e é considerada, pela crítica literária, como obra precursora do neo-realismo. Saliente-se a importância deste escritor, cuja vasta obra foi, durante largos anos, a mais traduzida em diversas línguas e que lamentavelmente é hoje menos falada - tal como acontece com as obras de Aquilino, Redol, Patrício, Paço d'Arcos - e, sobretudo, menos divulgada nas nossas escolas. No entanto, existe - tal como afirmou David Mourão-Ferreira - um lugar para Ferreira de Castro no interesse dos leitores portugueses. É, pois, nossa intenção, ajudar a renovar e ampliar esse interesse.

Apresentado o objecto de estudo e os objectivos centrais que presidiram à elaboração deste trabalho, importa, pois esclarecer o modo como constituímos o *corpus* e tecer algumas considerações sobre o método que seguimos na organização desta extensa base de dados (apensa à dissertação - Anexos I) e que suporta, sustenta e fundamenta a nossa investigação.

Resta-nos apresentar a estrutura global do trabalho. Esta dissertação é composta de três partes: na parte I, propomo-nos realizar a reflexão teórica sobre o conceito de metáfora e os modelos linguísticos mais importantes no estudo desta figura. Passaremos em revista as definições empíricas da retórica tradicional, as dos grandes teóricos neo-clássicos e as do estruturalismo europeu, sem esquecer os contributos mais recentes dos semanticistas contemporâneos, fundados na escola de sociolinguística americana. Seguidamente, delinear-se-ão as matrizes teórico-metodológicas que configuram a arquitectura do nosso trabalho: a análise que nos propomos desenvolver é basicamente tributária dos quadros teóricos da semântica lexical e da pragmática.

Não nos circunscreveremos a um único modelo, porque consideramos que, no estado actual da investigação linguística, não existe uma teoria da linguagem completa, integrada e abrangente que nos proporcione uma ferramenta de análise aplicada à especificidade do nosso estudo. Afigura-se-nos, pois, legítimo articular quadros teóricos que se complementam.

A parte II da dissertação pretende fazer uma incursão pelas mais recentes teorias para o estudo deste tropo, abordando aspectos teóricos das análises semântica e pragmática.

A parte III é consagrada à análise propriamente dita dos enunciados metafóricos descritivos da obra em análise, com base nas matrizes lexicosseânticas constituídas, através das quais procurámos mostrar a importância assumida pelos vários traços sémiicos mais frequentes.

Para tão ambicioso tema, forçoso foi consultar numerosa e vasta bibliografia. Como justificação de eventuais gralhas, permitam-nos invocar o mesmo argumento que Séneca deu a Lucilius quando este o criticava por citar amiúde Epicuro: "Quod verum est, meum est ... quae optium sum, esse communia", ou seja, "o que é verdadeiro é meu ... e as coisas excelentes são do domínio comum".

PARTE I

A METÁFORA COMO MECANISMO COGNITIVO, DISCURSIVO, ARGUMENTATIVO

A METÁFORA COMO MECANISMO COGNITIVO, DISCURSIVO, ARGUMENTATIVO

Estamos cientes de que conseguir uma definição única, completa, singular e funcional de metáfora é inexequível, porque como diz Greimas:

la langue naturelle n'est jamais dénotative, mais multiplane; vivre sous la menace constante de la métaphore est un état normal, une condition de la "condition humaine".(Greimas,1970: 14)

1. Tropos. Figuras de Significação

Circunscrevemo-nos à definição de M.-A. Morel (1982: 57-58): "une forme linguistique isolable, ou du moins repérable, jouant un rôle déterminé au moment du discours où elle s'insère", tendo, principalmente um valor conativo e/ou expressivo e, por vezes um valor fático (no sentido jakobsiano).

Todavia, as figuras não são apenas formas identificáveis e localizáveis num qualquer discurso. Importa considerar que elas encerram simultaneamente operações que necessitam de um esforço de codificação - de ordem onomasiológica - e de descodificação - de ordem semasiológica (cf. Catherine Kerbrat-Orecchioni,1986:100-116).

A existência de catacreses (metáforas lexicalizadas ou fossilizadas que deixaram de constituir uma imagem e comportam apenas um resíduo afectivo (Bally, 1951), já que o referente só é designado por essa expressão

metafórica) mostra a imperiosa necessidade de distinguir essas duas perspectivas:

- numa perspectiva onomasiológica ("encodage"), o tropo define-se pela fórmula: uma palavra por outra palavra. É um desvio de denominação que se caracteriza pela substituição de um significante por um outro;

- numa perspectiva semasiológica ("décodage"), o tropo pode definir-se pela fórmula: um sentido por outro sentido. É um desvio semântico-pragmático que se caracteriza pela substituição de um conteúdo por um outro.

Os tropos devem, pois, ser encarados nestas duas perspectivas ainda que, curiosamente, a tradição tenha cimentado a ideia de que a metáfora deve ser descrita em termos semasiológicos e a metonímia/sinédoque em termos onomasiológicos.

O tropo (do grego '*tropos*'- volta, mudança de direcção), de acordo com a etimologia, mostra-nos algo retorcido, curvo. Desvia-se do caminho recto, direito e impõe, tanto ao emissor como ao receptor, uma sobrecarga de trabalho cognitivo.

O tropo, segundo Sanctius é "un ornement du discours, dans les mots pris isolément, par lequel la signification propre est changée en une autre". (Sanctius, 1573: 343 trad. Douay, 1988: 288).

Para Fontanier, "les tropes sont certains sens plus ou moins différents du sens primitif, qu'offrent, dans l'expression de la pensée, les mots appliquées à des nouvelles idées".(Fontanier,1969: 39).

Dumarsais apresenta uma definição destas figuras: ³

Elles sont ainsi appelées, dit-il, parce que, quand on prend un mot, dans le sens figuré, on le tourne, pour ainsi dire, afin de lui faire signifier ce qu'il ne signifie point dans le sens propre. (Dumarsais, 1730 (1988): 69).

Os retóricos mencionam amiúde o enriquecimento semântico que a língua e o discurso devem aos tropos e insistem nos efeitos que eles produzem.

Para Fontanier são estes os efeitos dos tropos:

Ils donnent au langage autre cette richesse et cette abondance si merveilleuse, plus de noblesse, plus de dignité, plus de concision et plus d'énergie, plus de clarté et plus de force et, enfin, plus d'intérêt et plus d'agrément. (Fontanier, 1969: 167)

Os retóricos acentuam, pois, as funções estética, argumentativa e de intenção persuasiva das figuras que são consideradas como ornamentos do discurso.

Constatamos, pois, sem nos alongarmos na transcrição de definições, que a definição de tropo se fundamenta e enraíza na noção de significado próprio ou literal que abordaremos em capítulo posterior.

O desvio de sentido reside na oposição, na dicotomia sentido literal /sentido figurado. Este mecanismo de desvio pode ser representado do seguinte modo:

³ Esta definição de Du Marsais no seu *Traité des Tropes* (1730), reeditado pela Editora Nouveau Commerce em 1977, p.18, está muito próxima da de Quintiliano no I.O., VIII, 6, 1: "Tropos est verbi vel sermonis a propria significatione in aliam cum virtute mutatio".

Sa → Se 1 : sentido literal
→ Se 2 : sentido figurado

É, pois, um mecanismo semântico que preside à passagem de Se 1 a Se 2 e que define e diferencia as diferentes categorias de tropos.

Não podemos deixar de referir o importante contributo da linguista Catherine Kerbrat-Orecchioni que articula de forma pertinente e arguta as problemáticas do tropo e do implícito, afirmando que os conteúdos implícitos fundamentam, em determinadas circunstâncias, a existência de um tropo.

Le trope n'est pour nous qu'un cas particulier de fonctionnement de l'implicite, se caractérisant par le fait que le contenu implicite y devient dénoté- ce qui peut encore une fois se produire quels que soient la nature et le statut du contenu implicite en question. (Kerbrat-Orecchini, 1986: 94)

Se existe um tropo, existe um duplo desvio: "une dénomination déviante du dénoté" e "une signification déviante par rapport à un sens considéré comme plus propre" (Kerbrat-Orecchioni, 1980: 64).

Os autores contemporâneos herdaram esta noção de desvio. Jakobson não despreza o seu uso. Jean Cohen baseia e fundamenta nele a sua *Teoria da Linguagem Poética*, que, na sua essência, consiste na "violação das normas da linguagem".

O Groupe μ designa "degré zéro" a norma e define a retórica como "un ensemble d'écarts". (Groupe μ , 1970: 45)

Podemos, pois, considerar o tropo como um acto denominativo de desvio ou como a atribuição a uma determinada sequência de um valor semântico-pragmático de desvio. Falar em tropo significa falar em desvio relativamente ao uso de uma norma. E, quando se percebe a existência de um conflito, um desajustamento entre o sentido literal ou primitivo e o sentido referido, identifica-se o tropo ou, também chamada, a figura de sentido.

Essa identificação requer obviamente uma competência linguística do sujeito que descodifica. Este deve conseguir isolar um sentido próprio no conjunto de sememas⁴ que constituem o significado do enunciado, no caso de um tropo lexicalizado; e deve reconhecer o sentido literal, que se liga à sequência em questão, no caso de um tropo de invenção.

⁴ Os semas organizam-se em grupo para formar os sememas- conjunto de traços semânticos distintivos de uma unidade lexical. Cf. *Vocabulaire de l'Analyse Littéraire*, Bergez, Géraud e Robrieux, Paris, Dunod, 1994, p.194.

2. A Metáfora

"...la metáfora es el objeto elementar, la célula bella"
(Ortega y Grasset, 1987:164)

Há uma irrecusável evidência da centralidade deste tropo.

Foi-lhe sempre votada uma enorme atenção nos mais diversos domínios disciplinares: na psicologia (pela importância da metáfora na aquisição da linguagem), na antropologia, sociologia, lógica, epistemologia, filosofia, psicanálise, linguística textual, etc.. Esta atenção especial, de uma tão vasta diversidade de áreas disciplinares, resulta, em nossa opinião, de um pressuposto comum: a função cognitiva da metáfora. "A metáfora como lugar das interpretações coloca-se no próprio coração da gnoseologia existencial contemporânea" (Rigobello, 1980: 43).

Já Aristóteles, nas reflexões que fez sobre este tropo, concluirá que a metáfora não era apenas um acrescento ornamental, mas que com ela se adquire conhecimento.

Tentaremos, pois, mostrar que a metáfora, tal como outros conceitos teóricos, corresponde a uma realidade fluida, imprecisa, indefinível e indelével que muda continuamente de forma, de limites, de sentido,

consoante a época em que é analisada, a teoria pela qual é examinada, a tradição cultural com que vem embuída.

Baseados no estudo de Jean Molino, Françoise Soubelin e Joëlle Tamine (cf. revista *Langages* nº. 54 , juin 1979), tentaremos, seguidamente, esclarecer as dificuldades de estipular os critérios que conferem esta ambiguidade a este conceito de metáfora.

2.1. Lugar da metáfora na teoria dos tropos

A) Qual o lugar da metáfora na teoria dos tropos?

Neste domínio distinguiremos dois tipos de metáforas: a geral e a restrita. A primeira abarca todo o campo dos tropos, ou seja, esta designação oculta todas as figuras de significação, independentemente da relação que possa existir entre termo próprio e termo figurado. É a visão aristotélica que serve de base às teorias contemporâneas e que se impôs a partir da segunda metade do século XVIII.

A segunda, a metáfora em sentido restrito, define-se por uma relação de semelhança ou de analogia entre o termo próprio e o termo figurado e opõe-se, deste modo, à metonímia e à sinédoque, definindo-se estas por relações de correspondência e conexão.

B) É mister considerar-se também que a metáfora joga com a relação sentido próprio ou literal e sentido figurado.⁵

Se pensarmos na palavra "pé", constatamos que esta tem, por um lado, o seu sentido próprio, real, etimológico, primitivo, que nos remete para "um órgão de locomoção animal" e, concomitantemente, possui um sentido secundário, figurativo, conotativo, tropológico, metafórico, referindo, por exemplo, "uma parte de uma mesa ou de uma cadeira".

Existem metáforas já lexicalizadas tão antigas, tão fossilizadas, e tão recorrentes no nosso discurso quotidiano que, do seu sentido real e primitivo nada resta.⁶

A língua é, pois, "un cimiterie de métaphores mortes, dont seuls quelques érudits ou amoureux de la langue possèdent la clef". (Molino et Tamine, 1979: 6).

C) Analisando sob outro ponto de vista, a metáfora coloca-nos continuamente perante o estudo dicotómico palavra/discurso. E, assim, é possível diferenciar a metáfora como tropo, centrada numa só palavra (metáfora simples) e a metáfora complexa ou contínua que engloba uma

⁵ A questão do sentido próprio é comum a toda a tradição retórica e surge nos trabalhos já citados de Cohen e do Grupo de Liège e, no fundo, corresponde ao conceito pseudo-estrutural de "degré zéro". Contrariamente, a noção de sentido figurado, na sua acepção corrente, provém da época neo-clássica. Cf. Bernard Lamy em *La Rhétorique ou l'Art de parler* (1671) (Sussex Reprints, Brighton, 1969, p.94) e Du Marsais (op.cit.,112)

⁶ As catacrezes utilizam-se não com uma função meramente estilística, mas com uma finalidade de denominação, dado que o léxico não permite designar determinadas noções e, assim, permite-se colmatar essa insuficiência. No entanto, operam, apenas, com base num sistema denotativo e quando se lexicalizam, esquecemos o seu carácter original de figuras de substituição. Cf. Fontanier, *Les Figures du Discours*, que distingue as catacrezes segundo a sua origem topológica e Searle (1982: 129) que afirma "Les métaphores qu'on dit mortes sont celles qui ont survécu", sendo esta também a tese de Lakoff e Johnson quando afirmam que são essas que nos fazem viver: "They are "alive" in the most fundamental sense: they are metaphor we live by". (op. cit.).

família de expressões que se desdobram ("métaphore filée et allégorie", segundo Fontanier).

D) Finalmente, deveremos ter em linha de conta um último contraste: o figurativo e o operativo. A relação que se cria entre o termo próprio e o termo subjacente pode ser de semelhança e fundamentalmente baseada na posse de uma qualidade comum, de âmbito visual ou táctil.

Outrossim, poderemos pensar, à guisa de Aristóteles, que a metáfora é uma figura próxima da comparação e da imagem.

A metáfora exige, pois, um acto de percepção, de comparação, de intelecção e implica uma procura, uma interrogação, uma descoberta de novas relações entre as coisas.

2.2. Contributos filosófico-linguísticos para o estudo deste tropo

Não partilhando da concepção ornamentalista que concebe a metáfora como simples exorno, vamos, pois, referir-nos às contribuições importantes de alguns estudiosos que, ao longo dos séculos, se debruçaram sobre este tema e que deram um contributo precioso para um aprofundado estudo, não só de âmbito filosófico, mas sobretudo linguístico.

Esta reflexão teórica, orientada diacronicamente, orientar-nos-á, posteriormente, na análise do discurso de base metafórico na obra que nos propusémos estudar: *A Lã e a Neve*, de Ferreira de Castro.

Imperioso se torna, *ab initio*, referir que a melhor introdução a este estudo consiste em calcorrear este longo e profícuo percurso histórico.

Existe uma verdadeira tradição ocidental que decorre desde a Antiguidade Clássica até ao século XIX que se denomina Retórica. Esta tradição prendia-se com a arte de falar para persuadir: "La Rhétorique est l'art de faire un discours qui puisse persuader, c'est-à-dire, éclairer l'esprit et attacher la volonté aux devoirs de la vie". (Gilbert, 1730: 636) e, ao longo dos séculos, analisou, inventariou, classificou, etiquetou, compilou e estabeleceu um sistema lógico com um grande número de formas linguísticas a que se deu o nome de "*figuras*". A Retórica, poder-se-á dizer, é uma tradição grega, tal como a geometria, a filosofia, a tragédia.

Seria muita pretensão, sem dúvida, abordarmos em escassas linhas as grandes etapas da história da metáfora, história esta intimamente ligada com a da retórica.⁷

Resumir dois milénios e meio de arte retórica é um trabalho exaustivo, utópico e até inexaurível. Isto mesmo constatou Roland Barthes que, nos anos 60, publicou um estudo sobre "Ancienne Rhétorique" na

⁷ A obra de W.A.Shibles - *Metaphor: An Annotated Bibliography and History*. Whitewater. Wis, 1971 encerra a bibliografia mais completa e pormenorizada sobre a metáfora. Veja-se, ainda, a obra de Claudine Normand, *Métaphore et Concept*, paris, 1976, 15-69, onde nos é facultado um quadro histórico sobre o estudo da metáfora no pensamento ocidental.

Revista *Communications 16* (Seuil, 1970), que é um documento muito útil para uma resenha histórica.

Os gregos inventaram uma "técnica retórica" que permitia defender uma causa e uma tese, quaisquer que fossem. Seguidamente inventaram a teoria da retórica, visando uma reflexão que conduzisse à sua compreensão.

Convirá, pois, referir os sofistas, designadamente Górgias e Protágoras que criaram a retórica enquanto discurso persuasivo e que impuseram a ideia eurística (diálogo conflituoso; do grego *éris*- luta, combate).

Platão (428- ~ 347) é posteriormente um crítico dos sofistas e define, de um modo assaz diferente, as exigências filosóficas da arte oratória. Distingue dois tipos de retórica: a logografia, que era apanágio dos sofistas e que visava persuadir tudo e todos, sem considerar a honestidade intelectual; e, por outro lado, a psicagogia que significa "formação de espíritos" e que era uma retórica filosófica que usava a dialéctica como método e que tinha como objectivo a procura da verdade.

Foi na Antiguidade grega que a metáfora foi definida como uma possibilidade lexical característica da eloquência. O termo aparece pela primeira vez em *Evagoras* de Isócrates (383 a.C.).

Aristóteles, seguindo os ensinamentos de Platão, vem instaurar uma nova ideia: a de que a Retórica não pode ser apenas a arte de persuasão, mas deve antes ser um modo de comunicar ideias. Fundou uma verdadeira retórica, de regras rigorosas que descodificam a complexidade da língua.

No século IV a.C., na *Poética*, o grande filósofo estagirista define, deste modo, a metáfora:

A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do género para a espécie, ou da espécie para o género, ou da espécie de uma para a espécie de outra ou por analogia. (Aristóteles trad.1986: 134)

A metáfora era, pois, considerada como a epífora do nome, ou seja, a transposição de um nome diferente - *allotrios* - nome esse que designa algo diferente. No fundo, esta teoria aristotélica é a precursora da que, séculos vindouros, se virá a designar teoria substitutiva, na medida que encara a metáfora como um pedido de empréstimo, a outro domínio, de um termo que vem ocupar o lugar de um -*substituens*- com um significado literal.

Esta concepção aristotélica da metáfora vai perdurar e, mesmo no período romano, sabe-se que os dois grandes retóricos, Cícero e Quintiliano, apesar de terem marcado o apogeu da retórica, pouco acrescentaram de inovador ao saber aristotélico. Quintiliano, contrariando em certa medida o saber aristotélico, apresenta a ideia de que a metáfora é uma comparação abreviada: "*In totum autem metaphora brevior est similitudo*". (Quintiliano, trad.1834). Afirma também que a metáfora (*translatio*) consiste em tirar a palavra do lugar que lhe é próprio e conduzi-la (*ducere*) segundo uma relação de semelhança (*per similitudinem*) para um lugar que lhe é estranho (*alienum*):

Metaphora enim aut vacantem locum occupare debet aut si in alienum venit plus valere eo quod expellit. (Quintiliano, I.O., VIII, 6, 18)⁸

⁸ Propomos a seguinte tradução: A metáfora, com efeito, deve ocupar ou um lugar vago, ou, se estiver a substituir outra palavra, deverá ter mais força do que essa outra que expulsou.

O ensino tradicional apresenta habitualmente a metáfora como similitude, na qual se dá uma elisão da partícula ou termo comparativo e, frequentemente, do termo a que se compara.

Distinga-se nesta trajectória a obra de Du Marsais (1730). Com muita pertinência, no seu tratado *Des Tropes* é assim definida a metáfora:

Une figure par laquelle on transporte, pour ainsi dire, la signification propre d'un nom à une autre signification qui ne lui convient qu'en vertu d'une comparaison qui est dans l'esprit.
(Dumarsais, 1730: I-4)

Devemos frisar nesta transcrição a originalidade da explicação: o mecanismo que serve de base à metáfora, a comparação, no sentido de analogia ou similitude, não se situa ao nível da linguagem, mas sublinhe-se com as palavras do autor: "dans l'esprit".

Outra obra marcante, neste percurso que nos propusémos traçar, é a de Pierre Fontanier - *Les Figures du Discours* (1830) que constituiu e constitui, ainda hoje, um verdadeiro tratado de sistematização da teoria dos tropos e das figuras. Na introdução notável de Gérard Genette, feita a esta obra, diz-se que o seu interesse reside, essencialmente, na junção de tropos e não-tropos sob a designação de figuras.

A perspectiva de Fontanier, considerada neo-clássica, retoma a essência das posições latinas: considerada como um fenómeno estritamente lexical, reduzida ao campo intacto da palavra, a metáfora é, assim, descrita

como substituição pontual de um termo próprio por um termo figurado com o qual estabeleceu determinadas relações. Fontanier vê na metáfora:

un trope par lequel, en vertu d'une certaine ressemblance entre deux idées, on présente l'une de ces idées sous le signe propre de l'autre. (Fontanier, 1968: 163).

Tarefa meritória dos neo-clássicos foi a classificação, ordenação e sistematização das relações entre os referentes desses termos: relações de similitude, correspondência e conexão. Para este retórico existia, pois, um domínio caracterizado por determinados semas ou traços distintivos que mostravam com toda a evidência qual a transposição ocorrida em determinada metáfora. Deste modo, Fontanier descreve as várias espécies de metáforas, tendo em linha de conta determinados pares de traços distintivos: animado/inanimado; moral/físico; concreto/abstracto.

Partilhando destes conceitos, os tratados da Idade Média continuaram relapsos e o interesse pelo estudo deste tropo estava, nessa época, intimamente ligado com o fervor do enigma, com o férreo desejo de interpretar as passagens das Escrituras e de atingir a Verdade Divina. Nesta época, profundamente teocêntrica, a metáfora justifica-se pelo receio e temor do divino, do sagrado: é uma concepção contemplativa, mística .

Com o Romantismo dá-se uma verdadeira mudança na história da metáfora: esta permite revelar o invisível e escrutar o desconhecido.

Independentemente da sucessão das escolas literárias, apercebemo-nos que este conceito de metáfora se mantém ao longo de todo o século XIX.

Refira-se a perspectiva de Gaston Esnault que define a metáfora como um facto cultural. Coloca este tropo no seio de uma abordagem cultural, civilizacional, que é motivo de análises no âmbito da mitologia e da etnologia.

La métaphore est une comparaison condensée par laquelle l'esprit affirme une identité intuitive et concrète. (Esnault, 1925: 170).

O critério de semelhança, presente na maioria das definições, com um carácter mais ou menos dissimulado, está longe, no entanto, de traduzir a ideia-base do processo metafórico.

A referência e a análise das concepções da Retórica Clássica e, posteriormente da Linguística Generativa não são vãs. Ambas mostram as marcantes diferenças que resultam da evolução no tempo; porém, uma análise mais profunda, mostrar-nos-á como em determinados passos. "la vena classica conecta con la arteria moderna através de una víscera llamada "desvío". (Tato e Espada, 1975: 14).

Brooke-Rose, na sua notável monografia sobre a metáfora, explica que há duas maneiras de encarar o problema:

i) analysis by a philosophical approach

ii) analysis by a linguistic approach

Ao primeiro método pertencem teses tão díspares como as que vão desde Aristóteles, a I.A. Richards, passando por Quintiliano, Cícero, os retóricos renascentistas e Bally, entre outros.

A autora postula que só através da "*linguistic approach*" se consegue explorar com êxito o domínio metafórico.

Já anteriormente Bickerton (1969) propusera, após ter estudado afincadamente as teorias precedentes, o estabelecimento de uma oposição rigorosa e estanque entre tentativas linguísticas e não-linguísticas, incluindo o autor, nestas últimas, a teoria aristotélica. (Bickerton, 1969: 34)

Todavia - e julgamos poder afirmá-lo seguramente - um dos aspectos que distanciam os pensamentos antigo e moderno, no que respeita à metáfora, é o seu estatuto de ornamento. Para os retóricos clássicos, como frisámos, uma das principais funções deste tropo era adornar, embelezar, retocar a linguagem. A linguística moderna, porém, rejeita totalmente esta concepção e defende que a metáfora é um fenómeno inerente à própria linguagem, ou seja, a metáfora é linguagem.

A oposição jakobsiana entre metonímia e metáfora é baseada numa relação de contiguidade, no primeiro caso e de similaridade, no caso metafórico.⁹

Dorothy Mack refere-se à teoria dos actos de fala de Austin e à gramática transformacional para explicar as comparações ("*similes*") e as metáforas. Apoia-se também na noção implícita de comparação:

Without the notion of comparaison in some deep or abstract figure, we will find it difficult to explain the non-equative, attributive function of metaphoring. (D. Mack, 1975: 223).

⁹ Cf. M. Bonhomme, *Linguistique de la Métonymie* (Peter Lang, Berne, 1987). O autor propõe a designação "cotopie" para a relação sémica que une o sentido próprio e o sentido figurado

Paul Ricoeur, um dos autores que abre caminho para uma semântica da metáfora, é o primeiro a encará-la numa perspectiva dinâmica (segundo a terminologia de Joëlle Tamine) que se baseia na noção de "*voir comme*".

Si la métaphore consiste à parler d'une chose dans les termes d'une autre, ne consiste-t-elle pas aussi à percevoir, penser ou sentir, à propos d'une chose, dans les termes d'une autre? (Ricoeur, 1975: 109)

A semelhança não é objectiva, inscrita nas realidades, mas resulta de uma actividade mental, de um "*voir comme*" subjectivo:

C'est de cette manière que l'expérience-acte du "*voir comme*" assure l'implication de l'imaginaire dans la signification métaphorique. (idem: 270).

No fundo, é uma perspectiva que se fundamenta na psicologia. A metáfora é concebida como uma actividade do espírito, é descodificada através dos mecanismos das operações lógicas: é uma forma de aquisição e de construção de conceitos.¹⁰

Seguidamente não podemos deixar de referir as teorias linguísticas do Groupe μ .

¹⁰ A bibliografia neste domínio é vasta. Citem-se como exemplos as seguintes obras : "A Cognitive Developmental Study of Metaphor Comprehension", *Development Psychology*, 11, 1975, um artigo de assinalável interesse de R. M. Billopp, p.415-423; M.A.K.Halliday, *Language as Social Semiotic. The Social Interpretation of Language Meaning*. London: Edward Arnold ; o estudo de V.F. Reyna, "Figure and Fantasy in Children Language", *Cognitive Learning and Memory Children- Progress in Cognitive Development Research*. New York: Sprig-Verlag e, por último, a tese de Mestrado, apresentada à Universidade do Minho em 1989 por E. Fonseca: *A Compreensão da linguagem figurada pela criança- O ensino/aprendizagem do português*. Braga, p.77-90.

Os seus autores tentaram uma definição linguística para a metáfora e essa definição assenta na ideia de "*scandale sémantique*", considerando o uso normal da língua.

Este grupo de Liège segue uma perspectiva exclusivamente semântica: as metáforas explicam-se através da substituição de termos que possuam, pelo menos, um sema comum.

Posteriormente, provou-se que a análise sémica, na interpretação de um enunciado metafórico, era insuficiente, já que é impossível definir um número finito de semas que constituam o significado de uma unidade lexical, pois, cada contexto pode suscitar sempre novos semas. Esta pseudo-explicação sémica não revela, portanto, o fundamento do tropo.

Consideramos também pioneiro o estudo de I.A.Richards (1936). Para este autor a semântica da metáfora ignora a dualidade de uma teoria dos signos e constrói-se baseada directamente na "interanimação das palavras" no enunciado. Há , pois, uma "interpenetração das partes do discurso" na base de uma "transacção entre contextos" e, deste modo, se edifica a teoria da interacção, modelo teórico de análise dos enunciados metafóricos.

É principalmente no uso quotidiano que se surpreende o enunciado metafórico, como veremos mais adiante.

Contrariamente a Aristóteles, que considerava a superioridade e o domínio metafóricos como dons do génio, Richards, citando Shelley escreve:

Language is vitally metaphorical, that is marks the before unapprehended relations of things and perpetuates their apprehension, until words, which represented them, become, through time, signs for portions or classes of thought instead of pictures of integral thoughts: and then, if no new poets should arise to create afresh the associations which have been thus disorganised, language will be dead to all the noble purposes of human intercourse .(Shelley, 1936)

Richards designa a ideia subjacente ao enunciado metafórico "*tenor*" e a ideia através da qual a primeira é apreendida "*vehicle*". É, pois, a presença destes dois elementos e a sua interacção mútua que dá origem à metáfora. Este mesmo autor adianta-se, enunciando através destes dois conceitos, a diferença entre sentido literal e sentido metafórico: se não pudermos distinguir "*tenor*" e "*vehicle*", então estamos em presença de uma expressão inteiramente literal.

Tal como Richards, Max Black surpreende a metáfora ao nível do uso ordinário da linguagem.

O texto de Max Black , *Models and Metaphors* (Black, 1962) expõe os princípios que permitirão falar de uma teoria interaccional.

A esta concepção está ligada a de Umberto Eco: "representação semântica em forma de enciclopédia". Eco diz:

Não existe um algoritmo para a metáfora: a metáfora não pode ser determinada com o auxílio de um computador, independentemente do volume de informação organizada que nele possamos introduzir. O resultado da metáfora depende do formato sociocultural dos sujeitos interpretantes. (Eco, 1988: 187)

Esta teoria interaccionista da metáfora considera a metáfora insubstituível e o grande mérito de Black foi o de colocar o problema do valor cognitivo e encarar as duas escolhas do binómio que se estabelecera na concepção da metáfora: esta era vista como um erro ou desvio do sentido literal ou, por outro lado, era encarada como um fenómeno de expressividade. Para Black, a metáfora, longe de ser ilusão ou emotividade puras, é criação de sentido, é portadora de informação, é inovação semântica.

Neste modelo, da palavra ou expressão tradicionalmente consideradas isoladas, passa-se ao **enunciado metafórico**, caracterizado pela interacção ou tensão entre o termo metafórico ("*focus*") e o segmento do contexto que com ele se relaciona ("*frame*").

Calcorreámos pacientemente este longo e exaustivo caminho, onde as abordagens se sucedem, se contrariam, se instauram, se modificam, se aperfeiçoam.

A concepção da retórica clássica, retomada por Dumarsais até Fontanier e até ao Grupo μ , que é uma concepção estática, ou seja, considera que a metáfora se alicerça num conjunto de traços ou de semas comuns (e a terminologia varia segundo a época e o autor) dos dois termos cotejados.

No fundo, quer a relação de semelhança (clássica), quer a intersecção sémica, assentam sobre os elementos comuns dos significados dos termos próprio e metafórico.

A outra concepção, que colocámos em destaque, e que se opõe radicalmente à anterior, é a concepção dinâmica da metáfora. Ilustrou-a Max Black e, como vimos anteriormente; para este autor, a metáfora é uma troca, é uma interacção entre os traços semânticos dos termos próprio e figurado.

Deste modo, a metáfora "selects, emphasizes, suppresses and organizes features". (Black, 1962: 44)

Parece-nos que ambas as concepções enfermam da mesma lacuna: partem do princípio que a relação presente num enunciado metafórico implica apenas dois termos. E esses termos apresentam diferentes etiquetas: para I. Richards são o "*vehicle*" e o "*tenor*", para Black são o "*focus*" e o "*frame*".

Joëlle Tamine propõe outra terminologia, considerando que os dois termos são insuficientes. A autora propõe um termo próprio paradigmático, um termo próprio sintagmático e um termo metafórico, podendo estar todos implicados ou apenas um. Para Tamine:

La sémantique n'y intervient que négativement - pour qu'il ait métaphore, il faut que les termes rapprochés ne soient pas compatibles- et c'est la syntaxe qui, moyennant cette condition, supporte la figure: pas de métaphore sans syntaxe, et, par conséquent, pas de métaphore ailleurs que dans le langage, sinon précisément par un emploi figuré du mot. (Tamine, 1979: 80)

Tamine mostra, pois, que toda a figura implica uma sintaxe própria e acusa a semântica contemporânea de analisar este tropo, à exaustão, inglória e infrutiferamente, apenas com base nos traços distintivos.

A perspectiva de Tamine, subscrita por Molino e Soublin, enquadra-se na de Black e permite atingir o cerne da questão metafórica através de uma análise de analogias que se desencadeiam cotextualmente.

Distanciados noutros enlevos e noutras predicacões estão os estudos de Lakoff e Johnson.

Há que distiguir na trajectória destes linguistas da Universidade de Chicago a pertinácia e a coerência do estudo minucioso que empreenderam sobre a linguagem do nosso quotidiano, apresentado sob o título "*Metaphors we live by*".

La métaphore envahit tout notre système conceptuel. Parce que beaucoup de concepts qui sont pour nous importants sont soit abstraits, soit non clairement définis dans notre expérience (les émotions, les idées, le temps, etc.), nous devons les saisir au moyen d'autres concepts que nous comprenons en termes plus clairs (les orientations spatiales, les objects, etc.). (Lakoff e Jonhson, 1980, trad.1985:125)

Largo mérito para estes autores que revelam que a metáfora não é apenas uma simples forma de falar ou de pensar: ela constitui a nossa experiência do mundo e domina os conceitos e as rotinas do nosso quotidiano.

Largo mérito para estes autores que revelam que a metáfora não é apenas uma simples forma de falar ou de pensar: ela constitui a nossa experiência do mundo e domina os conceitos e as rotinas do nosso quotidiano.

Para Lakoff, todo o nosso sistema conceptual, de que nos servimos para pensar e agir é de natureza metafórico: o tempo é tratado segundo o modelo do espaço, a discussão, segundo o modelo da guerra, ou seja, compreendemos os conceitos em termos de metáforas sistemáticas ("o amor é uma viagem , a discussão é a guerra, o tempo é dinheiro, etc.").

A metáfora surge, assim, como estratégia, como mecanismo cognitivo que, a partir de relações de semelhança e do concretismo posto na encenação de certas situações-intriga, leva à apreensão imediata de saberes ordenados, estruturados e à compreensão, por comparação subjacente, de conhecimentos que a percepção directa não pode veicular.¹¹

¹¹ Maria Emília Ricardo Marques, "Descrição e explicação metafórica: a metáfora na divulgação científica: um exemplo bélico", *Actas do III Congresso Luso-Espanhol sobre Ensino de Línguas de Especialidade*. Universidade de Évora. 1993.

2.3. Funções da metáfora

A retórica tradicional e designadamente a latina, desde Cícero a Santo Agostinho, atribui à linguagem três funções: *docere*, *placere* e *movere*.

Docere consiste em transmitir uma informação, *placere* pode entender-se como a expressão da função estética e *movere* encerra a função de persuasão ou conativa.

1. A primeira função *docere* corresponde, pois, à transmissão de uma informação. A metáfora, segundo Le Guern, consiste na formulação sintética de um conjunto de elementos de significação que dizem respeito ao significado usual e corrente da palavra e que são compatíveis com o novo significado imposto pelo contexto e o emprego metafórico.

Baseados na leitura do §8195 da obra de Bally (Bally, 1951) e, considerando que uma das maiores imperfeições do espírito humano é a incapacidade de abstracção total, ou seja, a impossibilidade de conceber uma ideia fora do contacto da realidade concreta, poderemos enunciar, dentro desta primeira função dois domínios particulares:

a) - um domínio cognitivo, no qual entendemos a metáfora como uma forma de tornar o conhecimento um acto marcado afectivamente. Assim, a sua formulação dá ao "outro" (leitor ou interlocutor) directivas emocionais. A metáfora, ao estabelecer novos elos de ligação, modifica o nosso conhecimento do mundo.

La métaphore unit ce qui est à la fois semblable et dissemblable; elle est la forme même de la connaissance créatrice qui fait la synthèse du divers et unit semblables et contraires dans une totalité organique et vivante. (Molino, 1979: 16)

Le Guern afirma que a metáfora cognitiva tem uma função capital na linguagem amorosa, na linguagem religiosa e na poesia (Le Guern, 1973: 72). Nesses três domínios, o locutor tenta exprimir o inefável. Na poesia foi, sobretudo, a partir dos românticos que a dimensão cognitiva foi privilegiada. É, pois, o processo estilístico essencial numa vertente hermenêutica, da procura das correspondências, das identidades secretas. Baudelaire afirmava: “Au commencement du monde étaient l’analogie et la métaphore” e Mallarmé retorquiu a esta afirmação dizendo: “Je raye le mot *comme* du dictionnaire”. A poesia simbolista confirmou esse poder totalizador da metáfora. Lembremos, a este propósito Camilo Pessanha que insistiu na atribuição desse equivalente espiritual a todo o elemento natural. Assim se entende o que separa a metáfora e a comparação. Esta associa dois referentes e impõe uma visão dupla dos elementos interligados; a outra, a metáfora corresponde a uma procura da unidade. Ousamos afirmar que a comparação conserva no seu processo cognitivo uma dimensão espacial e temporal, que tendem a ser abolidas no caso da metáfora.

b) um domínio denominativo, ou seja, a metáfora permite em múltiplos casos, atribuir um nome a determinadas realidades, objectos ou conceitos para os quais a língua corrente não fornece um termo próprio. Daí que seja esta uma das funções mais divulgadas da metáfora: a do enriquecimento lexical.

c) um domínio didáctico, na medida em que o raciocínio metafórico assume uma função de explicitação, ou seja, "dá a compreender".

Grâce à une vision stéréoscopique qui nous oblige à regarder deux termes en un seul coup d'œil, nous opérons une redescription du monde et acquérons de nouvelles connaissances.(idem)

Encontra-se este tropo em discursos de carácter filosófico, moral, espiritual e até científico, nos quais o comparante pertence ao domínio do sensível.

2. Por outro lado, na segunda função *placere* encontram-se as motivações mais importantes que presidem ao uso da metáfora.

A tradição retórica quis incutir-lhe um papel de ornamento estilístico, puramente decorativo. Esta função ornamental, como referimos anteriormente, era a função em destaque na retórica clássica. Estava associada tradicionalmente ao discurso poético, ao discurso descritivo e visava ornar o discurso e embelezar o referente. Assim se explica que a grande maioria dos trabalhos sobre a pertinência metafórica se desenvolvam em textos poéticos.

3. Propositadamente para o final, reservámos a função *movere*: explicitar, persuadir, emocionar, provocar reacções, são estes os objectivos que se pretendem atingir. A metáfora, como mecanismo argumentativo, está mais próxima da persuasão afectiva do que da convicção lógica.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1988: 39-40), a metáfora está subjuntiva ao discurso argumentativo por analogia. A estratégia consiste em passar de um domínio próprio - "*le thème*" (segundo Perelman) a um domínio desconhecido - "*le phore*".

Todavia, mesmo estas metáforas que encerram um carácter singularmente argumentativo tendem a provocar uma reacção afectivo-sensível, ou seja, os enunciados metafóricos acarretam uma carga afectiva e seduzem através de uma série de argumentos que o raciocínio lógico jamais poderá controlar.

É nossa opinião que todas as metáforas exprimem um juízo de valores, dado que a imagem que introduzem, subtil e inconscientemente, interpela-nos e provoca uma reacção afectiva.

Assim, neste nosso trabalho, centraremos a nossa atenção no carácter explicativo, descritivo e, conseqüentemente, emotivo do texto literário escolhido, porque:

la métaphore a le plus souvent pour fonction d'exprimer un sentiment qu'elle veut faire partager: c'est là qu'on doit chercher la plus importante de ses motivations. (Le Guern, 1973: 75)

3. Abordagem Sintáctica vs. A abordagem Semântica

Recordemos que a metáfora, como princípio linguístico, universal assenta na percepção e/ou na criação de uma analogia entre dois referentes, em termos linguísticos, o comparado e o comparante.

Podem, pois, seguir-se duas vertentes no estudo deste tropo:

- a primeira onde se realça a forma linguística da expressão metafórica, podendo, assim, enveredar-se pelo estudo sintáctico (quais os modos de construção da metáfora?);
- a segunda, baseada num estudo semântico (quais são as transferências de significação que a fundamentam?).

3.1. Abordagem sintáctica

Sem entrar em detalhes profusamente estudados pela linguista francesa Joëlle Tamine, esta abordagem sintáctica, imprescindível na análise de um enunciado metafórico, permitirá opor dois tipos de metáforas:

1. Metáforas *in praesentia* que se constróiem com base numa relação contextual entre um comparado e um comparante.

Na metáfora *in praesentia* x é y . Há uma identificação de dois elementos e, assim da comparação implícita (x é como y), passa-se à assimilação.

Há, pois, uma implicação da expressão de analogia que é parcial (a forma verbal "é" designa uma identidade, mas sugere uma analogia, uma semelhança. (cf. Kerbrat-Orecchioni, 1977: 149-155)

Em geral, este tipo de metáfora constrói-se a partir de substantivos (ou dos seus equivalentes verbais no infinitivo) que mantêm a relação de analogia através do verbo *ser* ou através de uma forma de aposição, por exemplo através da preposição *de*.

Mesmo que a razão que presidiu à aproximação entre os dois substantivos não seja clara e evidente, trata-se sempre de uma comparação explícita.

Exemplo:

"Da banda da Nave de Santo António surgira uma **baforada de nevoaça**, logo outra e outra e, em seguida, compacto nevoeiro, que descia para o vale".(F.C., 63)

2. As metáforas *in absentia* constróem-se com base numa relação de substituição: o ponto de partida da construção imaginária, ou seja, o comparado, não está expresso. O interlocutor, o leitor, apenas apreende o comparante. Esta construção substitutiva encerra uma estratégia de enigma.

Por seu turno, podemos considerar que as metáforas *in absentia* apoiam-se no verbo ou no adjectivo.

Neste tipo de metáforas, o comparante não está expresso (está, pois, implícito) e, assim, o enunciado metafórico sugere e não impõe, cria

impressões, "ouvre un centre visible dans le champ aveugle du discours".(Molino, Soublin, Tamine, 1979: 35)

Na metáfora *in absentia*: y (que, por sua vez, remete para um x implícito) revela que existe uma implicação total: há uma ausência de indicadores de distância entre x e y .

Exemplo:

"O ar chiava e houve um gemer de pedra fino, cortante que pairou a enervar tudo".(F.C., 68)

Podemos, pois, considerar que não há apenas um tipo de metáforas: mesmo que estas análises sintáticas se tornem divergentes, devemos encará-las preferencialmente como complementares.

Esta oposição *in praesentia/in absentia* conduz-nos a um comentário: contrariamente ao que se pensa, não se trata de uma dicotomia surgida com o classicismo; é mesmo muito recente. Não encontramos na vasta bibliografia pesquisada, nenhuma referência a esta oposição antes da publicação em 1970 da *Rhétorique Générale* do Groupe μ . Foi retomada por Le Guern em 1973 e sistematizada nos trabalhos de Tamine.¹² Esta distinção resulta, de facto, da aplicação à metáfora de uma dicotomia saussuriana: no *Cours de Linguistique Générale* qualificam-se respectivamente de *in praesentia* e *in absentia* as relações sintagmáticas e as relações associativas (mais tarde designadas paradigmáticas)¹³

¹² J. Tamine, *Description Syntaxique du sens figuré: la métaphore*, Thèse d'État, Paris VII, 1978; F. Soublin e J. Tamine, "Le paramètre syntaxique dans l'analyse des métaphores", *Poetics*, IV, 1975, 311-328.

¹³ F. Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, Payot, 1972, p.171: "Le rapport syntagmatique est *in praesentia*; il repose sur deux ou plusieurs termes également présents dans une série effective. Au contraire le rapport associatif unit des termes *in absentia* dans une série mnémonique virtuelle".

Esta abordagem sintáctica mostra a variedade e a subtileza das construções metafóricas. Todavia, ela constitui apenas uma iniciação ao estudo dos mecanismos semânticos.

3.2. Orientação da metáfora

Podemos também pensar nas diferentes orientações da metáfora. Assim, distinguiremos:

a) a metáfora **dextrógira**, que é a mais frequente, em que o enunciado se processa do comparado para o comparante ($x \rightarrow y$), do conhecido para o desconhecido, do real para o imaginário. É um percurso progressivo, *en crescendo*.

Exemplo:

"Um sol de prata a arder estadeava-se em céu azul e, de tanta limpidez, que a grande redoma dir-se-ia mais espaçosa do que noutros dias". (F.C.,75)

b) inversamente encontramos a metáfora **levógira** que se apresenta sob a forma **y de x**. Apresenta-se, assim, a representação figurada ou metafórica em primeiro lugar, sem que o elemento comparado modifique o aspecto do enunciado.

A levógira apresenta-se, pois, do desconhecido para o conhecido. Representa um enigma momentâneo e provoca um efeito de

suspensão, por vezes de incompreensão e sugere uma maior curiosidade.¹⁴

Exemplo:

"Era um trecho apenas, umas pinceladas de branco, vermelho e escuro num fundo verde de campos agricultados e de florestas". (F.C., 35)

3.3. Transferência de significação

A metáfora assenta na ruptura de isotopias. A associação de semas genéricos ou específicos, em princípio incompatíveis, anula as categorias lógicas e impõe uma recategorização, uma redistribuição subjectiva, onde se manifeste uma visão pessoal e imaginária do mundo.

Transferência de semas

a) concretização do abstracto

É um dos mecanismos mais frequentes que ocorre na metáfora: uma experiência intelectual é transformada numa experiência sensível.

Exemplo:

"De súbito, Horácio pôs freio à sua loquacidade". (F.C., 18)

¹⁴ Uma análise aprofundada sobre a orientação da metáfora, com exemplos e esquemas esclarecedores pode encontrar-se na rubrica "Métaphore" do *Dictionnaire de Poétique et Rhétorique* de Henri Morier, Paris: Presses Universitaires de France, 645-717.

b) do não-humano ao humano

personificação/antropomorfismo

A representação da natureza exprime-se através de metáforas que implicam ou transmitem uma visão animista do mundo.

Exemplo:

"Da banda da Nave de Santo António surgira uma baforada de nevoaça".(F.C., 29)

"...E houve um gemer de pedra fino, cortante que pairou a enervar tudo".(F.C., 18)

Realmente Ferreira de Castro, para humanizar e dar alma à natureza, faz um uso recorrente e obsessivo deste tipo de metáforas que acabámos de citar e à sua utilização presidiu certamente o sentimento de animização da natureza .

c) do humano ao não-humano

Esta é uma das utilizações específicas que transmitem, por vezes, uma visão caricatural, raiando a sátira e até a injúria e consiste em isolar um determinado traço e através do enunciado metafórico, hiperbolizá-lo.

Exemplo:

"- Súcia de burros !- exclamou, com desprezo o velho. E, depois, ruminando a sua discordância, calou-se como os demais".(F.C., 99).

Apesar do exemplo citado ter sido extraído da obra que analisámos, urge dizer que este tipo de utilização metafórica é rara no nosso *corpus* literário, sendo, porventura abundante em discurso oral afrontoso de cariz popular.

PARTE II

**PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E
PRAGMÁTICA DO TEXTO METAFÓRICO**

PARA UMA ANÁLISE SEMÂNTICA E PRAGMÁTICA DO TEXTO METAFÓRICO

1. Semântica da Metáfora

Tourangeau & Sternberg, analisando as teorias acerca da metáfora em *Understanding and Appreciating Metaphors* (1982) distinguem três orientações que permitem apreciar o complexo fenómeno metafórico:

1.1. Concepção comparatista

Fundada no pensamento retórico clássico, tende a definir o conceito de metáfora com base na comparação. Essa comparação, contrariamente ao que sucede no símile, é, no caso metafórico, implícita.

Nesta abordagem, a metáfora consiste numa comparação na qual um dos elementos - o comparado, sujeito da comparação ou tenor (consoante as terminologias dos diferentes autores, já expostas anteriormente) tem alguma semelhança com o outro elemento - comparante ou veículo.

A clareza e a evidência da metáfora reside, pois, na analogia. A metáfora tem, contudo, a vantagem da brevidade: é mais concisa e permite apreender mais facilmente, ou seja, segundo esta concepção, o descodificador procura um domínio comum, ou uma categoria, a que o comparado e o comparante pertençam em simultâneo.

Tomemos um exemplo:

(1) Maria é uma pulga

Maria pertence à classe [+ Humano] e pulga à classe [+ Animal].

Maria (A) tem um tamanho reduzido.

Pulga (B) possui, entre outras características ou propriedades a de "pequena dimensão".(cf. Charaudeau, 1992: 87)

Temos, então:

Maria é uma menina	pequeno tamanho
A classe X	propriedade Z
A pulga é um animal	pequeníssimo tamanho
B classe Y	propriedade Z

Há, pois, um domínio comum, uma propriedade que, neste caso, é a pequena dimensão. Obviamente que se quiséssemos continuar a descodificação, poderíamos apontar como características comuns: o movimento saltitante, o carácter estático/dinâmico.

Uma variante desta teoria afirma que não há apenas comparação, mas também transferência de sentido: o descodificador compara o teor e o veículo e transfere os traços semânticos do comparante (no caso do exemplo (1)- dimensão, dinamismo) para o comparado.

1.2. Concepção anomalista

É também designada por substitutiva (Ortony, 1979: 10 - designa-a por "*the substitution view*").

Esta concepção realça precisamente o contrário da anterior, na medida em que a metáfora não vai ser definida e interpretada com base nos traços de semelhança, mas sim pelas diferenças existentes entre comparado e comparante. Estas dão origem a uma anomalia que se expressa sob formas mais complexas, mais incongruentes, mais inovadoras.

Bazell já havia apontado que uma das possibilidades de criar uma metáfora era aludindo a algo que não existisse na Natureza (entendida esta num sentido vasto), realçando a anomalia semântica e a falsidade empírica. (cf. Bickerton, 1969: 38-9). Para este autor, uma metáfora como "disciplina férrea" (ou de ferro) mostrava essa incongruência: na Natureza não existe nenhuma realidade designada "disciplina" que se possa construir com "ferro". Esta metáfora lexicalizada ou catacrese exemplificaria, pois, o caso exposto da anomalia. Bickerton demonstra, porém, que nem sempre as contravenções da natureza são metáforas. Critica, pois, a relação que se tenta estabelecer entre metáfora e o conceito de semânticamente anómalo .

No artigo *Metaphor: Theoretical and Empirical Research* (Ortony, Reynolds e Arter, 1978) define-se metáfora evocando a inadequação ao contexto - "*contextually anomalous*", ou seja, é necessário o pressuposto do conhecimento contextual para a compreensão da metáfora.

1.3. Concepção interaccionista

Segundo esta orientação, a metáfora não se fundamenta na existência de semelhanças ou anomalias entre o comparado e o comparante. Esta teoria pretende dar-nos uma interpretação cognitiva da compreensão e descodificação da metáfora. Teve como principal mentor Ivor Amstrong Richards (1936) e é, ainda hoje, comumente aceite. Este trabalho de Richards foi inovador, na medida em que apresentou, pela primeira vez, a metáfora não como uma figura que se limita à denominação, mas como envolvendo a semântica da frase, sendo, na sua essência, um fenómeno de predicação (Ricoeur, 1976: 49-50).

Richards estabeleceu uma distinção entre tópico ou teor (*tenor*) e veículo(*vehicle*), sendo o teor a ideia em questão que pode estar ou não expressa no discurso e veículo a ideia sob cujo signo a primeira é apreendida. O traço ou traços de sentido que estes dois termos apresentam em comum constituem o fundamento (*ground*) da metáfora.

Ortony ilustra estas noções com o seguinte exemplo:

(...) consider *The man is a wolf* uttered by someone intending to speak metaphorically. The tenor is *man*, the vehicle is *wolf*, the ground is the comparative relationship between the two, and the tension is, or is caused by, the literal incompatibility between men and wolves. Thus, there is a sense in which the total meaning is exhausted by the conjunction of the ground and the tension of a metaphor. (Ortony, 1980: 350)

Perfilhando as ideias desta teoria de interacção semântica, Max Black isola a expressão metafórica do seu contexto não metafórico e introduz as noções de foco (*focus*) e quadro(*frame*). Black não se limita a propor uma nova terminologia . Após um aturado estudo sobre as teorias clássicas de explicação do fenómeno metafórico, ele categoriza-as em dois grandes grupos:

- um , presidido por uma concepção comparativa, em que a metáfora é entendida como uma comparação abreviada;
- o outro grupo, subordinado às teses substitutivas, em que a metáfora é reduzida à mera substituição de um nome por outro.

No que respeita ainda à interacção metafórica, Reinhart (Reinhart, 1980) distingue dois tipos de interpretação:

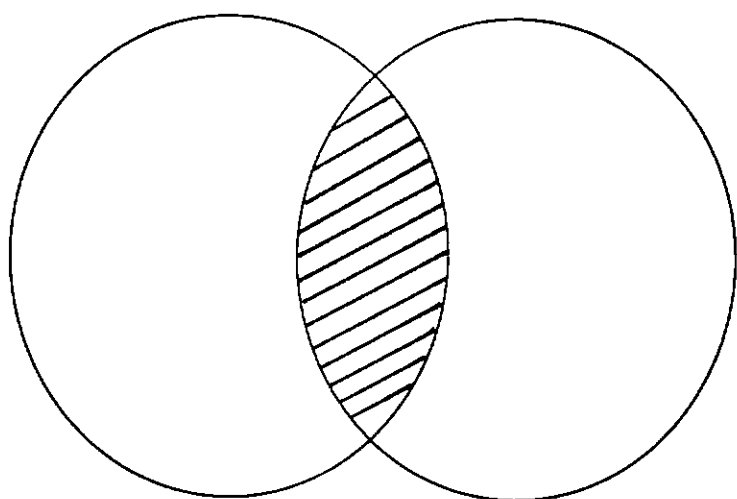
- a interpretação pelo foco (*focus interpretation*), que permite a compreensão da metáfora de uso corrente;
- a interpretação pelo veículo (*vehicle interpretation*), necessária para a descodificação da metáfora literária.

O exemplo que a autora apresenta é um verso de T.S. Elliot:

*I have seen the mermaids
riding seawards on the waves*

em que *riding* pode ser entendido como *floating* (interpretação pelo foco) e *waves* como *horse* (interpretação pelo veículo).

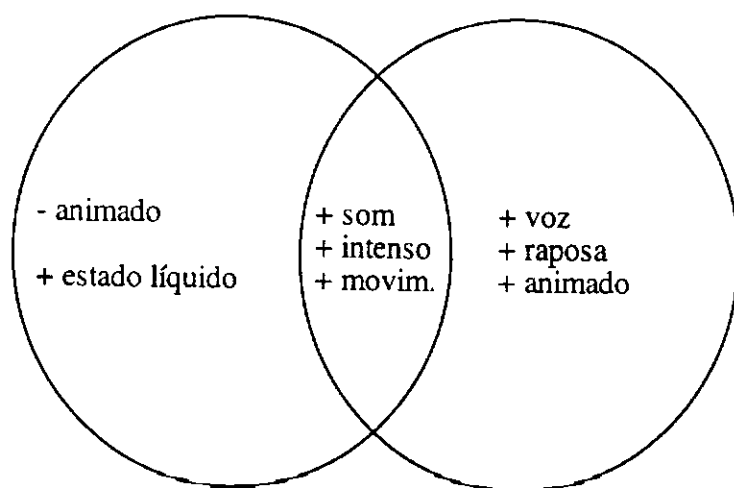
Alguns autores (Morier, 1961, Reeder, 1986 e Collot, 1987) esquematizam a intersecção sémica entre os dois elementos da metáfora do seguinte modo:



A zona de intersecção representa, assim, todos os semas comuns ao enunciado metafórico e estes permitem que o tropo seja entendido como uma interacção dos dois termos.

Vejamos a partir de um exemplo de uma unidade metafórica simples do nosso *corpus*.

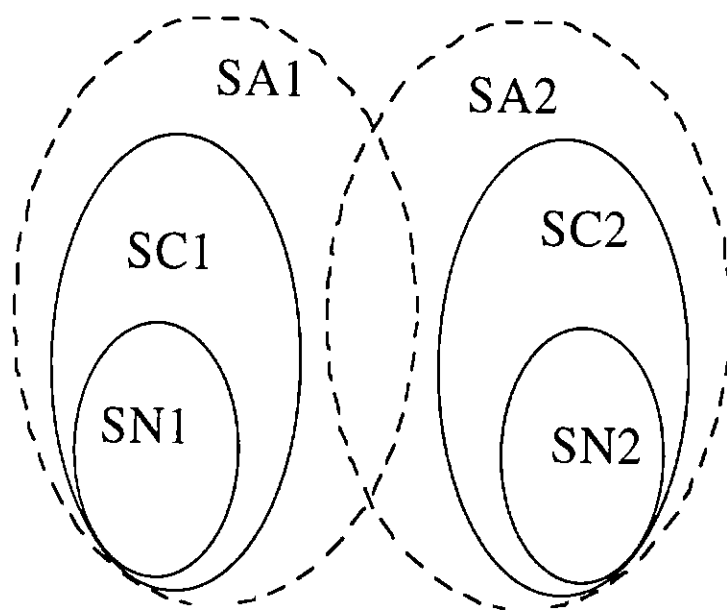
"O Zêzere regougava" (F.C., 31.70)



Esta intersecção sémica nem sempre existe e quando existe pode situar-se não ao nível de semas nucleares mas de semas contextuais e de semas associados por conotação.

Michel Collot salienta que a aproximação entre comparado e comparante nem sempre assenta numa interacção sémica pré-existente na língua mas "le plus souvent, en poésie, notamment, produit elle-même cette communauté de sens".

E documenta a afirmação com o seguinte esquema :



SN = Semas nucleares

SC = Semas contextuais

SA = Semas associados

Collot comenta este esquema, afirmando:

Les pointillés utilisés dans le schéma sont destinés à suggérer l'extensibilité de cet horizon qui fait communiquer à distance les termes de la figure. Le propre du discours poétique, c'est de créer pour les mots des contextes nouveaux, et donc aussi des sèmes contextuels inédits qui leur permettent de contracter les alliances imprévues avec des mots très distants de leur champ sémantique habituel. C'est dire aussi que l'interprétation d'une figure poétique implique la considération des divers contextes dans lesquels ses termes s'inscrivent: contexte propre (celui du verbe, de la strophe, du poème), mais aussi contexte lointain (celui du recueil, voir l'œuvre entière), qui renvoie en dernier recours au contexte extra-linguistique d'une certaine expérience du monde. On ne peut lire correctement une figure qu'un rapport avec tout son horizon contextuel. (Collot, 1987: 81)

Também Ortonys, Reynolds e Arter (1978: 921-926) assumem esta teoria e referem que a anomalia semântica dos enunciados metafóricos se torna evidente na relação com o contexto. Definir-se-ia, então, a metáfora, pela compreensão como "*contextually anomalous*", ou seja, como uma inadequação ao contexto do enunciado quando interpretado literalmente.

2. Sentido Literal. Sentido Figurado. Sentido Metafórico

O sentido literal é geralmente considerado como o sentido de uma frase quando esta é interpretada fora do contexto. Searle (1982) opõe-se radicalmente a esta concepção e propõe que consideremos que a noção de sentido literal só faz sentido quando ligada a um plano de fundo informativo.

A proposta de Searle defende a seguinte tese que sintetizaremos em quatro pontos que julgamos significativos:

- i) o sentido literal não corresponde à significação da frase fora do contexto;
- ii) o sentido literal da frase - dado pelas condições de verdade ou de satisfação - depende das hipóteses do plano da enunciação;
- iii) o sentido literal da frase é relativo, o que não quer dizer que seja inexistente;
- iv) há uma distinção básica entre o sentido literal de uma frase e o sentido da enunciação do locutor que emite essa frase.

O problema do funcionamento da metáfora reside em saber como, a partir do sentido da frase, o interlocutor pode perceber o sentido da enunciação do locutor.

Searle enuncia os princípios que permitem passar de um para outro e distingue, assim três etapas na interpretação das metáforas, limitando-se, contudo, aos exemplos em que o sentido da frase é **S é P** e o sentido da enunciação é **S é R**:

- etapa 1:** Determinar que se trata de um enunciado metafórico;
- etapa 2:** Calcular com base num conjunto de estratégias ou princípios os valores possíveis de **R**;
- etapa 3:** Limitar o domínio de **R**.

A estas três etapas correspondem respectivamente três estratégias :

estratégia 1: Quando a enunciação, encarada literalmente, é defeituosa, devemos procurar um sentido da enunciação que difira do sentido da frase;

estratégia 2: Para todos os valores possíveis de **R**, quando ouvimos **S** é **P**, devemos procurar saber em que medida **S** pode ser semelhante a **P**, ou seja, procurar os traços salientes e distintivos de **P**;

estratégia 3: Devemos voltar ao termo **S** e analisar quais os possíveis candidatos ao valor de **R** constituem possíveis propriedades de **S**.

3. Particularidades da Metáfora. Malformação Lexical

A Retórica Clássica definia o discurso figurado como um desvio em relação a uma norma e a metáfora como um tropo por semelhança.

Procurou-se, ao longo dos tempos, uma qualquer particularidade linguística que explicasse o mecanismo metafórico. Concluiu-se que essa especificidade não se situava no domínio sintático, maugrado o mérito que se deve atribuir aos trabalhos minuciosos e exaustivos dos mecanismos sintáticos recorrentes nos enunciados metafóricos realizados por Tamine e Soublin (de resto, profusamente citados na nossa dissertação), sabemos que a metáfora diz respeito a todas as formas lexicais, independentemente da categoria sintáctica a que pertençam.

A ideia de acusar a metáfora de uma particularidade no domínio fonológico não parece, de todo, aceitável.

Ora, se considerarmos, o triunvirato linguístico *stricto sensu* (Fonologia, Sintaxe e Semântica), resta, portanto, a hipótese semântica. É, pois, neste domínio que é reconhecida na metáfora uma particularidade: a malformação lexical, que se traduz pela falsidade dos enunciados metafóricos. Isto conduz à formulação da ideia que leva a conceber dois sentidos para estes enunciados (cf. Searle). Esta tendência levou também a considerar que um enunciado metafórico pode ser equivalente à comparação que lhe subjaz (à guisa de Aristóteles e Fontanier).

Desta forma, a diferença entre enunciado metafórico e não-metafórico residiria na malformação lexical dos primeiros e na consequente falsidade, o que é o mesmo que afirmar, que a malformação se apresenta sob a forma de uma predicação imprópria.

Todavia, para que esta malformação constitua a especificidade definidora do conceito metafórico, é necessário que :

- i) só e apenas só as metáforas possuam esta característica (é a premissa suficiente);
- ii) que todas as metáforas a possuam (é a premissa necessária).

Sabemos, pelos já longínquos estudos da Retórica Clássica, que há outros enunciados que apresentam uma malformação lexical: basta lembrar o caso dos oxímoros, determinados enunciados irónicos e, mesmo em menor escala, os zeugmas. Assim, a malformação lexical não é uma condição suficiente para caracterizar e definir um enunciado metafórico. Por outro lado, para que seja condição necessária, é necessário que o enunciado não seja simultaneamente verdadeiro e metafórico. Claramente, esta condição também não se cumpre.

Conclui-se, pois, que a malformação linguística não é condição suficiente nem necessária para a definição do carácter metafórico de um enunciado.

Do exposto, apercebemo-nos que o carácter metafórico dos enunciados é um problema de uso, ou seja, respeitante ao domínio pragmático.

4. Pragmática da metáfora

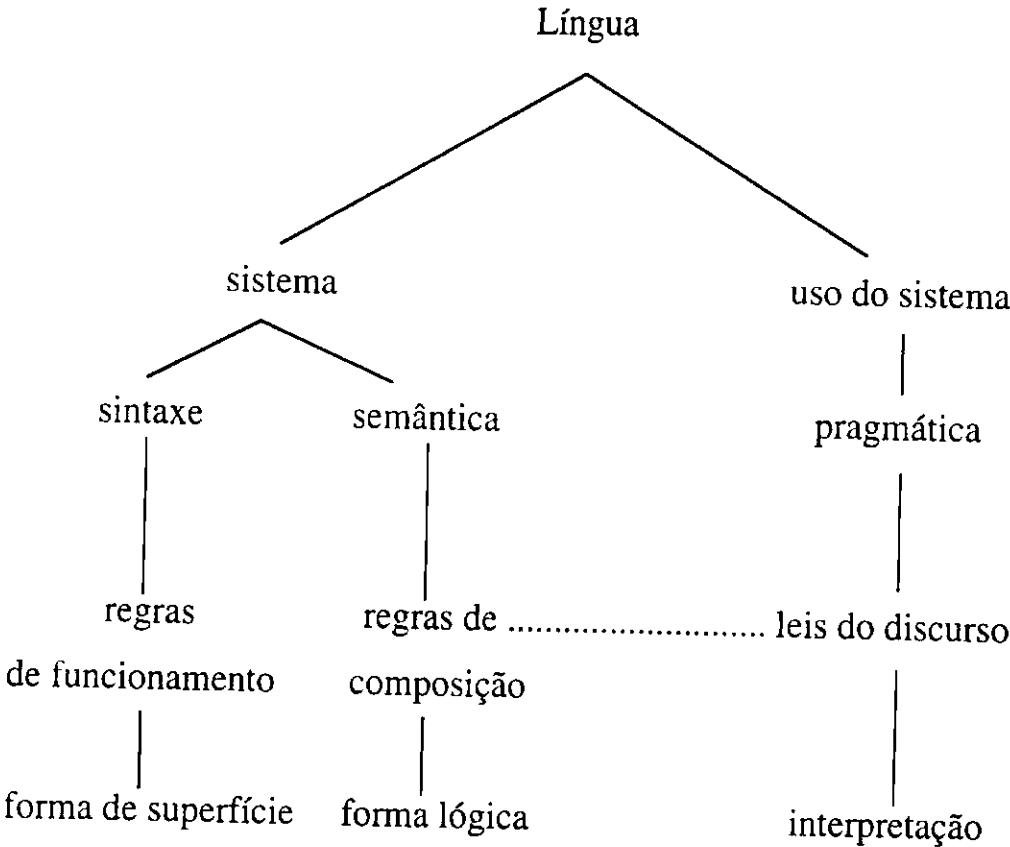
Nos últimos vinte anos, o uso do termo *pragmática* impôs-se na literatura linguística a tal ponto que hoje só faz sentido falar de pragmática se definirmos esta como um ramo das ciências da linguagem, um domínio linguístico.

Definiremos, assim pragmática, *grosso modo*, como o estudo do uso da linguagem, em oposição ao estudo do sistema linguístico, que diz respeito exclusivamente à linguística. Quando falamos do uso da linguagem, consideramos que este uso não é neutro, que um determinado número de lexemas simples ou complexos (os deícticos, por exemplo) não podem ser interpretados fora do contexto da sua enunciação e, sobretudo, devemos ter sempre presente que comunicamos muito mais do que as simples palavras querem transmitir. Trata-se, portanto, da disciplina que se ocupa do estudo da linguagem em contexto.

Podemos considerar que a Pragmática nasceu com os trabalhos no âmbito da filosofia da linguagem, mais exactamente, as conferências na Universidade de Haward de John Austin (1955) e Paul Grice (1967). Nestas conferências (*William James Lectures*), Austin introduziu uma noção que seria central para a pragmática - a noção de **acto de fala** - segundo a qual a linguagem tem, na comunicação, não uma função descritiva, mas uma função activa: não descrevemos o mundo, mas produzimos, com a linguagem, actos de fala. Realce-se, pois, a importância, capital para esta área, dos estudos de Austin sobre os actos de fala, particularmente sobre os

actos ilocutórios, bem como o posterior aprofundamento levado a cabo por Searle, com a sua tipologia das modalidades das acções verbais.

A diferença entre a sintaxe e a semântica, por um lado, e a pragmática, por outro, reside na oposição entre o sistema da língua e o uso deste sistema. De uma forma genérica, podemos representar o lugar da pragmática relativamente à linguística através do esquema seguinte .



Neste esquema intervêm dois níveis de apreensão da língua: o primeiro, relativo ao sistema e o segundo respeitante ao seu uso. O sistema define-se pela composição de uma sintaxe e de uma semântica, ocupando-se a sintaxe das formas de superfície produzidas pelas regras de formação e a semântica por uma forma lógica através das regras de composição. O conjunto formado pela forma de superfície e pela forma lógica constitui a

significação da frase (em oposição ao sentido do enunciado). Cabe, pois, à pragmática, completar a significação. Pertence a este domínio a explicação, ou seja, a pragmática deve dar uma interpretação completa da frase que é objecto de uma enunciação. Quando se fala de interpretação, faz-se referência ao processo que consigna determinado valor ao enunciado, valor esse que é comunicado.¹⁵

Sperber e Wilson (1986) tentaram construir um modelo dedutivo da interpretação. Esse modelo teve como objectivo primeiro tornar menos vaga a inferência pragmática e foi construído em torno da noção central de "*relevância*", ou seja, o princípio regulador do acto comunicativo. Comunicamos quando construímos enunciados relevantes ou pertinentes relativamente ao contexto em que são interpretados. O contexto deve ser entendido como um conjunto de suposições partilhadas pelos participantes no acto comunicativo, cuja selecção pontual é activada de forma a garantir a relevância do enunciado que está a ser interpretado. Para estes autores, o acto de comunicação visa modificar o 'ambiente' ("*environnement*") cognitivo do destinatário, quer pela junção de novas suposições à sua gama de conhecimentos, quer pelo reforço das já existentes, quer ainda pela sua supressão.

¹⁵ Cabe a este propósito notar uma distinção fundamental usada na Pragmática: a oposição entre frase e enunciado. A frase, por definição, é o objecto da linguística e caracteriza-se por uma estrutura sintáctica e pela sua significação. É, pois, uma entidade abstracta. Daí que tenhamos optado, quando constituímos as matrizes, por designar enunciados aos conjuntos de lexemas que fomos constituindo. Por seu turno, numa situação de comunicação, os locutores emitem enunciados e não frases. Um enunciado corresponde efectivamente a uma frase completada, no entanto, com diversas informações variáveis segundo a situação da enunciação. O enunciado é o objecto da pragmática.

Cf. *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique* (1994) de Jacques Moescheler e Anne Reboul. Paris: Seuil e *Pragmática Linguística e Ensino do Português* (1990), de Fernanda Irene da Fonseca e Joaquim Fonseca. Coimbra: Livraria Almedina.

4.1. Contributo da pragmática para o estudo deste tropo

Com o desenvolvimento dos estudos de Austin, Searle e Grice, que genericamente referimos no pretérito parágrafo, as atenções começaram a incidir no aspecto pragmático da linguagem. E a metáfora foi imediatamente sujeita a abordagens deste tipo.

Searle dedica uma grande atenção a esta figura. No capítulo IV da sua obra *Expression and Meaning* (Searle, 1989:76-115), o autor questiona-se e impõe-se a procura de respostas para as questões em cadeia que coloca:

- i) Em que difere a metáfora do sentido literal e de outros sentidos figurados?
- ii) Por que razão utilizamos proposições metafóricas?
- iii) O que é que permite uma comunicação metafórica?
- iv) Por que razão apenas algumas metáforas são eficazes?

Não se contenta, pois, em responder à questão da particularidade e da especificidade da metáfora. De uma forma geral, podemos considerar que reside nesta interrogação toda a sua posterior teoria: **por que razão, o locutor quer dizer S é R, diz S é P?**

É difícil responder a esta formulação searliana do problema da utilidade da metáfora e esta dificuldade não diz respeito à metáfora propriamente dita. Está ligada à hipótese segundo a qual existem dois sentidos na metáfora. A distinção entre sentido da frase e sentido da enunciação do locutor é, segundo Searle, o fundamento da distinção entre

discurso literal e discurso figurado. Deste modo, para descodificar o sentido da enunciação do locutor **S é R**, a partir do sentido da frase **S é P**, é imperioso utilizar um conjunto de estratégias e de princípios que não fazem parte da estrutura semântica do enunciado.

Searle considera que as teorias que estudaram a metáfora enfermam de lacunas graves:

- as teorias comparativistas falharam na distinção entre a pretensão de que a afirmação da comparação é parte do *sentido* e, por isso, das condições verdadeiras da afirmação metafórica, e da pretensão de que a exposição da semelhança é o princípio simples de inferência, ou um passo no processo de *compreensão*, na base do qual os emissores produzem e os destinatários entendem a metáfora;
- as teorias de interacção semântica desenvolveram-se como resposta às teorias comparativas, e não enunciam muito mais do que as fragilidades dos seus rivais. O seu vício endémico situa-se na sua incapacidade para distinguir entre sentido da proposição e sentido da palavra, que jamais é metafórico, e sentido conferido pelo emissor e sentido da elocução, o qual pode ser metafórico.

Para Searle, o enunciado metafórico existe não porque tenha havido quaisquer mudanças nos significados ou nos lexemas, mas porque *o sentido conferido pelo emissor é distinto do sentido da proposição ou do sentido dos lexemas*. Esta teoria postula que a metáfora consiste na associação de

um termo **P** (significado das palavras) a um termo **R** (significado do enunciado). É, pois, uma teoria da dupla significação.

Davidson (1984), por seu turno, critica esta teoria da dupla significação. Para este autor, as metáforas encerram uma significação única, que se obtém a partir dos elementos do enunciado, ou seja, o que geralmente denominamos significação literal. Neste artigo, Davidson não propõe uma teoria inovadora para a abordagem deste complicado problema, mas critica acerrimamente todas as teorias da dupla significação que explicam a metáfora com base nos dois sentidos: o literal e o figurado ou metafórico. É, claramente, uma crítica às teorias comparativas. Para ele, na metáfora, as palavras são utilizadas de uma forma criativa e os efeitos causados não implicam que o sentido das palavras seja modificado. "C'est de l'interprétation littérale de l'énoncé, basée sur le sens littéral des mots utilisés, que viennent les effets métaphoriques".(Davidson,1984,245:264).

Nesta perspectiva, a diferença entre metáfora e comparação reside no facto de a comparação dizer explicitamente o que a metáfora comunica de uma forma implícita. Esta última encerra, pois, um carácter subtil.

Apresentamos as ideias veiculadas por Davidson, porque consideramos que este autor ilustra, de forma singular, a ideia de que a metáfora não é um problema semântico de dupla significação, mas sim um problema pragmático, do uso das palavras. Não pode ser parafraseada, porque encerra uma significação única e porque os seus efeitos são instáveis e mutáveis de indivíduo para indivíduo.

4.2. A proposta de Sperber e Wilson

Partindo dos pressupostos anteriores, e considerando que as metáforas não apresentam particularidades linguísticas de malformação, nem particularidades lógicas, que nem sempre o sentido da expressão metafórica diz respeito ao da comparação que lhe subjaz, que as intenções do emissor de um enunciado metafórico não são as mesmas do que as do emissor de uma expressão comparativa, e, considerando, ainda, que os efeitos de um enunciado metafórico são instáveis (o que lhe confere esse carácter criativo), tendo em atenção que os enunciados metafóricos não podem ser parafraseados e que estes são utilizados em casos em que nenhum outro enunciado poderia conduzir aos mesmos efeitos, pensamos, pois, que devemos ter em linha de conta todos estes aspectos e tentar explicá-los à luz de uma teoria de âmbito pragmático.

A teoria de Sperber e Wilson (1986 e 1989) considera todas as particularidades anteriormente enunciadas e dá-nos uma visão pragmática do problema.

Parece-nos oportuno rever a distinção entre discurso literal e discurso figurado, dado que um dos pontos assentes no que diz respeito aos enunciados metafóricos é que estes acentuam, realçam o discurso figurado.

A única definição de discurso figurado que nos atrevemos a transcrever, dado o seu rigor, é a de Searle que assenta na distinção entre sentido da frase/ sentido do enunciado do emissor:

Le discours figuré

Un énoncé donné est figuré si seulement le sens de la phrase ne coïncide pas avec le sens de l'énonciation du locuteur.

Aqui reside uma das dificuldades desta definição: a distinção entre o que diz o emissor e aquilo que ele quer realmente dizer, torna difícil, senão impossível, explicar a razão pela qual o emissor escolheu um enunciado não literal para dizer o que pretendia.

Sperber e Wilson explicam esta distinção entre discurso literal e discurso figurado ultrapassando esta dificuldade. Segundo estes autores, todo o enunciado representa um pensamento do emissor. Mas esta representação pode ser literal ou figurada. Esse facto depende da semelhança entre o enunciado e o pensamento que este veicula.

Resta, pois, definir a relação de semelhança entre um enunciado e um pensamento. Quer o enunciado quer o pensamento subjacente são representações de forma proposicional, ou seja, são susceptíveis de encerrar um valor de verdade. O enunciado representa o pensamento do emissor e esse pensamento, só por si, pode ser ou a representação de um estado de facto que a verifique, ou a representação de uma outra representação, enunciado ou pensamento à qual se assemelhe. Em qualquer caso, o enunciado é uma interpretação do pensamento. No caso do pensamento representar um estado de coisas no mundo, é *descritivo*; no outro caso, ou seja, quando representa uma outra representação, enunciado ou pensamento, é *interpretativo*.

4.2.1. Semelhança interpretativa

Vamos deter-nos na primeira relação, ou seja, na relação entre o pensamento e o enunciado. Esta relação é uma relação de semelhança entre duas representações de forma proposicional. Vamos tentar definir a semelhança entre formas proposicionais. Na teoria de Sperber e Wilson, os enunciados são interpretados em relação a um contexto. O contexto é formado por proposições que o interlocutor crê verdadeiras e que têm três origens :

- i) - a interpretação de enunciados imediatamente precedentes;
- ii) - os conhecimentos enciclopédicos de que dispomos àcerca do mundo;
- iii) - o contexto físico.

A partir da noção de semelhança entre representações de forma proposicional, podemos, pois, distinguir, um enunciado literal de um que o é menos, sabendo que o literal estabelece uma relação entre o enunciado e o pensamento que ele representa:

- a) um enunciado é literal se estabelece uma relação de semelhança total com o pensamento que representa;
- b) um enunciado é menos literal se estabelece com o pensamento que representa uma relação que não é de semelhança total.

Para Sperber e Wilson as metáforas não apresentam qualquer particularidade linguística. A interpretação de um enunciado metafórico não recorre a nenhum processo específico ou distinto da interpretação de um enunciado literal vulgar. Assim, nesta teoria pragmática, um enunciado metafórico é interpretado como todo e qualquer outro enunciado.

Nesta linha de investigação, poder-se-á concluir o seguinte:

- i) as metáforas não apresentam nenhuma propriedade lógica. Não colocam, pois, dificuldades de interpretação;
- ii) o sentido do enunciado metafórico não reflecte o da comparação correspondente; Sperber e Wilson recusam uma ligação privilegiada entre metáfora e comparação;
- iii) o processo interpretativo de um enunciado metafórico não se confunde com o processo interpretativo da comparação;
- iv) as intenções do locutor, qualquer que seja o enunciado, são produzir um enunciado o mais pertinente possível ("*pertinent*" - é um termo caro a estes autores), ou seja, o que melhor exprima o pensamento;
- v) nesta teoria, uma metáfora (e os autores generalizam para todo e qualquer enunciado) é sempre interpretada relativamente a um contexto. As proposições que compõem este contexto têm diferentes origens: uma é certamente o saber enciclopédico de que dispõe o

locutor. Este conhecimento enciclopédico depende da história pessoal do locutor e varia consoante o locutor, daí que a diferença de contexto de interpretação de um interlocutor para outro, relativamente ao mesmo enunciado, na mesma situação de enunciação. Esta variação do saber enciclopédico explica a instabilidade dos efeitos da metáfora;

vi) os efeitos de uma metáfora são as implicações contextuais e são proposicionais, dado que resultam de um processo de inferência dedutiva.

A teoria de Sperber e Wilson trata as metáforas como enunciados da linguagem no seu conjunto e abandona a interpretação destas como fenómeno isolado.

4.3. A Abordagem de Kleiber

No âmbito dos trabalhos mais recentes sobre a metáfora, de fundamentação estritamente linguística, não podemos deixar de mencionar o trabalho de Georges Kleiber - *"Pour une Pragmatique de la Métaphore: La Métaphore, un acte de dénotation indirecte"* (Kleiber, 1984:122-163), que desenvolve uma reflexão pragmática de interesse notório.

A originalidade desta proposta reside no facto de Kleiber não enunciar uma teoria pragmática sobre a metáfora, mas reconhecer o fenómeno metafórico como sendo, na sua essência, um fenómeno pragmático. Este autor sugere uma análise que rompe definitivamente com

as explicações semânticas tradicionais. Enuncia uma teoria pragmática pertinente que obedece a três postulados fundamentais:

Primo, il faut qu'il (le modèle pragmatique) fasse clarté sur la notion de sens et délimite de façon précise le phénomène implicite qui est en jeu;

Secundo, um modèle pragmatique doit établir avec précision la spécificité de l'acte de langage effectué lors d'un emploi métaphorique, en séparant cet acte non seulement des actes de langage appelés indirects, mais aussi des actes propositionnels, l'acte de référence, en particulier;

Tertio, la question de la déviance, du "délit littéral" doit être réglé. (Kleiber, 1984: 126)

De facto, Kleiber afasta-se decididamente dos objectivos enunciados pela semântica, enveredando pela construção de uma hipótese definitiva de base essencialmente pragmática, consignando esta, contudo, que um dos traços definidores do processo metafórico que não pode ser deixado em claro, é o mecanismo analógico.

Para este autor, não basta explicitar a metáfora com base no levantamento de traços semânticos. Para que haja uma leitura metafórica correcta, deve proceder-se ao levantamento dos traços distintivos não-comuns. Esses traços distintivos devem ser realmente verdadeiros traços semânticos, definidores da essência do enunciado e devem constituir propriedades salientes, destacadas, "*proéminentes*" da classe de indivíduos que é denotada pelo lexema.

No entanto, a escolha e inclusão destes traços semânticos é, como sabemos, subjectiva e a sua inserção no sentido de uma unidade lexical implica necessariamente a integração de todos os conhecimentos socioculturais, enciclopédicos, etc. que possuímos quando empreendemos esta análise sémica.

Kleiber, numa atitude radical, afirma:

Les hypothèses sémiques de la métaphore doivent donc être abandonnées. (Kleiber, 1984: 134)

Perfilha, no entanto, os pensamentos de Searle quando este afirma que "les phrases et les mots n'ont le sens qui est le leur" (Searle, 1982: 123) e "il n'y a jamais de changement de sens dans la métaphore" (Searle, 1982: 132). É, de resto, o que Davidson já tinha afirmado:

Mean what the words in their most literal interpretation mean, and nothing more" (Davidson, 1980: 238).

A metáfora, diz Kleiber, não é mais do que um caso particular dos fenómenos de sentido indirecto, em que há uma discordância entre o que o locutor quer comunicar e o sentido que a frase representa. Devemos relembrar, a este propósito, as diferentes designações e definições de sentido e confrontar a oposição criada por Robert Martin entre sentido e significação (Robert Martin, 1976) e as noções de sentido do locutor e sentido do enunciado expostas por Searle (Searle, 1982: 122).

Como as diferentes terminologias do sentido e as múltiplas variantes (sentido literal, sentido do locutor, sentido figurado, sentido da enunciação) não explicam o processo metafórico, Kleiber afirma que o enunciado

metafórico é uma espécie de acto de referência. O acto de referência deve ser entendido aqui, não só como o acto pelo qual o locutor se refere ao objecto sobre o qual vai predicar, mas também como um acto de violação referencial. Na base da metáfora há um desvio de natureza semântico-referencial e esse desvio situa-se ao nível das expressões predicativas.

Deste modo, considera-se a metáfora como um acto de denotação predicativa indirecta.

Kleiber inova na medida em que introduz uma viragem nas investigações linguísticas sobre o processo metafórico: abandona a discussão da explicação do sentido, apanágio das teorias semânticas e coloca a metáfora no centro da problemática semântico-referencial, de cariz pragmático.

PARTE III

ANÁLISE DOS ENUNCIADOS METAFÓRICOS DESCRITIVOS DE *A LÃ E A NEVE* DE FERREIRA DE CASTRO

1. Concepção Tópica e Eidética da Metáfora. A Metáfora Cultural

A metáfora não é mais do que um negócio de palavras. Pertence à nossa relação com o mundo. Com as coisas. Com a história. Com os factos. Não é um adorno, um brinde, uma mais-valia de sentido relativamente ao que podemos designar como um investimento semântico, mas sim um processo cognitivo de base, um processo subjacente a toda e qualquer produção de significação.¹⁶

A metáfora não constitui um luxo. Muito pelo contrário, é o que resta de uma língua reduzida ao seu total despojamento, desnudada. Que esta privação a reduza à interjeição ou à exclamação (Rousseau (1970: cap. II-IV) onde Rousseau queria ver o primeiro transporte, a primeira metáfora, dando consistência à teoria da vincunlação de emoções.

No quotidiano, a metáfora não constitui privilégio da literatura. O seu uso é o do homem comum. Dizemos "o custo de vida aumentou"; "o escudo baixou" e enunciamos metáforas diariamente. É necessário fazer a transposição do esquema de deslocação espacial ao longo de um eixo vertical, para que essas expressões tenham sentido.

Desta forma, a compreensão de enunciados como "*ele subiu nas sondagens*"; "*ele está no topo da carreira*"; "*ele subiu na minha consideração*", apelam à nossa experiência sensomotora, dado que implicam que percebamos mentalmente a relação espacial entre *alto* e *baixo*

¹⁶ As teorias cognitivistas da metáfora confirmam o que acabamos de expor. Consideram a metáfora uma parte integrante nos processos de categorização. Vejam-se as teorias de George Lakoff e Earl Maccormac, *A Cognitive Theory of Metaphor*. (1988) Cambridge (Mass) M.I.T. Press.

e o esforço físico necessário para essa deslocação ou transferência de um para o outro e que entendamos ainda a experiência sociocultural, na medida em que a valorização do *alto* em detrimento do *baixo* não depende somente da energia que precisamos dispendar, mas de uma *doxa*, ou seja, do senso comum, que dita que na nossa sociedade e na nossa cultura o *alto* supere o *baixo*. É a mesma razão pela qual preferimos ter *sentimentos elevados* e não nos *rebaixar a fazer certas coisas*. Isto, porém, não deverá impedir-nos de imaginar uma sociedade onde o *baixo*, mais do que o *alto* possa ser valorizado e, então, as expressões atrás citadas, teriam obviamente, uma significação totalmente contrária ou não teriam qualquer sentido.

Deste modo, ousamos afirmar que se a cultura é metáfora, toda a metáfora é cultural.

Sabemos que a forma lexical "*metáfora*" para Aristóteles, era já ela própria metafórica, na medida em que era um empréstimo de um domínio originário-a Física- e fora transportada para estes domínios distintos, da retórica e da poética.

A "*phora*", na física aristotélica, é uma espécie de mudança, quer seja de lugar, quer seja no espaço.¹⁷

Daí que o termo *meta-phora* mantenha o seu traço do seu sentido próprio donde provém, que quer dizer "*transporte, transit, passagem de um lugar para outro*". A mudança de lugar -física- terá, pois, servido de modelo à mudança de lugar retórica e tópica.

Devemos, pois, questionar-nos: não será este processo generalizável e não será esta uma das razões pela qual as metáforas do nosso quotidiano têm um conteúdo literal espaço-temporal, ligado particularmente à nossa

¹⁷ Aristóteles, (1952), *Physique*, texto traduzido por Henri Carteron. Paris: Les Belles Lettres, III,1, 201 a 215.

actividade perceptiva e motriz, tal como evidenciam os exemplos citados anteriormente: do alto para o baixo e noutros que se processam num eixo horizontal: "*avançar no trabalho*"; "*receber adiantado*"; "*recuar perante o esforço*"; "*deitar para trás os problemas*" encontra-se sensivelmente o mesmo esquema físicocultural, valorizando "*à frente*" em detrimento de "*atrás*", tal como o *alto* superiorizava o *baixo*.

Encontramos nestes exemplos um *topos*, ou seja, um lugar comum de ordem cultural: as nossas sociedades assediadas pelo progresso, privilegiam o que está à frente. É o que designaremos por *eidos*, mantendo a nomenclatura grega, ou seja, uma forma de experiência (como dizia Platão¹⁸ uma forma determinada da realidade - *eidos tôn ontôn*- e) que tem uma relação com a maneira como apreendemos o mundo. A nossa actividade perceptivo-motriz exerce-se para diante.

Assim, a metáfora está ligada, por um lado, ao que designamos por interdiscursividade, na medida em que se constrói nos *topoi* que estruturam o discurso social e, por outro lado, ao que intitulamos de fenomenalidade, dado que nos remete para uma experiência do mundo enquanto sucedâneo de fenómenos, ou seja, para as formas da realidade, dos *endoi* que são o correlato da nossa actividade motriz e perceptiva.

Esta concepção tópica e eideítica da metáfora como mudança e alteração de lugar pressupõe dois princípios:

- a) a metáfora é um enunciado, um conjunto, uma trama, um tecido. Remete, pois, para uma rede de significações implícitas que formam uma isotopia.

¹⁸ Platão (1931), *Cratyle*, traduzido por Louis Méridier. Paris: Les Belles Lettres., 386.

b) a metáfora constrói-se, não a partir das palavras, mas do discurso. É na frase, na proposição, no conjunto da obra, que a figura adquire o seu verdadeiro sentido. Tal como afirmámos anteriormente, é somente através da relação com o conjunto interdiscursivo dos *topoi* e pela nossa experiência eidética que a metáfora pode ser entendida, não como significação de um lexema específico, mas como parte de um jogo complexo.

Considerando um conteúdo eidético (assente na nossa experiência perceptiva e motriz do mundo), a expressão desse conteúdo através de um esquema tópico (construído com base nos nossos hábitos discursivos e culturais) e, finalmente, a deslocação, o movimento, propriamente dito que relaciona o conteúdo eidético da experiência e a expressão tópica do discurso comum, teremos a metáfora que, como diz Aristóteles, nos transporta de um lugar para outro.

A metáfora tem para nós uma dimensão não só retórica e estritamente cognitiva, mas sobretudo um carácter ontológico. Richard Kearney, na sua obra *Poétique du Possible* afirma:

Notre existence n'est pas littérale, mais figurative . elle est dépassement temporel de ce qui est donné actuellement vers un horizon possible toujours à venir (...) Nous sommes des êtres créatifs, qui figurons le monde comme ceci ou cela. (Et) figurer le monde (...) c'est voir quelque chose ici et maintenant comme quelque chose qui n'est pas encore (ou qui n'est plus).(Richard Kearney 1984: 32)

Falar de metáfora numa obra literária é, pois, falar de uma refiguração desta relação com o mundo, a partir das figurações anteriores ou possíveis que são os *topoi* e os *endoi*, enquanto formas comuns do discurso e da experiência. É, fazer ver o possível donde emerge o real, actualizando ficiticiamente as virtualidades mais longínquas, as mais susceptíveis de serem realizáveis.

2. O Mecanismo de Representação Mental Esteriotipado

Para Lakoff (1985) e Johnson (1980), a metáfora é um fenómeno cultural e certas culturas aceitam determinadas metáforas como sendo fenómenos naturais, esquecendo, quase por completo, que dependem dos "sistemas conceptuais" que lhes estão subjacentes.

Os autores defendem a tese que os seres humanos possuem sistemas conceptuais de duas naturezas: os metafóricos e os não-metafóricos. Os não-metafóricos são os que emergem directamente da nossa própria experiência e são definidos nos seus próprios termos. Os conceitos metafóricos, por seu turno, são os que são compreendidos e estruturados não meramente nos seus próprios termos, mas em termos de outros conceitos.

Isto envolve a conceptualização de um objecto ou experiência em termos de uma diferente espécie de objecto ou de experiência.

Les concepts métaphoriques sont des façons de structurer partiellement une expérience dans les termes d'une autre. (Lakoff e Johnson, 1980/1985:87).

Os esquemas cognitivos que organizam o nosso conhecimento do mundo representam os modelos cognitivos idealizados a partir de alguns aspectos da nossa experiência. Esta expressão "modelos cognitivos

idealizados" é utilizada por Lakoff (1987: 268-291) para designar as estruturas simbólicas complexas.

Estes modelos têm origem quer na nossa experiência directa das coisas e dos factos, quer na visão que nos impõe a nossa cultura àcerca dessa realidade vivida (Lakoff e Turner, 1989: 65).

Entre os domínios da nossa experiência há alguns que não compreendemos nos seus termos próprios, mas em termos de outros domínios conceptuais. Um exemplo clássico é o do tempo. Sabemos que o conceito de tempo recolhe os seus atributos noutros domínios conceptuais, particularmente no domínio do espaço. As dimensões, o movimento, a orientação, são noções sistematicamente utilizadas quando pensamos na duração e quando a ela nos referimos. Costumamos dizer :

- (1) Que longa espera! (dimensão)
- (2) As horas passam. (movimento)
- (3) O Natal é antes da Páscoa. (orientação)

Se o domínio *espaço* é a origem favorita do *tempo* Lakoff e Johnson (1987) consideram o espaço como a principal fonte de um número apreciável de processos metafóricos e, de uma forma geral, dos fenómenos subjectivos.

O domínio do *dinheiro* reflecte o modelo cultural predominante na nossa sociedade industrializada e consumista. Segundo este modelo, o *tempo* é como o *dinheiro*: *ganho, perdido, economizado, desperdiçado*.

Ainda que o *tempo* seja compreendido em termos de outros conceitos, existem outros que podem ser compreendidos de forma não metafórica, na

medida em que se encontram ligados às nossa experiências quotidianas, às nossas rotinas. *O quente e o frio, o alto e o baixo, o dia e a noite*, fazem parte destes domínios, no fundo, produtivos, que servem de base de correspondência a grande número de conceitos de outros domínios. Os conceitos de *alto* e *baixo* estruturam, de uma forma sistemática, não só o nosso espaço físico, como também os nossos espaços social, emocional, intelectual, etc..

2.1. Princípio da subjectivação

Um princípio cognitivo importante, reconhecido pela Linguística Histórica, é o da subjectivação, princípio esse pelo qual os nossos conceitos mais subjectivos são apreendidos em termos de outros objectivos. Entende-se por conceito objectivo aquele que representa uma situação ou um estado que se verifica.

Assim, *cair na escada* representa uma experiência que é mais facilmente perceptível e logicamente verificável do que *cair na miséria* ou *cair em profundo desespero*. Conclui-se, pois, que os três domínios - físico (escada), social (miséria) e emocional (desespero) são estruturados em paralelo através de uma delimitação espacial, orientada de cima para baixo, como se prova através do traço semântico principal do verbo *cair* (de cima para baixo é a orientação deste verbo) e da preposição comum *em*.

A semântica cognitiva considera que a experiência que temos do meio físico que nos rodeia através do nosso aparelho sensorial e locomotor é fundamental para compreender as experiências mais abstractas.

Quando consideramos os domínios da acção verbal e da acção mental, temos a impressão de que o primeiro é menos subjectivo do que o segundo. As palavras têm propriedades físicas/acústicas na língua falada, visuais na língua escrita, que podem ser medidas e verificadas, o mesmo não acontecendo no domínio do pensamento.

Em termos estruturalistas, o significado faz parte integrante do domínio da actividade mental. Palavras e ideias ligam-se, na medida em que não se pode conceber a actividade verbal sem a correspondente actividade mental.

É, pois, aceitável, que o domínio da acção verbal e o domínio da acção mental sejam, por vezes, estruturados relativamente ao mesmo domínio de origem.

2.2. Dimensão visual da actividade mental

A visão representa o domínio sensorial mais utilizado para conceptualizar a actividade mental. As correspondências dão-se a vários níveis. Primeiramente, os adjectivos - que descrevem a intensidade luminosa que permite identificar formas e cores - são utilizados para descrever as ideias. Mesmo a palavra "ideia", de origem grega tem como étimo "forma visível, forma distinguível". E empregamo-la em rotinas verbais do tipo: ideias brilhantes, luminosas, claras vagas, difusas, transparentes, negras, sombrias, nebulosas, nítidas, etc..

O substantivo "vista" aparece numa série de expressões, lexemas complexos, locuções preposicionais, denotando unicamente a actividade mental . Exemplos:

- (1) **À primeira vista**, parece-me um trabalho interessante. (= impressão, sem prévia análise ou reflexão)
- (2) O seu **ponto de vista** é errado. (= maneira de pensar)
- (3) As suas decisões revelam que tem **vistas curtas**. (= diz-se de pessoa com ideias tacanhas, pouco interessantes, com pouca ambição)
- (4) As autoridades têm-no **debaixo de vista**. (= vigiar, seguir atentamente, acompanhar de perto)
- (5) Ultimamente **perdi-o de vista**. (= deixar de ver, não ter notícia de)
- (6) **Salta à vista** de todos (= é imediato, patentemente evidente, óbvio)
- (7) Ontem cruzei-me com ela, mas fiz **vista grossa** (= ver, mas ignorar, pretender não ver)
- (8) Era elegantíssima, **dava nas vistas** em qualquer lugar. (= tornar-se notado, reparado, chamar a atenção, sobressair)

(9) **Está visto** que não vais acabar o trabalho este mês. (= é sabido, é evidente)

(10) Era uma gaveta falsa, só servia **para vista**. (= para criar aparência, sem utilidade).

Poderíamos continuar a demonstração com uma série imensa de expressões idiomáticas ou de expressões proverbiais.

O campo visual é, pois, conceptualmente englobante. A actividade física da visão pode conduzir à actividade física e mental de observação. A observação, por seu turno, desenvolve um conhecimento do objecto. A resposta a um estímulo visual é um fenómeno de intelecção. E a expressão "eu vejo" pode significar amiúde "eu compreendo".

Possuimos, pois, uma actividade mental de observação que precede a actividade linguística de comunicação.

Afigura-se-nos, pois, básica a delimitação da importância da dimensão visual na actividade mental e cognitiva, porque como demonstraremos em capítulos subsequentes, o *corpus* dos enunciados metafóricos de *A Lã e a Neve* de Ferreira de Castro, após análise estatística dos principais traços semânticos que caracterizam as unidades em estudo, revela uma nítida predominância de reacção a estímulos visuais que marcam decisivamente a construção desse tipo de discurso.

3. A Metáfora Descritiva em *A LÃ E A NEVE* de Ferreira de Castro

3.1. Método de análise e protocolo

Interpretar um enunciado do tipo metafórico (ou outro) é, no fundo, aplicar as nossas diversas competências aos significantes inscritos em sequência de modo a extrair-lhes os significados. No entanto, as operações interpretativas exigem mecanismos de extrema complexidade, nos quais intervêm conjuntamente competências muito heterogêneas. Catherine Kerbrat-Orecchioni (1986: 161) distingue quatro competências: ¹⁹

- linguística, enciclopédica, lógica e retorico-pragmática.

A competência linguística permite inferir as informações intra-enunciativas, ou seja, referentes ao texto e ao co-texto.

Por sua vez, a competência enciclopédica apresenta-se como um conjunto de saberes e conhecimentos, como sistema de representações, interpretações e avaliações do universo de referências. Intervém, por conseguinte, não só na decodificação dos conteúdos explícitos, como, sobretudo, dos implícitos. Para decodificar um enunciado metafórico é necessário, pois, apelar a um saber extra-enunciativo específico.²⁰

A competência lógica que poderemos sintetizar nesta citação:

¹⁹ Esta distinção fundamenta-se na proposta de Searle (1972).

²⁰ Cf. U. Eco, artigo "Metáfora", Enciclopédia Einaudi, supra citado.

Toute individu socialisé possède des connaissances du monde intériorisées et qui sont représentées cognitivement par des scénarios (“des scripts” disent les travaux de psychologie cognitive) qui établissent certaines attentes concernant la régularité (la logique) des actions humaines. (Petitjean, 1981: 219)

E, por fim, a competência retórico-pragmática, um conjunto de saberes que um sujeito possui sobre o funcionamento dos “princípios discursivos” que são essenciais nas situações de comunicação verbal e que têm diferentes designações consoante os autores: princípios conversacionais para Grice, leis do discurso para Ducrot e postulados conversacionais, para Lakoff. É nesta competência que incluímos a lei da pertinência.

A obra *A Lã e a Neve* de Ferreira de Castro que serviu de base ao nosso trabalho de investigação é a 15ª edição da Guimarães Editores, impressa em 1990. Recordamos que a primeira edição deste romance foi dada à estampa em 1947.

Numa primeira fase e, tentando minimizar todos os factores que interferem no acto de leitura, principalmente o universo de referências e a competência linguística do sujeito leitor, optámos por utilizar o *scanner* para informatizar toda a obra. Este registo e tratamento de texto, sobre suporte informático, é imperioso, na medida em que nos dá uma listagem rigorosa e exhaustiva do vocabulário do *corpus* e contribui para uma apresentação objectiva e neutra dos dados que são quantificados, pois, como veremos em anexo, é através de um programa informático que conseguimos medir a frequência das formas lexicais, quer por índice de ocorrência, quer por ordem alfabética.

Seguidamente e, dado que nos propúnhamos analisar os enunciados metafóricos relativos ao pólo "serra", fizémos o levantamento - desta vez, **manual**, dado que o computador não distingue obviamente os enunciados metafóricos de outros tipos de enunciados - de todas as unidades metafóricas. Dada a ambiguidade de critérios para denominar os diferentes tipos de enunciados, optámos por criar apenas duas designações e distinguir, do seguinte modo, esses mesmos enunciados: designámos **unidade metafórica simples**, formas lexicais simples ou frases curtas elementares e **unidades metafóricas complexas**, estruturas frásicas mais complexas em que se nos afigurava difícil isolar as formas dos contextos em que ocorriam. Isolámos, assim, o conjunto de todas as formas e com elas constituímos matrizes que denominámos matrizes lexicossemânticas.

Após esse primeiro trabalho de recolha, organização e catalogação dos enunciados metafóricos, considerámos que o trabalho, incidindo apenas no pólo "serra", ficava incompleto. Propusémo-nos, pois, recomeçar e fazer de novo o levantamento, mas, desta vez, exaustivo, em toda a obra, de todos os enunciados metafóricos relativos a toda as descrições do romance. Note-se, a propósito, que os enunciados metafóricos ocorrem maioritariamente nas frequentes e dominantes descrições da natureza serrana.

Organizámos, então, as matrizes. Nestas, como poderá ver-se em anexo I, para melhor e mais rápida descodificação, introduzimos no canto superior direito o número da linha e o número da página, separando ambos por um simples ponto. Assim, por exemplo, "*rebanhos de nuvens*" é, por nós, designado, como unidade metafórica simples estando indexada no canto superior direito por 17.85. - assim, este segmento pode facilmente encontrar-se na edição referida da obra em estudo, na linha dezassete da página oitenta e cinco.

Na parte central da matriz, optámos por citar sempre o enunciado recolhido. De notar que, por vezes, fomos obrigados a subdividir os enunciados, dada a profusão de metáforas numa mesma frase ou num mesmo parágrafo. Neste caso, e sempre que se tornou necessário, retomámos entre parêntesis, as palavras ou expressões necessárias à compreensão do que estávamos a transcrever. Assim, na matriz número 508, a título de exemplo, podemos ver que aparece entre parêntesis *o Sol* e só depois a transcrição "*espirrando raios*". Era necessário recordar o sujeito para uma melhor compreensão desse enunciado.

Limitámos também os traços semânticos ao número de sete. Julgámos serem suficientes para caracterizar o que nos propúnhamos.

Estes traços semânticos foram obtidos através da consulta de um Dicionário Analógico. Escolhemos esta fonte, porque, pela sua orgânica especial e pela extensão dos elementos que reúne, pudémos objectivamente pesquisar as analogias, as afinidades de ideias decorrentes da especificidade deste tipo de enunciados. Não pretendíamos uma relação vocabular, nem tão pouco os simples significados. Pretendíamos descortinar as analogias de carácter semântico, ou seja, indagar as relações de contiguidade espacial e temporal, de sinonímia e de antononímia, tanto quanto de variação. No prefácio deste dicionário, o Dr. Gaspar Machado, especifica as vantagens da utilização deste dicionário por todos os consulentes:

Mas, em vez do aspecto museiforme que apresentam as palavras no dicionário vulgar, o dicionário analógico anima-as com a vida do próprio pensamento (...). Em vez de traduzir palavras por outras palavras, numa sequência de puras tautologias inventariadas alfabeticamente, o dicionário analógico ordena o seu recheio por

famílias de ideias, sugerindo, ao mesmo tempo, as expressões que as traduzem em todas as modalidades.(Bivar,1948).

3.2. A escolha de pólos e a constituição de classes abstractas

Na obra *A Lã e a Neve* de Ferreira de Castro, os enunciados metafóricos proporcionaram-nos um fio condutor que levou a descobrir analogias, pertinência e sentido, harmonia e coerência. Se nos fosse permitida aqui uma comparação, diríamos que tal como Leibniz conseguia ler a arquitectura do universo numa simples gota de orvalho, assim a interpretação de uma obra literária implicaria reconhecer o universo total dessa obra naquilo que, à primeira vista, parece simples pormenor accidental ou acessório.

As matrizes lexicosseânticas que elaborámos permitiram-nos concluir, como pudémos comprovar pela análise estatística (ver Anexos II) que há um domínio da reacção apreciativa à presença e à ausência de estímulos. Esses estímulos são maioritariamente precisos, ou seja, realidades concretas, observadas ou sentidas, mas, algumas vezes, ocorrem estímulos imprecisos, mostrando o carácter transitório, indelével da realidade descrita.

Há, ainda, num grande número de enunciados metafóricos uma humanização da natureza que está bem patente na alta frequência do traço [+Humano]. Os exemplos mais significativos destes enunciados metafóricos são os que passamos a transcrever:

O Zêzere correndo e cantando entre os penedais do seu leito M62

A estrada salvava a ribeira M15
Aqueles dois degraus abertos na anca da montanha M14
As beiçorras da serra M73
Baforada de nevoaça M77
A mudez da terra M85
Toucas de algodão em rama M130
Um gemer de pedra M161
Uma águia veio remando de longe M155
Uma folhita ...se debruçava na estrada M382
O céu andava de carranca M450
A fúnebre ária do vento M475

Refira-se ainda que, por vezes, a descrição da serra e da sua realidade envolvente é feita através de unidades lexicais emprestadas de outros domínios. Servem de exemplo os enunciados em que esses empréstimos são retirados de um domínio aquático:

A vila... parecia uma grande concha verde M19
A serra...(como) um bote de serpente M29
Ao distender-se, forma altivos promontórios M31
(a serra) sugere um fabuloso réptil anfíbio e descomunal M38
Dir-se-ia rasgado por um casco de navio M64
...pela incisão da quilha M66
Paisagem submarina M87
Os zimbros...eram polvos envolventes M222

Há também uma constante animização da natureza e o traço [+Animado] surge com uma frequência elevada. Exemplos:

O dorso da serra M42

O nascimento de duas pedras M89

A neblina começara a esgarçar-se para a banda do vale M91

Solitárias folhitas M217

Rebanhos de nuvens M279

O Zêzere regougava M193

O vento largara-se a uivar M464

O vento ululava M474

O vento teimava nos seus rugidos M496

Outro dos casos que convém igualmente realçar é o aparecimento, em determinados enunciados metafóricos, de uma concomitância de estímulos pertencentes a dois ou mais domínios. Os exemplos mais esclarecedores têm, pois, um fundamento **sinestésico**: o enriquecimento da representação - o objecto ou a realidade são apreendidos simultaneamente através de sentidos diferentes, provocando, desse modo, uma idealização do referente descrito.

Exemplos:

Uma baforada de nevoaça M77 apela a dois estímulos, visual e tátil;

Um silêncio húmido M81 que, por sua vez, liga em concomitância os sentidos sonoro e tátil;

A terra transida M168 (visual e tátil);

Bagos gordos e raros (da chuva) M189- estímulos visual e tátil;

Uma raiva surda M218 - concomitância de sensações;

Ásperas encostas M223 - visual e tátil;

Um som alegre de flauta M231- sonoro e sensitivo;

Um silêncio frio M265- ausência de estímulo sonoro e presença de estímulo tátil;

Múrmuro fio de água M319- visual e sonoro;

Um áspero caminho M328- visual e tátil;

O seu olhar morno vagueava M392 - visual e tátil;

O orvalho estalava M402 - visual e sonoro;

Uma paz doce M525 - visual e gustativo;

Uma paz perfumada M526 - visual e olfativo;

O gordo aroma das tílias M534 - tátil e olfativo;

O gelado silêncio da montanha M536- ausência de estímulo sonoro e presença de estímulo tátil.

A observação atenta e rigorosa das matrizes lexicossemânticas permite-nos, ainda, afirmar que outra característica que sobressai da análise dos traços sémiicos é o impreciso. Este impõe uma visão desfocada, que concorre para uma procura do indeciso. A visibilidade parece filtrada por um véu. Através desse jogo, a paisagem descrita tende a dissolver-se, a diluir-se, a turvar-se. E os enunciados derivam para uma evocação não-figurativa, próxima da abstracção, do indeciso e da estética impressionistas. Exemplos:

Farrapos de neblina M75

A sua lâ parecia diluir-se, tornar-se também névoa M88

A neblina começara a esgarçar-se M91

Atrás dele estendiam-se as primeiras sombras da noite M243

A crosta verdoenga da montanha M245

O lusco-fusco aparaçara já a montanha M254

Mas vaga era a luz M515

Sobressaem, depois, nos traços sémicos dos enunciados, macro-categorias que delimitámos e que estão intimamente relacionadas com os estímulos aqui focados.

Assim, a Cor aparece referida em múltiplos enunciados:

- O lusco-fusco apardaçara toda a terra* M12
- Uma poalha escura envolvia tudo* M13
- O lugar de becos soturnos* M16
- O lugar...carregado de negrume* M17
- O outono começara a acobrear* M59
- Esbranquiçados penedos* M69
- Toucas de algodão em rama* M130
- Um fundo ígneo* M132
- Nuvens alvacentas* M185
- Um fundo verde de campos agricultados e de florestas* M204
- O Sol prateava agora* M213
- A crosta verdoenga da montanha* M245
- O lusco-fusco apardaçara já toda a montanha* M254
- Uma estrela ainda pálida surgira no céu* M267
- A manhã pintara-se com as suas melhores cores* M286
- Um Sol de prata a arder* M287
- Um Sol... estadeava-se em céu azul* M288
- O eterno negror dos Cântaros* M295
- Os sargaços mostravam-se todos garridos* M300
- A manhã de mil fulgores* M308
- O vale cromático no casaredo* M343
- O Sol raramente rompia o céu plúmbeo* M368

Outro dos pólos catalizadores que escolhemos, intimamente ligado com o antecedente, foi o da Luz. Seguindo a categorização do Dicionário Analógico de Bivar (*op.cit*), poderemos constatar que, nesta categoria, se inclui o brilho. Estes lexemas ocorrem maioritariamente na descrição da tempestade na serra , a páginas 68 e seguintes da obra. Exemplos:

O lugar de becos soturnos M16

Temíveis sombras M52

Um relâmpago recortava M131

O crepúsculo aproximava-se M234

Fulminantes coriscos M140

Uma faísca rabiante M159

Um golpe de luz M164

Outros relâmpagos laceraram a escuridão M172

Estendiam-se as primeiras sombras da noite M243

A escuridade aumentara mais M266

Um Sol de prata a arder M287

O sol agora irisava M305

A manhã de mil fulgores M308

Um débil fulgor M360

Aquele imenso clarão a doirar a noite M361

Uma vaga claridade M413

Foscas dias de Inverno M420

Um luar difuso M445

Um sol límpido M523

Por outro lado, toda a percepção e representação humanas são, antes de mais, tornadas possíveis e condicionadas pela intuição *a priori* subjectiva do espaço. A captação dos dados sensíveis sob a forma ou como numa intuição pura do espaço é a primeira operação do processo do conhecimento humano e este não pode em caso algum dispensar ou ultrapassar essa condição. Toda a concepção humana é, por conseguinte, originariamente espacializada. Exprime-se o apreendido e o representado recorrendo a metáforas espaciais. Estes enunciados designam, descrevem ou qualificam actividades do espírito que invocam claramente, como sua condição de possibilidade e de enunciabilidade, uma hipotipose espacial.

Recorde-se que a expressão do espaço serve, desde sempre, e de uma forma aparentemente universal, de pólo catalizador, de domínio por excelência das transferências metafóricas (cf. Lakoff e Johnson 1980 e Langacker 1987). Parece, pois, incontestável afirmar que a experiência do espaço constitui um dos fundamentos básicos a partir do qual o homem organiza conceptualmente outros domínios mais abstractos.

Relativamente a este domínio (anexo III) destacam-se, nas matrizes lexicossemânticas, os verbos de movimento com emprego metafórico fundamentado. Pensamos que seria interessante, em trabalhos futuros, explicar o mecanismo sintáctico do emprego deste tipo de verbos em enunciados metafóricos. Fica a sugestão da leitura do artigo de Béatrice Lamiroy (1987: 41-58) que defende (tal como Brooke-Rose, 1958 e Tamine 1979) a especificidade sintáctica deste tipo de metáforas, ou seja, que é esta estabilidade sintáctica que condiciona a mobilidade de sentido e que é através do estudo das estruturas formais que canalizam a passagem do sentido próprio para o sentido metafórico que conseguimos perceber essa contribuição.

No nosso *corpus* há evidentemente este emprego metafórico de determinados verbos e propomo-nos destacar os exemplos mais ilustrativos:

O Zêzere correndo...entre os penedais M8

A serra ... ondula sempre M27

A serra contorce-se aqui, alteia-se acolá, abaixa-se mais adiante M28

A terra descia em degraus M60

Os penedos que se erguiam no seu leito M70

Baixavam no céu uns rumores M79

O nevoeiro rasgou-se M94

A muralha crescia rapidamente M125

O nevoeiro que se retirava M126

Uma águia veio remando de longe M155

As nuvens estendendo-se sobre o circo M156

O Zêzere crescera num instante M191

O regato que cortava a Nave M229

O milhano traçava lentas voltas M230

Antes da noite cair M236

Um silêncio frio que lhe descia para os pulmões M265

Rebanhos de nuvens erravam no céu M280

A lã descendo em ondas fofas M332

Cantigas que voavam para longe M358

Alguma folhita se debruçava na estrada M382

O seu olhar morno vagueava M392

A noite que caía, ventosa, gelada M419

Sobre a Lua transitavam nuvens M447

Os pinheiros dançavam M454

A neve rodopiava M468

O gelo retorcia-se em pingentes M480

O sol espirrando raios M508

Realce-se o emprego de uma forma maioritária, apanágio da descrição do mesmo tempo verbal: o imperfeito. Nos exemplos acima transcritos enunciados neste tempo, nota-se o efeito produzido pelo respectivo emprego. As impressões fixam-se, persistem, mantêm-se na nossa imaginação, e a sua momentaneidade adquire uma segunda representação perdurativa, subjectiva. O emprego do imperfeito detém e eterniza a realidade e os fenómenos que a referem ou indiciam, criando esta série de imagens durativas. O intérmio das acções provoca também uma impressão de intemporalidade, de um perpétuo deslizar das coisas. É um lento ver pictórico em que os factos da natureza são apreendidos em estado de duração, num constante e permanente devir.

3.3. A coerência metafórica do texto

Os trabalhos dos psicólogos (Asch 1948, Brown 1968) e de linguistas (Ullmann 1963 e Lakoff 1980) sublinham a presença de determinados universos metafóricos. O nosso conhecimento do mundo não se constrói somente a partir das suas propriedades objectivas, mas simultaneamente através das capacidades específicas do nosso sistema perceptivo e da nossa organização intelectual.

No domínio dos enunciados metafóricos podemos estar em presença de duas entidades que parecem análogas ou semelhantes, embora a propriedade que apresentam em comum possa ter um carácter subjectivo.

Esta dupla dimensão semântica permite compreender a criatividade do processo metafórico, que está muito próxima da que se manifesta no jogo simbólico (Piaget 1945: 96). Aliás, não há necessariamente semelhança objectiva entre os termos próprio e figurado; podendo haver, apenas, uma analogia subjectiva de tipo afectivo ou cognitivo. Esta analogia traduz, pois, um *continuum*. E todos os teorizadores, seja qual for a sua concepção de metáfora, estão de acordo neste ponto: a metáfora deve fazer ver.

La métaphore aurait pour fonction d'ouvrir un centre visible dans le champ aveugle du discours. (Molino, Soublin, Tamine, 1979: 35).

A identificação do enunciado metafórico não é um processo simples.

A própria detecção do enunciado é já um acto interpretativo que pressupõe decisões do leitor no processamento do material textual.

Identificar determinados traços sémiicos, integrá-los num contexto textual, são as duas faces de um mecanismo cuja complexidade é directamente proporcional ao grau de imprevisibilidade e ineditismo da figura.

The problem here is that unconventional metaphors do not come labeled as metaphors. We make the decision that they are. Even seeing these references as metaphors, then, requires prior interpretative acts. (Reedick, 1986: 39).

No caso presente, a coerência metafórica da obra literária analisada reside na interacção dos esquemas conceptuais delineados nas matrizes. Os enunciados metafóricos funcionam através destas macro-estruturas

conceptuais que organizam operativamente formas prototípicas de conhecimento.

Apreendemos determinadas construções, marcadamente idiolectais, que revelam de uma relação afectiva e sensitiva estabelecida entre o sujeito da enunciação e a realidade descrita. Essa relação, tal como anteriormente afirmámos, é marcada pelo predomínio de estímulos visuais.

Por trás de uma grande parte dos enunciados, há uma reacção de base analógica que produz imagens de grande poder visualizador. Recordem-se o impacto do adjectivo e do atributo que estimulam representações visuais e auditivas que abrem horizontes à fantasia do leitor.

A amálgama de conceitos abstractos e concretos, a fusão do mundo físico com o mundo moral, a matéria inerte que ganha constantemente vida emotiva, determinam indefectivelmente um estilo idiossincrático.

Animismo e personificação da realidade descrita são outras manifestações desse intenso metaforismo que, por sua vez, procede da tendência psicológica inata ao sujeito enunciator para perceber a dualidade e tentar resolvê-la na unidade.

O carácter poeticamente impreciso da adjectivação reforça o efeito dos substantivos (relembremos: "um olhar morno").

Há uma inclinação para esfumar a visualização da natureza, envolvendo-a numa névoa. É, pois, relevante a diminuição da nitidez dos contornos, o sentido do vago, do indefinido. O propósito destes enunciados é produzir uma evocação da natureza em "mancha" pictórica, de linhas imprecisas, apanágio da pintura impressionista, como, a seu tempo, já referimos. A natureza é apreendida numa imagem de perfil nebuloso.

Contribui também para a coerência do texto a atribuição de atitudes morais à natureza inanimada. O mundo insensível aparece animado com

uma estranha vitalidade, da qual o processo metafórico é o principal agente condutor.

Em nossa opinião, este animismo não é senão uma manifestação, a mais forte, do subjectivismo, tendência que dá mais importância aos ecos emocionais que a realidade desperta do que à própria representação do real.

Os enunciados metafóricos revelam o duplo gume de uma função intelectual e de outra afectivo-sensorial. É da fusão habilíssima destas funções que flui a coerência metafórica do texto.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A maior atenção concedida, nos últimos decénios, à presença da metáfora nos textos científicos, nos textos filosóficos e nos literários, permitiu reconhecer que esse elemento, frequentemente esquecido ou evitado por accidental e espúrio, tem uma natureza bastante distinta daquela que tradicionalmente lhe era reconhecida e que, para além da função estética que pode eventualmente satisfazer, cumpre um conjunto de funções múltiplas de natureza expositiva, didáctica, ilustrativa, apologética, heurística e hermenêutica, havendo mesmo metáforas que, pela pregnância e pela omnipresença em determinados textos, se revelam com um carácter configurador e fundamentador do próprio estilo, quer do escritor quer, por vezes, do movimento ou da escola literária em que este se insere.

Os enunciados metafóricos determinam o ângulo de visão através do qual se vê a realidade, a natureza, a sociedade, o homem e o conjunto das suas representações e instituições. Eles constituem uma espécie de organização perceptiva e cognitiva. Definem os horizontes das significações, pré-orientam o olhar no sentido de determinadas realidades, predispõem a atitude a partir da qual são conduzidas as atitudes conscientes. Em certo sentido, fazem parte do subconsciente do enunciador.

Chegados ao fim desta dissertação, imperioso se torna fazer um balanço do trabalho desenvolvido e avaliar se os objectivos enunciados na Introdução foram ou não alcançados.

Traçámos uma panorâmica diacrónica das diversas abordagens a que a metáfora foi submetida, dando especial relevo (como se compreenderá dada a nossa formação académica) à área específica dos estudos linguísticos.

Porque concluímos que os estudos já elaborados só pontualmente nos facultavam esclarecimentos pertinentes sobre as especificidades dos enunciados metafóricos, enveredámos por um projecto de investigação susceptível de sistematizar as propriedades semânticas e pragmáticas mais salientes que individualizam os enunciados que constituem o *corpus*.

Com efeito, pese embora a diversidade das concepções linguísticas afloradas, julgamos que, no trabalho feito, subjaz um fio condutor que é o garante da homogeneidade deste projecto de investigação.

Consideramos que o estudo dos enunciados metafóricos de um texto (seja este de um manual escolar, de um discurso do quotidiano ou, como, no caso presente, de uma obra literária) deve ser encarado como o estudo de um enunciado discursivo coerente e relevante. Se privilegiámos a análise lexicosseântica em detrimento da análise sintáctica foi, justamente, por considerarmos que são esses os parâmetros que caracterizam um tecido de enunciados metafóricos: a coerência é substantivamente de natureza semântica. Além disso, os enunciados são, na obra estudada, produzidos no quadro de um processo descritivo de uma realidade e daí a manifestação de um potencial ilocutório revelador de uma intencionalidade pragmática.

Os enunciados metafóricos tornaram-se reveladores de representações mentais particulares, descritivas de reacções ante a natureza serrana. Em cada um dos enunciados analisados, coube-nos operar os traços sémiicos mais pertinentes para demonstrar a analogia, ou a dicotomia, enunciadas.

Julgamos que os resultados obtidos - que relevam de uma análise lexicosseântica - conferem consistência teórica a algumas das definições tradicionais, empiricamente formuladas, segundo as quais a metáfora traduz um procedimento intelectual através do qual conseguimos apreender o que está para além das nossas potencialidades conceptuais. “Es la metáfora un suplemento a nuestro brazo intelectual, y representa, en lógica, la caña de pescar o el fusil.” (Ortega 1983: vol2, 391).

Examinámos, seguidamente, as correlações entre os diferentes traços sémiicos que estruturam o universo metafórico descritivo em *A Lã e a Neve*. Impôs-se-nos como largamente dominante a reacção apreciativa em situação de percepção de determinados estímulos sensoriais. Aliás, a descrição é um acto (acto descritivo) que reflecte sobre um outro acto (acto perceptivo) e o reflecte. A percepção tem, aliás, um carácter eminentemente selectivo. Perceber é sempre optar por ver alguns elementos em detrimento de outros. Daí que sublinhemos, neste estudo, o carácter activo do acto descritivo. O sujeito enunciator percepçiona e reage a partir de sistemas de valores, crenças, emoções - daí a nossa opção pela designação “reacção apreciativa a ...”. A descrição implica *ipso facto* a existência deste processo, quer de selecção significativa de elementos, quer de produção de sentido. Todos os enunciados metafóricos que analisámos constituem flagrantes exemplos de como a descrição é sempre representação de um mundo de sentidos e de como está embuída de um compromisso com a subjectividade do enunciator. São vários, mesmo, os filtros perceptivos actuaes. Daí as surpresas que se nos depararam ao estudar os vários tipos de sensações. Começamos pelas menos frequentes: Parecer-nos-ia que a sensação olfactiva seria abundante neste texto descritivo, mas realmente concluimos pela análise estatística (Anexos II) que a reacção apreciativa quer a

estímulos olfactivos quer a estímulos gustativos tem frequência hapax. É de realçar a singularidade desses dois sentidos na percepção da natureza, anormalmente indiciados na qualificação de um estado de paz (M524 e M525).

Seguidamente, o estímulo de natureza tátil ocorre quase sempre associado a outros estímulos - predomina a co-ocorrência com o visual, aparecendo pontualmente interligado ao estímulo sonoro. Esta reacção a estímulos auditivos é notória sobretudo na descrição da tempestade de neve, onde por vezes estas sensações se aliam e se substituem mesmo à imagem visual.

Sensação visual, estímulo visual, espectáculo visual, é através deste domínio que tudo é apreendido nesta idiossincrasia textual. O olhar apreende no **espaço** (a natureza) um **objecto** (um rio, uma pedra, uma nuvem) com uma determinada **forma** (sinuosa, redonda), que desenvolve determinado **movimento** (impetuoso ou lento), que apresenta **cor e luz** (esmaecida ou brilhante) e que, ainda, emite **som**. O estímulo visual desdobra-se, multiplica-se e reparte-se por todos estes domínios, daí que a harmonia da natureza seja toda apreendida através da visão que, como se prova estatisticamente, domina todas as restantes percepções.

Por seu turno, o espaço é estruturado quer relativamente à sua posição (horizontal/vertical; inclinado, oblíquo/...; suspenso/...), quer em relação à dimensão ocupada (pequeno/grande; limitado/extenso; reduzido/desmedido; estreito/largo; descomunal e gigantesco/...), quer, por fim, à sua localização (ausente/presente; frente/trás; interior/exterior; acessível/oculto; proeminente).

Esse espaço ou esse objecto descritos têm uma forma que é dada pela visão. E essa forma pode ser linear (direita/torta, sinuosa; curva/bifurcada), de superfície(côncavo/convexo; liso/rugoso; redondo,

cilíndrico/oval) ou pode ainda manifestar alteração dessa mesma superfície (saliência/fenda; sulco; em degraus; em bico, pontiagudo).

E esse espaço, esse objecto, com essa forma determinada possuem movimento, do qual dependem os processos de mudança na natureza, reflectindo as diferentes formas de energia dos contínuos processos vitais. Assim, podemos, desde logo, concluir que há várias relações dicotómicas. A primeira poder-se-á traduzir pelo antagonismo presença/ausência de movimento. A ausência desse traço semântico traduz-se em estados de tranquilidade, imobilidade, firmeza e, por vezes, mesmo, de estagnação. De um modo oposto, o movimento é dado, não só através da intensidade (rápido, instantâneo, impetuoso), como através das diferentes formas que assume. Essas formas são extremamente abundantes no nosso *corpus* e elas ocorrem em pares complementares: na horizontal (para a frente/para trás); na vertical (ascendente/descendente); através/para além de; e, ainda, sob forma de movimento circulatório e indiscriminado.

A realidade descrita nos enunciados metafóricos é marcada pela presença da cor, elemento de mutação, de transfiguração que impõe a imagem de uma natureza, de uma serra matizada, que vai desde as tonalidades pardas, esmaecidas e esbatidas até às diametralmente opostas, dominadas por um maior grau de intensidade, como sejam, o negrume, o cinzento chumbo, o colorido vivo de alguns enunciados. De referir, ainda, a hábil notação derivacional que nos remete para o impreciso, anteriormente referido (verdoengo, acobreado, esbranquiçado). Mas, de longe - e, um pouco estranhamente - a cor que prevalece é o branco, levando-nos a crer que esse facto se possa relacionar com a intensidade solar e com a pureza da natureza. Bastará cotejarmos o domínio implícito desta cor no título da obra!

Intimamente ligado ao cromatismo da natureza e ainda no domínio da visão, temos a luz que aparece também num esquema de oposição e transiência, quer em estados de mais intensidade , correspondendo ao brilho (clarão, faísca), quer de menor intensidade presentes no fosco, no encoberto, no embaciado, no difuso que abundam nos enunciados.

Encontrámos ainda um elevado número de enunciados metafóricos em que a natureza é tratada como um ser humano e em que os fenómenos naturais são descritos como seres biológicos. É, pois, uma concepção antropomórfica. Pudémos concluir que a descrição da natureza através dos enunciados metafóricos apela também a evocações, a representações, a halos conceptuais, contribuindo, portanto, para a catalização da compreensão e a consequente visão da realidade descrita.

Procurámos analisar quais os traços semânticos mais frequentes na construção dos enunciados metafóricos, sem esquecer, contudo, que estes são sempre inferidos e validados pelo significado global do texto. Concomitantemente, tentámos pôr em evidência a delimitação de classes abstractas que contribuem para explicitar a forma como se constroem estes enunciados descritivos.

Acrescente-se ainda que as interpretações propostas são susceptíveis de subsumir quer as realidades descritas pelos enunciados metafóricos, quer o conjunto de situações que contextualmente motivaram a sua enunciação.

Ao longo deste trabalho, tentámos sistematizar e interligar diferentes aspectos de natureza lexical, semântica e pragmática que delimitam a especificidade do *corpus* analisado.

Estamos conscientes das limitações que este trabalho contém. Os dados apresentados, obviamente, poderiam ser analisados à luz de perspectivas outras que aqui não foram exploradas.

Há obviamente pontos que ficaram por examinar ou que apenas foram afluídos e fica-nos a mágoa de não termos enveredado por certos mecanismos sintáticos tão recorrentes nesta obra literária (e nas restantes do mesmo autor). Esta é uma das possíveis e, certamente, frutuosas áreas de continuação deste trabalho. Igualmente lucífica também nos parece ser uma investigação mais aprofundada dos usos deste tipo de expressões. O *corpus* que analisámos, pela sua extensão e riqueza, as matrizes e os quadros apresentados possibilitariam um tratamento mais alargado e mais aprofundado que, no entanto, por diversas contingências, ultrapassaria o âmbito deste estudo.

Esperamos, todavia, ter contribuído, com esta dissertação, para um entendimento mais cabal dos enunciados metafóricos em *A Lã e a Neve*.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

I - Corpus

CASTRO, José Maria Ferreira de (1947), *A Lã e a Neve*. Lisboa: Guimarães Editores. (A edição que trabalhamos foi a 15ª., de 1990).

II - Obras sobre Ferreira de Castro

BRASIL, Jaime (1961), *Ferreira de Castro*. Lisboa: Arcádia.

CABRAL, Alexandre (1940), *Ferreira de Castro: o seu drama e a sua obra*. Lisboa: Portugália Editora.

Catálogo Bibliográfico - Monografias (1994), Coordenação, organização, indexação e catalogação de Paula Regina Luckhurst. Sintra: Museu Ferreira de Castro.

EMERY, Bernard (1981), *José Maria Ferreira de Castro et le Brésil*, Tomos I e II. Grenoble: Université de Grenoble III (Thèse de Docteur d'État).

Livro do Cinquentenário da Vida Literária de Ferreira de Castro (1967), Edição Comemorativa. Lisboa: Portugália Editora.

MOREIRA, Alberto (1959), *Ferreira de Castro: antes da glória*. Porto: Domingos d'Oliveira.

III - Dicionários

ALMEIDA E COSTA, J. e A.Sampaio e Melo (1994), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Col. Dicionários Editora, 7ª. edição. Porto: Porto Editora.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA (1990), *Dicionário de Termos Linguísticos*, volumes 1 e 2, organizado por Maria Francisca Xavier e Maria Helena Mateus. Lisboa: Edições Cosmos.

BIVAR, Artur (1952), *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto: Edições Ouro.

DUBOIS, Jean et alli. (1994), *Dictionnaire de Linguistique et des Sciences du Langage*. Paris: Larousse.

DUCROT; Oswald e Tzvetan TODOROV (1972), *Dictionnaire Encyclopédique des Sciences du Langage*. Paris: Éditions du Seuil.

FERNANDES, Francisco (1991) [1945], *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. 32ª. edição revista e ampliada por Celso e Pedro Luft. S. Paulo: Editora Globo.

- MACHADO, José Pedro (1987) [1952], *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MOESCHLER, Jacques et Anne Reboul (1994), *Dictionnaire Encyclopédique de Pragmatique*. Paris: Éditions du Seuil.
- MORIER, Henri (1975), *Dictionnaire de Poétique et de Rhétorique*. Paris: Presses Universitaires de France . "La Métaphore" pp.664-778.
- NIOBEY, Georges et alii (1994) [1980], *Dictionnaire Analogique*. Paris: Larousse .
- REIS, Carlos e Ana Cristina Macário Lopes (1994), *Dicionário de Narratologia*, 4ª. edição revista e aumentada. Coimbra: Livraria Almedina.
- SANTOS, António Nogueira (1990), *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- SILVA, António de Moraes (1949-59) [1789], *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. (10ª.edição), 12 volumes. Lisboa: Confluência.

IV- Gramáticas

CUESTA, Pilar Vásquez e Maria Albertina Mendes da Luz (1980) [1969],
Gramática da Língua Portuguesa. Tradução portuguesa de
Ana Maria Brito e Gabriela de Matos. Lisboa: Edições 70.

CUNHA, Celso e Luís Lindley Cintra (1987), *Nova Gramática do
Português Contemporâneo*. (4^a.edição). Lisboa: Edições
João Sá da Costa.

MATEUS, Maria Helena Mira *et alii* (1989), *Gramática da Língua
Portuguesa*, 2^a.edição revista e aumentada. Lisboa: Editorial
Caminho.

V - Bibliografia Geral

ADAM, Jean-Michel (1977), "Ordre du texte, ordre du discours", *Pratiques* n°.13.

_____ (1987), "Textualité et sequentialité". L'exemple de la description", *Langue Française* n°.74.

_____ (1988a), "Texte et représentation dans les séquences argumentatives et descriptives". *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* n°.55. Université de Neuchâtel.

_____ & S. Durrer (1988b), "Les avatars réthoriques d'une forme textuelle: le cas de la description", *Langue Française* n°.78. Paris: Larousse.

_____ & André Petitjean (1989), *Le Texte Descriptif*. Paris: Nathan Université.

_____ (1991), *Langue et Littérature*. Paris: Hachette.

_____ (?), *Les Textes: Types et Prototypes (Récit, Description, Argumentation, Explication et Dialogue)*. Paris: Nathan.

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de (1986), "A plurissignificação da linguagem literária", *Colóquio/Letras* n°.49.

-
- _____ (1988), *Teoria da Literatura* (8ª. ed.). Coimbra: Almedina.
- ARISTÓTELES (1986), *Poética*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda (tradução, prefácio, introdução e comentário e apêndices de Eudoro de Sousa).
- ARRIVE, M. (1973), "Pour une théorie des textes poli-isotopiques". *Langages* nº.31.
- ASCH, S. (1958), "The Metaphor: a Psychological Inquiry", *Person, Perception and Interpersonal Behaviour*. New York: R.Tagini, L. Petrullo.
- AUSTIN, J.L. (1970) [1962], *How to do things with words*. London: Oxford University Press (tradução francesa *Quand dire c'est faire*). Paris: Éditions du Seuil.
- BACHELARD, Gaston (1957), *L'eau et les Rêves*. Paris: Corti.
- BALLY, Charles (1951), *Traité de Stylistique Française*. Paris: Librairie C.Klincksieck.
- BARTHES, Roland (1953), *Le Degré Zéro de L'Écriture*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1966), "Introduction à l'Analyse Structurale des Récits" *Communications* nº8.
- BENVENISTE, Émile (1966), *Problèmes de Linguistique Générale*, tome I. Paris: Éditions Gallimard.

- _____ (1974), *Problèmes de Linguistique Générale*, tome II. Paris: Éditions Gallimard.
- BERGEZ, Daniel, Violaine Géraud et Jean-Jacques Robrieux (1994), *Vocabulaire de l'Analyse Littéraire*. Paris: Dunod.
- BERNANDEZ, E. (1982), *Introducción a la Lingüística del Texto*. Madrid: Espasa-Calpe, S.A..
- BESSIÈRE, Jean (1990), *Dire le Littéraire*. Bruxelles: Pierre Mardaga Éditeur.
- BICKERTON, D. (1969), "Prolegomena to a Linguistic Theory of Metaphor", *Foundations of Langage* 5.
- BILLOW, R.M. (1975), "A Cognitive Developmental Study of Metaphor Comprehension". *Development Psycology* 11.
- BLACK, Max (1969), *The Importance of the Langage*. London: Cornell University Press.
- _____ (1979), "More about metaphor" in *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1962), *Models and Metaphors*. Ithaca: Cornell University Press.
- BLOOMFIELD, L. (1970), *Le Langage*. Paris: Payot.
- BOLEÚ, M. Paiva (1935), *A Metáfora na Língua Portuguesa Corrente*. Coimbra: Coimbra Editora.

- BONHOMME, M. (1987), *Linguistique de la Métonymie*. Berne: Peter Lang.
- BOUVEROT, Danièle (1969), "Comparaison et Métaphore", *Le Français Moderne*, 132-147 e 224-238.
- _____ (1983), "La Métaphore dans le Langage de la Critique d'Art". *Travaux de Linguistique et Littérature* n°. 21. Centre de Philologie et de Littératures Romanes de l'Université de Strasbourg.
- BRONCKART, J.-P. (1987), "Interactions, discours, significations", *Langue Française* n°.74.
- BROOKE-ROSE, Christinne (1958), *A Grammar of Metaphor*. London: Secker & Warburg.
- BROWN, R. (1968), *Words and Things*. New York: The Free Press.
- BUUREN, Maarten van (1986), *Les Rougon-Macquart d'Émile Zola - De la Métaphore au Mythe?* Paris: Librairie José Corti.
- CAMINADE, Pierre (1970), *Image et Métaphore*. Paris: Bordas.
- CARVALHO, José G. Herculano de (1967), *Teoria da Linguagem*, Tomo I. Coimbra: Atlântida Editora.
- _____ (1969), *Estudos Linguísticos*, 2°.Volume. Coimbra: Atlântida Editora.

- _____ (1973), *Teoria da Linguagem*, Tomo II.
Coimbra: Atlântida Editora.
- _____ (1984), *Estudos Linguísticos*, 3º.Volume.
Coimbra: Coimbra Editora.
- CEIA, Carlos (1995), *Normas para a Apresentação de Trabalhos Científicos*. Lisboa: Editorial Presença.
- CHARAUDEAU, P.(1983), *Langue et Discours. Éléments de Sémiolinguistique (Théorie et Pratique)*. Paris: Hachette.
- _____ (1992), *Grammaire du Sens et de l'Expression*. Paris: Hachette.
- CHARBONNEL, Nanine (1991), *Les Aventures de la Métaphore*.
Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg.
- CHOMSKY, Noam (1977), *Réflexions sur le Langage*. Paris: Flammarion.
- COHEN, Jean (1966), *Structure du Langage Poétique*. Paris: Flammarion.
- COLLOT, Michel (1987), "L'espace des Figures". *Littérature* n°.65.
- COSERIU, Eugenio (1977a), *Principios de Semántica Estructural*. Madrid: Editorial Gredos.
- _____ (1977b), *El Hombre y su Lenguaje*. Madrid: Editorial Gredos.

- _____ (1982), *Teoría del Lenguaje y Lingüística General*. Madrid: Editorial Gredos. (Tercera edición revisada y corregida).
- _____ (1986), *Introducción a la Lingüística*. Madrid: Editorial Gredos.
- COURTÈS, Joseph (1989), *Sémantique de l'énoncé: applications pratiques*. Paris: Hachette.
- _____ (1992), *Analyse Sémiotique du Discours*. Paris: Hachette.
- CRABBÉ-ROCHA, Clara (1980), "Metáforas do Amor ou Amor-Metáfora nos Sonetos de Camões", *Cadernos de Literatura Portuguesa* nº .5 da Universidade de Coimbra.
- CULIOLI, A. (1973), "Sur quelques contradictions en linguistique" *Communications* nº. 20.
- DANON-BOILEAU, L.(1987), *Énonciation et Référence*. Paris: Ophyr.
- DAVIDSON, Donald (1980), "What metaphors mean" , *Reference, truth and reality*. London: Routlege and Kegan Paul.
- DELAS, Daniel e Jacques Filliolet (1973), *Linguistique et Poétique*. Paris: Larousse Université.
- DESSONS, Gérard (1995), *Introduction à la Poétique - Approches des théories de la Littérature*. Paris: Dunod.

- DIOGO, Américo António Lindeza (1990), *Herberto Helder: Texto, Metáfora, Metáfora do Texto*. Coimbra: Almedina.
- DUBOIS, Philippe (1975), "La Métaphore Filée et le Fonctionnement du Texte", *Le Français Moderne*, nº.3, 202-213.
- DUCROT, Oswald (1980a), "Analyses Pragmatiques". *Communications* nº.32
- _____ (1980b), *Les Échelles Argumentatives*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____ (1984), *Le Dire et le Dit*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- _____ et alii (1990), *Les Mots du Discours*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- DU MARSAIS, César (1825) [1730], *Traité des Tropes*. Genève: Slatkine Reprints.
- ECO, Umberto (1983), "The Scandal of Metaphor", *Poetics Today* 4.
- _____ (1988), *Sémiotique et Philosophie du Langage*. Paris: Presses Universitaires de France. (traduit de l'italien par Myriem Bouzaher).
- _____ (1990) [1973], *O Signo*. 4ª. ed. (tradução de Maria de Fátima Marinho). Lisboa: Editorial Presença.
- _____ (1992), *Os Limites da Interpretação*. Lisboa: Difusão Editorial. (tradução de José Colaço Barreiros).

- _____ (1993), *Leitura do Texto Literário*. Lisboa: Editorial Presença, 2ª. ed. (tradução de Mário Brito).
- _____ (1994), “Metáfora”, *Enciclopédia Einaudi*, vol.31. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 200-246.
- ESNAULT, Gaston (1925), *L'Imagination Populaire, Métaphores Occidentales*. Paris: Presses Universitaires de France.
- FERRIÈRES-PESTUREAU, Suzanne (1994), *La Métaphore en Psychanalyse*. Paris: Éditions L'Harmattan.
- FODOR, Janet D. (1977), *Semantics*. New York: Crowell.
- FONSECA, Ana Teresa de Melo (1994), *A Expressão Metafórica na Pedagogia da Expressão Escrita: Contributo para a Formação de Professores*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, na especialidade de Supervisão de Português, sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena Ançã. Secção Autónoma de Didáctica e Tecnologia Educativa. Universidade de Aveiro.(não publicada).
- FONSECA, Eduardo (1987), *A Compreensão da Metáfora por Crianças Portuguesas entre os 4 e os 10 anos de idade*. Dissertação de Mestrado em Ensino de Língua Portuguesa. Braga: Universidade do Minho.(não publicada).

FONSECA, Fernanda Irene (1986a), "Vergílio Ferreira : a Palavra, sempre e para sempre - conhecer poético e teoria da linguagem", comunicação apresentada ao Colóquio sobre *Teoria da Linguagem/ Teoria da Literatura*, Évora. Publicada no Porto na *Revista da Faculdade de Letras - Línguas e Literaturas*, II série, volume III.

(1986b), "Para uma pedagogia integrada da Língua e da Literatura", comunicação apresentada ao *Encontro sobre o Ensino e Aprendizagem da Literatura Portuguesa*. Braga: Universidade do Minho.

(1986c), "Competência Narrativa e ensino da língua materna". *Palavras* 9, 6-10.

(1992), *Deixis , Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida (Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1990, revista).

FONSECA, Joaquim (1981), *Coesão em Português. Semântica-Pragmática-Sintaxe*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

(1988), "Coerência do texto". *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Línguas e Literaturas, II série, vol.V, Tomo 1, 7-18.

(1992), *Linguística e Texto/Discurso-Teoria, Descrição e Aplicação*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

- FONTANIER, Pierre (1968) [1827]. *Les Figures du Discours*. Paris: Flammarion.
- FRAGA, M.C.F. de (1987), "O texto literário e o ensino do Português". *Actas do Congresso sobre a investigação e o ensino do Português* (1989), 334-340. Lisboa: ICALP.
- FROMILHAGUE, Catherine e Anne Sancier (1991), *Introduction à l'Analyse Stylistique*. Paris: Bordas.
- GALMICHE, Michel (1975), *Sémantique Générative*. Paris: Librairie Larousse.
- GENETTE, Gérard (1972), *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil.
- GILBERT, B. (1730), *La Rhétorique ou les Règles de l'Éloquence*. Paris: Thiboust.
- GREIMAS, Algirdas Julien (1966), *Sémantique Structurale*. Paris: Larousse.
- _____ (1970), *Du Sens - Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1983), *Du Sens II - Essais Sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ e Joseph Courtès (1979), *Sémiotique - Dictionnaire Raisonné de la Théorie du Langage*. Paris: Hachette Université.

- GRICE, H. Paul (1978), "Logic and conversation", *Syntax and Semantics*, 3. New York: Academic Press.
- GROUPE D'ENTREVERNES (1979), *Analyse Sémiotique des Textes*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- GROUPE μ (1970), *Rhétorique Générale*. Paris: Larousse.
- GUERON, J. (1979), "Relations de coréférence dans la phrase et dans le discours". *Langue Française* n° 44.
- HALLIDAY, M. A. K. (1978), *Language as Social Semiotic. The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold.
- JAKOBSON, Roman (1963), *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Éditions Minuit.
- _____ (1969), *Langage enfantin et aphasie*. Paris: Éditions Minuit.
- _____ (1973), *Questions de Poétique*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1976), *Six leçons sur le son et le sens*. Paris: Éditions de Minuit.
- KEARNEY, Richard (1984), *Poétique du Possible: Phénoméologie Herméneutique de la Figuration*. Paris: Beauchesne.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1977), *La Connotation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.

_____ (1980a), "L'ironie comme trope", *Poétique* n°.41. Paris: Seuil.

_____ (1980b), *L'Énonciation. De la Subjectivité dans le Langage*. Paris: Armand Collin.

_____ (1986), *L'Implicite*. Paris: Armand Colin.

KLEIBER, Georges (1976), Adjectifs Antonymes: comparaison expicite et comparaison implicite. *Travaux de linguistique et Littérature* XIV -1.

_____ (1978), "Phrase et valeurs de vérité" in *La Notion de Revevabilité en Linguistique*, publié par R.Martin, Paris: Klincksieck.

_____ (1981), *Problèmes de Référence : descriptions définies et noms propres*. Paris: Klincksieck.

_____ (1984a), "Dénomination et relations dénominatives". *Langages* n°.76, 76-94.

_____ (1984b), "Sur la Sémantique des descriptions démonstratives". *Linguisticæ Investigationes* VIII, 1. 63-85.

- _____ (1984c), "Pour une pragmatique de la métaphore: la métaphore, un acte de dénomination prédicative indirecte". *Recherches en Pragma-Sémantique*. Metz: Centre d'Analyse Syntaxique. Faculté des Lettres et Sciences Humaines.
- KITTAY, Eva Feder (1987), *Metaphor (Its Cognitive Force and Linguistic Structure)*. Oxford: Clarendon Press Oxford.
- KRISTEVA, Julia *et alii*, orgs. (1975), *Langue, Discours, Société*. (pour Émile Benveniste). Paris : Éditions du Seuil.
- LAKOFF, George (1982), *Categories and Cognitive Models*. Berkeley Cognitive Science Program.
- _____ (1987), *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, George e Mark Johnson (1985), *Les Métaphores dans la Vie Quotidienne*. Paris: Éditions de Minuit.
- _____ e M. Turner (1989), *More than Cool Reason*. Chicago: University of Chicago Press.
- LAMY, Bernard (1969) [1671], *La Rhétorique ou l'Art de Parler*. Brighton: Sussex Reprints.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1975), *Estilística da Língua Portuguesa* (8ª. edição revista e acrescentada). Coimbra: Coimbra Editora.

- LAURENTI, Huguette (1983), "Fonctionnement Métaphorique de l'Espace et du personnage dans le Théâtre de Paul Valéry". *Travaux de Linguistique et Littérature* n°21.
- LAVID, Julia (1988), " La Metáfora como un error: un aspecto cognitivo de la teoria semiótica de Walker Percy. *Revista Española de Lingüística*, 18.
- LAMIROY, Béatrice (1987), "Les verbes de mouvement. Emplois figurés et extensions métaphoriques". *Langue Française* n°76.
- LANGACKER, R.W. (1987), "Le mouvement abstrait". *Langue Française* n°76.
- LERAT, Pierre (1983), *Sémantique Descriptive*. Paris: Hachette Université.
- LE GUERN, Michel (1972), *Sémantique de la Métaphore et de la Métonymie*. Paris: Larousse Université.
- _____ (1981), "Métaphore et Argumentation", *L'Argumentation*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- LEVINSON, Stephen (1983), *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, Óscar (1971), *Gramática Simbólica do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (1980), "Uma espécie de música", prefácio a *Eugénio de Andrade, Poesia e Prosa*, 1º. Volume. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

LYONS, John (1977), *Semantics* , vol. 1 e 2. Cambridge: Cambridge University Press.

MACCAREN, E. (1985), *Cognitive Theory of Metaphor*. Cambridge: Mass, M.I.T. Press.

MAC CORMAC, Earl R. (1988), *A Cognitive Theory of Metaphor*. Cambridge:Mass., M.I.T. Press.

MACK, Dorothy (1975), "Metaphoring as speech act: some hapiness conditions for implicit similes and simile metaphors", *Poetics* nº.4, 223 -235.

MAINGUENEAU, Dominique (1976), *Initiation aux Méthodes de L'Analyse du Discours*. Paris: Hachette.

_____ (1987), *Nouvelles Tendances en Analyse du Discours*. Paris: Hachette.

_____ (1990), *Pragmatique pour le Discours Littéraire*. Paris: Bordas.

_____ (1993), *Éléments de Linguistique pour le Texte Littéraire*. Paris: Dunod (3ª. edição).

MARQUES, Maria Emília Ricardo (1978) "Analyse de Discours: structures complétives et argumentatives". Edição resumida em *Actes du Congrès de Sociolinguistique*. Paris: P.U.F..

- _____ (1993), "Descrição e explicação metafórica: a metáfora na divulgação científica: um exemplo bélico". *Actas do III Congresso Luso-Espanhol sobre Ensino de Línguas de Especialidade*. Évora: Universidade de Évora.
- _____ (1995), *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- _____ (1996), *Introdução aos Estudos Linguísticos*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MARTIN, Robert (1976), *Inférence, antonymie et paraphrase. Eléments pour une théorie sémantique*. Paris: Klincksiek.
- MARTÍNEZ-DUEÑAS (1993). *La Metáfora*. Barcelona: Ediciones Octaedro.
- MELANÇON, Joseph (1994), *Les Métaphores de la Culture*, Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval.
- MEYER, Michel (1988), "Rhétoricité et Littérature", *Langue Française* n°.79. Paris: Larousse.
- MILNER, J.C.(1976), "Réflexions sur la référence". *Langue Française* n°.30.
- MOIREAU, François (1982), *L'Image Littéraire*. Paris: Société d'Édition d'Enseignement Supérieur.
- MOLINO, Jean (1971), "La Connotation", *La Linguistique* VII-1, 5-30.

- _____ (1979a), "Anthropologie et Métaphore", *Langages* n°. 54. Paris: Didier Larousse.
- _____ (1979b), "Métaphores, Modèles et Analogies dans les Sciences", *Langages* n°.54. Paris: Didier Larousse.
- MOLINO, Jean, Françoise Soublin e Joëlle Tamine (1979), "Problèmes de la Métaphore", *Langages* n°.54. Paris: Didier Larousse.
- _____ (1982), *Introduction à l'Analyse linguistique de la poésie*. Linguistique Nouvelle. Paris: Presses Universitaires de France.
- MONS, Alain (1992), *La Métaphore Sociale* (Image, territoire et communication). Paris: Presses Universitaires de France.
- MOREL, M.-A. (1982), "Pour une typologie des figures de rhétorique: points de vue d'hier et d'aujourd'hui". *DRLAV* 26, 1-62.
- MULLER, Ch. (1968), *Initiation à la statistique linguistique*. Paris: Larousse.
- _____ (1973), *Initiation aux méthodes de statistique linguistique*. Paris: Hachette.
- MURAT, Michel (1981), "La Métaphore Verbale: une mise au point", *Travaux de Linguistique et Littérature*, XIX, 1.
- _____ (1983), "La Métaphore dans la Tradition Rhétorique. Quelques remarques sur le plus beau des tropes". *Travaux de Linguistique et Littérature*, n°.21.

- NATALI, J. (1978), "La communication - une sémiotique de la méconnaissance". *Communications* n°.28, 45-54.
- NORMAND, Claudine(1976), *Métaphore et Concept*. Bruxelles.
- ORTEGA Y GRASSET, José (1983), *Obras Completas*, 12 vols. Madrid: Alianza.
- _____ (1987), *La Deshumanización del arte y otros ensayos de estética*. Madrid: Alianza.
- ORTONY, A. (1979) ed., *Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PALMER, F.R. (1976), *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PARENT, Monique (1983), "L'Expression de l'Analogie, Ses Formes et Ses Effets, dans *Chronique de Saint-John Perse*". *Travaux de Linguistique et Littérature* n°.21.
- PARKER, John e Rosa Lúcia Coimbra (1989), "A Metáfora e a Linguística Textual", *Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*.
- PERELMAN, Chaim (1986), "Logique formelle et Logique informelle". *De la Métaphysique à la Rhétorique*. Bruxelles: Michel Meyer éditeurs.
- _____ (1987), "Analogia e Metáfora", *Enciclopédia Einaudi*, vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 207-217.

- _____ (1993), *O Império Retórico* (Retórica e Argumentação).
Lisboa: Edições Asa.
- PERELMAN, C. e L. Olbrechts-Tyteca (1988), *Traité de l'Argumentation*.
Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles.
- PETITJEAN, André (1981), "Les histoires drôles: Je n'aime pas les
raconter parce que..." *Pratiques* n°.30.
- PIAGET, Jean (1945), *La formation du symbole chez l'enfant*. Neuchâtel:
Delachaux et Niestlé.
- PILKINGTON, A. (1990), "A relevance theoretic view of metaphor".
Parlance, The Journal of the Poetics and Linguistics
Association, vol.2, n°.2.
- PLATÃO (1931), *Cratyle* (tradução de Louis Méridier). Paris: Les Belles
Lettres.
- POTTIER, Bernard (1992a), *Théorie et Analyse en Linguistique*. Paris:
Hachette Supérieur.
- _____ (1992b), *Sémantique Générale*. Paris: Presses Universitaires
de France.
- PRANDI, Michèle (1992), *Grammaire Philosophique des Tropes*. Paris: Les
Éditions de Minuit.
- QUINTILIANO (1978), *Institution Oratoire*, Tomo V, Livros VIII et IX
Paris: Société d'Édition Les Belles Lettres.

- RASTIER, F. (1987), *Sémantique Interprétative*. Paris: Presses Universitaires de France.
- REBOUL, Olivier (1984), *La Rhétorique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____ (1986), "La Figure et L'Argument" in M. Meyer éd. *De La Métaphysique à la Rhétorique*. Essais à la Mémoire de Chaim Perelman (avec un inédit sur la logique). Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles.
- _____ (1991), *Introduction à la Rhétorique*. Paris: Presses Universitaires de France.
- REDDICK, R.J. (1986), "Text Linguistics, Text Theory and Language Users". *Word*, 37, n°. 1 e 2. New York, I.L.A.
- REEDER; Harry P. (1986), "Logic and Interpretation. Norm and Polissemie". *Word*, vol. 37, n°.1-2. New York: I.L.A.
- REIS, Carlos (1995), *O Conhecimento da Literatura - Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina.
- _____ e Ana Cristina Macário Lopes (1994), *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- REYNA, V.F. (1985), "Figure and Fantasy in Children Language. Cognitive Learning and Memory in Children Progresss", *Cognitive Development Research*. New York: Spring-Verlag.

REYNOLDS, R.E. & A. Ortony (1980), "Some Issues in the Measurement of Children's Comprehension of Language Metaphorical", *Child Development*, nº.52.

_____ e J.A. Arter (1978), "Metaphor: Theoretical and Empirical Research". *Psychological Bulletin*, vol.85, nº.5.

RICHARDS, I.A. (1965), *The Philosophy of Rhetoric*. New York: Oxford University Press.

RICŒUR, Paul (1975), *La Métaphore Vive*. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1969), *Teoria da interpretação*.(tradução-1987). Lisboa: Edições 70.

_____ (1983), *Temps et Récit*, Tome I. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1984), *Temps et Récit*, Tome II, *La Configuration dans le Récit de Fiction*. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1985), *Temps et Récit*, Tome III, *Le Temps Raconté*. Paris: Éditions du Seuil.

_____ (1986), *Du Texte à l'Action. Essais d'Herméneutique II*. Paris: Éditions du Seuil.

RIFATERRE, Michael (1969), "La Métaphore Filée dans la Poésie Surréaliste", *Langue Française*, nº.3, pp.46-61. Paris: Larousse.

- _____ (1983), *Sémiotique de la Poésie*. Paris: Collection Poétique Seuil (traduit de l'anglais par Jean-Jacques Thomas).
- RIGOBELLO, A. (1980), "La Métaphore Vive" nel pensiero di Paul Ricoeur", *Simbolo, Metafora, Allegoria*. Padova: Liviana.
- RIVAROLA, S. (1977), "Predicacion metaforica y discurso simbolico". *Lexis*, vol.1 n°.1, 51-89.
- ROBRIEUX, Jean-Jacques (1993), *Éléments de Rhétorique et d'Argumentation*. Paris: Dunod.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques (1970) [1781], *Essai Sur L'Origine des Langues*. Paris: Nizet.
- SANCTIUS, 1573 [1555], *De Arte Dicendi Liber unus*. Salamanca: Gastius.
- SEARLE, J. (1969), *Speech Acts. An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press. Tradução (1972): *Les Actes de Langage*. Paris: Hermann.
- _____ (1979a), *Expression and Meaning*. Studies in the Theory of Speech Acts. Cambridge: University Press.
- _____ (1979b), "Le sens littéral", *Langue Française* n°.42.
- _____ (1983), *Intentionality. An essay in the philosophy of mind*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SHIBLES, W.A. (1971), *Metaphor: An Annotated Bibliography and History*. Whitewater Wis.: The Language Press.

SUHAMY, Henri (1983), *Les Figures de Style*. Paris: Presses Universitaires de France.

SILVA, Rosa Lília Torres do Couto Coimbra e (1990), *A Metáfora e a Coesão Lexical no Texto Poético* (relatório para um trabalho de síntese, orientado pelo Professor Doutor John M. Parker). Secção Autónoma de Línguas e Culturas Modernas. Universidade de Aveiro.

SOUBLIN, Françoise (1979) ,13→30→3, *Langages* n°.54. Paris: Didier Larousse.

_____ e Joëlle Tamine (1975), "Le paramètre syntaxique dans l'analyse des métaphores. *Poetics* IV.

SPERBER, Dan e Deirdre Wilson (1978), "Les ironies comme mention", *Poétique* 26.

_____ (1979), "Remarques sur l'interprétation des énoncés selon Paul Grice". *Communications* n°30.

_____ (1986a), *Relevance. Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell.

_____ (1986b), "Façons de parler", *Cahiers de Linguistique Française* n°7. Université de Genève.

_____ (1989), *La Pertinence. Communication and Cognition*. Paris: Éditions de Minuit.

- _____ (1993), "Pragmatique et Temps", *Langages* n°. 112.
- STEEN, G. (1989), "Metaphor and literary comprehension: Towards a discourse theory of metaphor in literature". *Poetics* 18.
- TAMBA-MECZ, Irène (1981), *Le sens figuré*. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____ (1983), "Pour une Approche Énonciative du Sens Métaphorique". *Travaux de Linguistique et Littérature* n°.21.
- TAMINE, Joëlle (1972), "Les Métaphores chez Robespierre et Saint-Just". *Langue Française* n°. 15, 47-55.
- _____ (1976), "L'interprétation des Métaphores en *de*", *Langue Française* n°. 30, 34-44.
- _____ (1979), "Métaphore et Syntaxe", *Langages* n°.54, 65-81.
- _____ (1992), *La Stylistique*. Paris: Armand Colin Éditeur.
- TATO, Juan-Luis e G. Espada (1975), *Semantica de la Metafora*. Alicante: Instituto de Estudios Alicantinos.
- TODOROV, Tzvetan (1966), "Les anomalies Sémantiques", *Langages* n°.1, 100-125.
- _____ (1967), *Littérature et Signification*. Apêndice: "Tropes et Figures". Paris: Larousse.

- _____ (1968), *Poétique*. Paris: Éditions du Seuil.
- _____ (1977), *Théories du Symbole*. Paris: Éditions du Seuil.
- TOURANGEAU, R. & R.J. Sternberg (1982), "Understanding and Appreciating Metaphors", *Cognition* nº.11.
- TREVI, Mario (1996), *Metáforas del Símbolo* (tradução de Ricardo Carretero). Barcelona: Antropos.
- TURBAYNE, Colin Muray (1970), *El Mito de la Metáfora*. Mexico: Fondo de Cultura Economica.
- ULLMANN, Stephen (1952), *Précis de Sémantique Française*. Berne: Éditions A. Franke S.A..
- _____ (1961) *Words and their use*. London: Frederic Muller.
- _____ (1962), *Semantics and Introduction to the Science of Meaning*. Oxford: Basil Blackwell.
- _____ (1970), *Semantics*. Oxford: Blackwell.
- YLLERA, Alicia (1979), *Estilística, Poética e Semiótica Literária*. Coimbra: Almedina (tradução de Evelina Verdelho).

VILELA, Mário (1980), *O Léxico da Simpatia - Estudos sobre o campo lexical da determinação substantiva de simpatia humana e social (1850-1900) e o respectivo contexto cultural*. Tese de doutoramento. Instituto Nacional de Investigação Científica. Porto.

_____ (1984), "Contribuição para o estudo das solidariedades lexicais. *Boletim de Filologia*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Tomo XXIX (Homenagem a Manuel Rodrigues Lapa). Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

WARDHAUGH, Ronald (1992), *Introducción á Sociolingüística*. Santiago de Compostela: Servicio de Publicacións e Intercambio Científico de la Universidade de Santiago de Compostela.

ANEXOS

ANEXO I

Matrizes lexicosseânticas

Unid. metafórica simples

12. 2

rudes pedras

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Humano
- + Estado bruto, não trabalhado
- + Agreste

Unid. metafórica simples

17. 2

dorso de rocha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- Humano
- + Localização posterior/ superior

Unid. metafórica simples

18. 3

picarotos da serra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Localização superior
- + Elevação
- + Cume

Unid. metafórica complexa

30,31. 22

*Nos topes da serra ainda
havia rósea claridade, mas cá em
baixo, boiavam sombras cada vez
mais densas.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- Humano
- Animado
- + Localização em superfície líquida
- + Movimento flutuante

Unid. metafórica complexa

31 a 33 . 22

Com as suas altivas lombas, as ramificações da montanha cercavam, de todas as bandas, a vila quase postada no fundo do vale...

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Vertical
- + Nobre

Unid. metafórica simples

32. 22

paz crepuscular

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Tranquilo
- + Sossegado
- Dia
- Noite

Unid. metafórica simples

34,35 . 22

*... ao pé do Zêzere, que ...
adquiria voz forte*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e auditivo
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Intenso

Unid. metafórica complexa

34,35 . 22

*... (Zêzere) ... correndo e
cantando entre os penedais do seu
leito*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e auditivo
- + Animado
- + Humano
- + Musicalidade
- + Movimento
- + Alegria

Unid. metafórica complexa

35.22 e1,2. 23

*A luz parecia desprender-se,
como um véu, da imensurável
cavidade, deixando ainda
vermelhar a telha francesa das
casas abastadas ...*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Separação
- + Tons avermelhados
- + Leveza
- + Transparência

Unid. metafórica complexa

2 e 3. 23

*... enquanto os negros telhados
dos pobres se somavam já à
escuridão que avançava.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Animado
- + Negrume
- + Movimento
- + Alargamento
- + Fecho

Unid. metafórica simples

4 a 7 . 23

Nas encostas, os pinheiros formavam mancha compacta e, nos vastos soutos, os castanheiros, de arredondadas frondes, dir-se-iam sem troncos - apenas largas copas pousadas nos pendores, como um acampamento aguardando a noite.

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- + Declive
- + Estatismo
- + Duração
- + Quietude
- + Espera da noite

Unid. metafórica complexa

4 a 7 . 23

O lusco-fusco apardaçara toda a terra, desde o vale às Cristas das Penhas Douradas.

- + Reacção a estímulo visual impreciso
- + Animado
- + Cor indefinida
- + Agente
- Reconhecimento de formas
- Reconhecimento de cores

Unid. metafórica complexa

7 a 9. 24

Dir-se-ia que uma poalha escura e flutuante envolvia tudo, as casas dos homens e os fijos dos lobos, nos declives abruptos, e se apossava do próprio céu .

- + Reacção a estímulo visual impreciso
- + Movimento oscilatório
- + Localização inconstante
- + Escuridão
- + Difusão
- + Movimentos horizontal e posterior/ ascensional

Unid. metafórica complexa

31, 32. 33

aqueles dois degraus abertos na anca da montanha...

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Animado
- + Espaço
- + Estatismo
- + Esforço

Unid. metafórica complexa

3. 45

*A estrada salvava a ribeira e ,
voltejando, subia .*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Sociabilidade
- + Cortesia
- + Movimento
- + Mudança de direcção

Unid. metafórica complexa

15,16. 45

*O lugar, de ruelas sinuosas,
becos soturnos...*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Espaço diminuído
- + Direcção irregular
- + Sombrio
- + Taciturno

Unid. metafórica complexa

17,18. 45

*... casas a derruírem de velhice
e de pobreza, assemelhava-se, no
seu aspecto físico, carregado de
negrume, a quase todos os
povoados beirões.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Humano
- Animado
- + Movimento lento descendente
- + Destruição
- + Negro impreciso
- + Decrepitude

Unid. metafórica complexa

24,25. 50

*No meio do vale, à beira do
Zêzere, a vila, com as alvas torres
das duas igrejas e o punhado de
casas em derredor ...*

- + Reacção a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Cor branca
- Quantidade
- + Medida da mão

Unid. metafórica complexa

25 a 27. 50

*(A vila) parecia uma
constução infantil, um burgo de
Liliput, no fundo de grande concha
verde.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Humano
- + Localização inferior
- + Superfície côncava
- + Verde
- Dimensão

Unid. metafórica complexa

27,28. 50

*Da terra linda dir-se-iam terem
saído ciclópicas figuras...*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento para fora
- + Imaginação
- + Mitológico
- + Gigantesco

Unid. metafórica simples

27. 50

pétreos vultos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Humano
- Perceptível
- + Estático
- + Resistente

Unid. metafórica complexa

28 a 30. 50

(pétreos vultos)... que haviam ficado à esculca, protegendo e vigiando o povoado, de sobre as altíssimas lombas que corriam das Penhas Douradas até aos Cântaros.

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Vigia
- + Atenção
- + Agente
- + Movimento rápido

Unid. metafórica complexa

1. 56

A serra corre de Nordeste a Sudoeste ...

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento rápido

Unid. metafórica complexa

1.2. 56

(a serra) ...como imensurável raiz de outra cordilheira que rompesse longe do seu tronco.

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Medível
- + Movimento
- + Ímpeto

Unid. metafórica complexa

2.3. 56

Belo monstro de xisto e de granito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Descomunal
- + Dimensão
- Ordem natural

Unid. metafórica complexa

3. 56

*... com terra a encher-lhe os
ocos do esqueleto*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento para dentro
- Espaço

Unid. metafórica complexa

4.56

(a serra) ... ondula sempre

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento oscilatório
- + Depressão
- + Elevação

Unid. metafórica complexa

4,5. 56

*(a serra) ... contorce-se aqui,
alteia-se acolá, abaixa-se mais
adiante , para se altear de novo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento circulatório
- + Movimento ascendente
- + Movimento descendente

Unid. metafórica simples

5. 56

bote de serpente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Náutico
- + Sinuoso
- Uniforme

Unid. metafórica complexa

5.6. 56

... (num bote de serpente) que quisesse morder o Sol.

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento instantâneo
- + Sensação

Unid. metafórica complexa

6,7. 56

*Ao distender-se, forma altivos
promontórios, dos quais se pode
interrogar o infinito*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Desenvolvimento
- Tensão
- + Altivez
- + Elevação

Unid. metafórica complexa

7. 56

... e logo se ramifica

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Divisão
- + Propagação
- + Crescimento

Unid. metafórica complexa

7,8. 56

*... que nem centopeia de
pesadelo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Articulado
- + Aflitivo
- + Agitado

Unid. metafórica complexa

8. 56

criando entre as suas pernas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Localização posterior

Unid. metafórica simples

8. 56

trágicos despenhadeiros

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Sinistro
- + Precipício
- + Declivoso

Unid. metafórica simples

9. 56

tortuosas ravinas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Sinuoso
- Linear
- + Depressão
- + Precipício

Unid. metafórica complexa

9,10. 56

*... onde nascem rios e as águas
rumorejam eternamente*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e auditivo
- + Animado
- + Agente
- + Rumor
- + Murmúrio
- + Intemporal

Unid. metafórica complexa

11 a 13. 56

*Vista do alto, sugere um fabuloso
réptil, anfíbio e descomunal,
cortando em dois o grande vale
que teria surgido após haver
secado o lago que aquele
habitava.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Animado
- + Movimento rastejante
- + Terrestre e/ou aquático
- Vulgar
- + Imaginação

Unid. metafórica complexa

13,14. 56

*Examinada de banda, vêem-se-lhe
inúmeras patas estendidas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Contável
- + Distenso
- + Espaço

Unid. metafórica simples

14. 56

o lombo serrilhado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- + Elevação
- + Carnoso
- + Forma serrilha

Unid. metafórica complexa

14,15. 56

*Esse gume com muitas mossas é,
porém, ilusório.*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Proeminência
- + Cortante
- + Vestígio de cavidade

Unid. metafórica simples

15,16. 56

O dorso da serra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- + Localização posterior/ superior

Unid. metafórica complexa

15 a 17. 56

...(o dorso da rocha) , como o dos cetáceos, mostra largas superfícies, ora chatas, ora abauladas, umas limpas de acidentes, outras cercadas de fragões...

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Nitidez
- + Forma plana
- + Forma convexa

Unid. metafórica simples

18. 56

estranhos perfis

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Representação
- + Desconhecido
- + Estranho

Unid. metafórica simples

18. 56

enigmáticas atitudes

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Misterioso

Unid. metafórica complexa

18.19. 56

*... (largas superfícies)... parecem
defender as terras solitárias*

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- Ataque
- + Protecção

Unid. metafórica simples

19. 56

terras solitárias

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Isolamento
- + Abandono

Unid. metafórica complexa

20,21. 56

*... nesses planaltos que se alargam
entre altas vagas de terreno*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Espaço
- + Forma
- + Ondulado

Unid. metafórica complexa

21,22. 56

*... entre montanhas que cresceram
no cimo da montanha*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Grandeza
- + Desenvolvimento

Unid. metafórica simples

22. 56

uma luz de mistério

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Compreensão
- Clareza
- Explicação
- + Enigma

Unid. metafórica complexa

22,23. 56

(uma luz de mistério)... enche

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento
- + Espaço ocupado

Unid. metafórica simples

23. 56

temíveis sombras

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Receio
- Luz
- + Impreciso

Unid. metafórica simples

23,24. 56

silentes penedais

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Humano
- Som
- + Silêncio
- + Estático

Unid. metafórica simples

24. 56

rochedos majestosos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Humano
- + Grandeza moral
- + Respeito

Unid. metafórica simples

24. 56

gigantescos vultos de granito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- Animado
- + Humano
- + Estatura
- + Desmedido
- Distinguível

Unid. metafórica complexa

24,25. 56

*(gigantescos vultos de granito)
que povoam a serra*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Humano
- + Agente
- + Habitado
- + Domínio

Unid. metafórica simples

25. 56

feros senhores

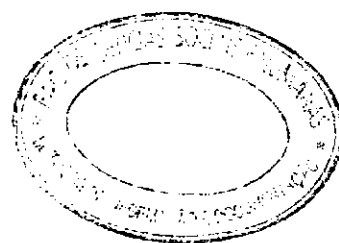
- + Humano
- + Agente
- + Domínio
- + Ferocidade
- + Acção
- + Vigor

Unid. metafórica simples

26. 57

música de regresso (dos rebanhos)

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Movimento
- + Musicalidade



Unid. metafórica complexa

27. 57

*O Outono começa a acobrear as
folhas dos castanheiros*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Cor acobreada

Unid. metafórica complexa

23. 59

*(A propriedade) ... descia em
degraus*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Forma em degraus

Unid. metafórica simples

14. 60

vasto prédio em socacos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Extensões horizontais
- + Cultivável
- + Forma em degraus
- Precipício

Unid. metafórica complexa

20. 62

Era um corredor quase recto e compridíssimo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Espaço estreito
- + Recto
- + Dimensão

Unid. metafórica complexa

21. 62

Dir-se-ia rasgado pelo casco de um navio

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- União
- + Corte
- + Embate
- + Motivo náutico

Unid. metafórica complexa

21,22. 62

(um casco de navio)... que ali imprimira a sua forma de U

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Humano
- + Causalidade
- + Representação gráfica

Unid. metafórica complexa

22. 62

*acrescentada, na base, pela
incisão da quilha*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- União
- + Corte
- + Motivo náutico

Unid. metafórica simples

23. 62

O Zêzere, ainda infante

- + Animado
- + Humano
- Dimensão
- + Puro
- + Infantil

Unid. metafórica complexa

23. 62

(O Zêzere) ... mal se enxergava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Visão difícil
- Percepção
- Nitidez

Unid. metafórica simples

24. 62

esbranquiçados penedos

- + Reacção a estímulo visual impreciso
- Animado
- + Cor branca
- + Descorado

M69

Unid. metafórica complexa

24. 62

*(Os penedos) que se erguiam no
seu leito*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento ascendente
- + Espaço
- + Localização superior

M70

Unid. metafórica simples

25. 62

declivosas orlas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Declive
- + Inclinado
- + Localização lateral

Unid. metafórica simples

25. 62

Pacientes braços

- + Animado
- + Humano
- + Perseverante
- + Resignação

Unid. metafórica simples

28,29. 62

as beíçorras da serra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Animado
- + Humano
- + Forma labial
- + Aumentativo

Unid. metafórica complexa

28.29. 62

*(As beíçorras da serra) corriam
quase a pique*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Movimento
- + Animado
- + Agente
- + Rapidez

Unid. metafórica simples

30. 62

farrapos de neblina

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Forma descontínua
- + Rasgado
- + Velho

Unid. metafórica complexa

31.32. 62

*a estrada que acompanhava a
fenda gigantesca*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento
- + Companhia

Unid. metafórica simples

29.30. 63

baforada de nevoaça

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Impreciso
- + Animado
- + Estado gasoso
- + Expiração
- + Denso

Unid. metafórica complexa

30,31. 63

*compacto nevoeiro que descia
para o vale*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento descendente
- + Densidade
- + Espesso

Unid. metafórica complexa

31. 63

baixavam no céu uns rumores

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Movimento descendente
- + Impreciso
- + Som fraco
- + Sussurro

Unid. metafórica complexa

31,32. 63

uns rumores surdos, prolongados

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- Som
- + Extenso
- + Tempo
- + Duração

Unid. metafórica simples

34. 63

um silêncio húmido

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e tátil
- + Concomitância
- Som
- + Líquido
- + Vapor de água

Unid. metafórica simples

34. 63

um silêncio de fim de mina

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Animado
- Som
- + Localização profunda

Unid. metafórica complexa

34. 63

Um silêncio ... volvia

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- Som
- + Movimento
- + Voltar
- + Agente

Unid. metafórica simples

2. 64

a mudez da terra

- + Reacção apreciativa a ausência estímulo sonoro
- + Humano
- + Impossibilidade de falar
- Som
- + Silêncio

Unid. metafórica complexa

2. 64

*a mudez da terra era, agora,
quebrada*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- Agente
- + Corte
- + Alteração

Unid. metafórica complexa

15.16. 64

(A estrada) que branquejava sob os seus pés

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Humano
- + Cor branca
- + Impreciso

Unid. metafórica simples

16. 65

paisagem submarina

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Líquido
- + Submerso
- + Húmido

Unid. metafórica complexa

16.17. 65

*a sua lã (da ovelha) parecia
diluir-se, tornar-se também névoa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Animado
- Humano
- + Mudança de estado
- + Dissolução
- + Visibilidade diminuída

Unid. metafórica complexa

19. 65

o nascimento de duas pedras

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento
- + Aparecimento
- + Origem

Unid. metafórica simples

19. 65

à flor da terra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Localização
- + Superfície

Unid. metafórica complexa

31. 65

*A neblina começara a esgarçar-se
para a banda do vale*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Animado
- + Agente
- União
- + Rasgar
- + Tecido

Unid. metafórica complexa

31.32. 65

*(A neblina) ... batida por uma
aragem mais forte*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Volume
- + Fustigada
- + Derrotada

Unid. metafórica simples

33. 65

tumultos celestes

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Desordem
- + Agitação
- + Som

Unid. metafórica complexa

33. 65

O nevoeiro rasgou-se

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- União
- + Rasgar

Unid. metafórica simples

34. 65

O céu suspeito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- Conhecimento
- + Dúvida
- + Incerteza

Unid. metafórica complexa

5. 66

A bruma desprendia-se da terra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Animado
- União
- + Desligar
- + Separar

Unid. metafórica complexa

15. 66

*Uma abertura que dir-se-ia
cortada a prumo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Espaço aberto
- União
- + Golpe
- + Vertical

Unid. metafórica simples

15,16. 66

*(cortada a prumo) por mão
fabulosa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Admiração

Unid. metafórica simples

16. 66

porta natural

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Espaço aberto
- + Naturalidade
- + Espontaneidade

Unid. metafórica complexa

16,17. 66

O circo onde nascia o Zêzere

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Montanhoso
- + Forma de anfiteatro
- + Origem

Unid. metafórica simples

17. 66

túmulo de um deus

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Monumento
- + Fúnebre
- + Imortal
- + Estático

Unid. metafórica simples

21. 66

a bruma encarcerada

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- Espaço
- + Prisão
- Abertura

Unid. metafórica simples

22. 66

vastas massas pétreas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- Animado
- + Volume
- + Espaço
- + Informe
- + Resistente

Unid. metafórica simples

22. 66

(a bruma) ... elevava-se

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento ascendente

Unid. metafórica complexa

25. 66

o rio correndo aos ziguezagues

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento
- + Rapidez
- Linear
- + Sinuoso

Unid. metafórica simples

22. 66

(a bruma) ... elevava-se

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento ascendente

Unid. metafórica complexa

25. 66

o rio correndo aos ziguezagues

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento
- + Rapidez
- Linear
- + Sinuoso

Unid. metafórica simples

25. 66

aquela fumaceira

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Vapor
- + Suspenso
- + Fumo
- + Diluído

Unid. metafórica complexa

5. 67

A bruma subia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento ascendente
- + Localização superior

Unid. metafórica simples

5,6. 67

os contrafortes ásperos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Montanhoso
- + Desigual
- + Áspero

Unid. metafórica simples

6. 67

contrafortes medonhos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Montanhoso
- + Medo
- + Dimensão

Unid. metafórica simples

6. 67

berço do Zêzere

- + Animado
- + Humano
- + Começo
- + Origem
- + Superfície oval delimitada

Unid. metafórica simples

6. 67

rotunda imensa

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Espaço
- + Dimensão
- + Forma circular
- Limite

Unid. metafórica simples

7. 67

rotunda grave

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Sério
- + Importante
- + Notável

Unid. metafórica simples

7. 67

rotunda misteriosa

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Mistério
- + Estranho
- + Enigma
- Explicação

Unid. metafórica complexa

8. 67

as névoas do princípio do Mundo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- Animado
- + Origem
- + Véu
- + Indeterminado

Unid. metafórica complexa

8,9. 67

As névoas a abandonassem (a rotunda) pela primeira vez

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Animado
- + Acção lenta
- + Abandono
- + Separação

Unid. metafórica complexa

9. 67

Iam-se desvendando

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Revelação
- + Manifestação
- + Divulgação
- + Contínuo

Unid. metafórica simples

9. 67

moles de granito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Espaço
- + Dimensão
- + Informe

Unid. metafórica complexa

10. 67

pedra de todos os milénios

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Intemporal
- + Inalterável

Unid. metafórica complexa

10.11. 67

bastiões de um só bloco

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Bloco
- + Glaciar
- + Consistente

Unid. metafórica complexa

11. 67

(bastiões) de rude traça

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Rude
- + Agreste
- + Tosco
- + Expressão

Unid. metafórica complexa

11,12. 67

*(bastiões) que se apresentavam
com uma soberba solenidade*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Agente
- + Altivo
- + Ordem
- + Grandeza

Unid. metafórica simples

12. 67

muralha ciclópica

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Construção
- + Gigantesco
- + Antigo
- + Mitológico

Unid. metafórica simples

12. 67

muralha irregular

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Construção
- Ordem
- Regra
- + Desigual

Unid. metafórica complexa

13. 67

(muralha) cheia de vincos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Sulco
- + Quantidade

Unid. metafórica complexa

13. 67

(muralha) crescia rapidamente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Movimento ascendente
- + Acção
- + Progressão
- + Rapidez

Unid. metafórica complexa

13,14. 67

o nevoeiro que se retirava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento
- + Afastamento

Unid. metafórica complexa

14. 67

(a muralha) mostrava-se mais arrogante

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Apresentação
- + Agente
- + Arrogante
- + Altivo

Unid. metafórica complexa

15. 67

(a muralha) dir-se-ia não ter fim

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Limite
- Termo
- + Grandeza

Unid. metafórica complexa

16. 67

*(a muralha) ... libertando as suas
três cabeças*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Animado
- + Acção
- + Livre
- + Localização superior

Unid. metafórica simples

16,17. 67

toucas de algodão em rama

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- + Animado
- + Cobertura
- + Macio
- + Cor branca
- + Leve

Unid. metafórica complexa

17. 67

um relâmpago recortava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Acção
- União
- + Corte

Unid. metafórica simples

17. 67

fundo ígneo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Calor
- + Combustão
- + Cor vermelha

Unid. metafórica complexa

18,19. 67

*as formas orgulhosas, absurdas,
fantásticas dos três Cântaros*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Orgulho
- + Absurdo
- Lógico
- + Imaginação

Unid. metafórica simples

22. 67

anfiteatro colossal

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Elevação
- + Circular
- + Extraordinário
- + Dimensão

Unid. metafórica complexa

22,23. 67

(o anfiteatro) exhibia-se em toda a sua imponentia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Acção
- + Apresentação
- + Imponentia
- + Grandeza

Unid. metafórica complexa

23. 67

*(O anfiteatro) era de uma
grandiosidade severa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Grandioso
- + Nobre
- + Rigor
- + Importante

Unid. metafórica complexa

24. 67

*essa rotunda propícia para um
templo de mitos alpestres*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Sagrado
- + Divino
- + Inexplicável
- Real

Unid. metafórica simples

25. 67

assombrosas florações de granito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Assombro
- + Desenvolvimento
- + Revelação
- + Raro

Unid. metafórica complexa

26,27. 67

*lembrava a carcaça de
imensurável castelo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
- Animado
- + Sustento
- Medível
- + Fortificação
- + Fortaleza

Unid. metafórica simples

27. 67

fulminantes coriscos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Fulminante
- + Explosão
- + Faísca
- + Luz

Unid. metafórica complexa

27,28. 67

Dir-se-ia que a Natureza quisera defender

- + Agente
- + Acção
- + Defesa
- + Protecção
- + Impedimento

Unid. metafórica complexa

28. 67

*(a natureza quisera) impregnar
de mistério*

- + Agente
- + Acção
- + Espaço ocupado
- + Mistério
- + Enigma

Unid. metafórica complexa

30,31. 67

*(O rio) ... era apenas uma pobre,
trémula fita de água*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Hesitante
- + Estreito
- + Movimento oscilatório

Unid. metafórica complexa

32. 67

(uma fita de água) ... que se lançava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento
- + Acção
- + Atirar

Unid. metafórica simples

1. 68

floresta petrificada

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Inerte
- Movimento
- Vida

Unid. metafórica simples

2. 68

Lápides desmesuráveis

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Pedra
- + Memória
- + Tumular
- Medível
- + Imenso

Unid. metafórica complexa

2. 68

(lápides) coladas umas às outras

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + União
- + Memória
- + Junção
- + Preso

Unid. metafórica complexa

3. 68

(as lápides)... sugeriam livros de gigantes

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- Animado
- + Conjunto
- + Estatura
- + Descomunal

Unid. metafórica complexa

3. 68

(livros de gigantes) incrustados na montanha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- Movimento
- + Fixo
- + Embutido

Unid. metafórica simples

3. 68

livros escuros

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Escuro
- Luz
- + Cor negra

Unid. metafórica complexa

4. 68

(livros) corroídos pelo tempo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Acção
- + Tempo
- + Destruição

Unid. metafórica complexa

6. 68

Havia um contínuo trovejar

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Duração
- + Contínuo
- + Som
- + Série

Unid. metafórica complexa

6. 68

A tempestade aproximava-se

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Agente
- + Movimento
- Distância
- + Proximidade

Unid. metafórica complexa

7,8. 68

a noite fosse cair sobre o meio-dia

- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Queda
- Luz

Unid. metafórica complexa

8. 68

Uma águia veio remando de longe

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Humano
- + Movimento
- + Contínuo
- + Motivo náutico

Unid. metafórica complexa

14,15. 68

(as nuvens) estendendo-se sobre o circo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento
- + Longo
- + Abrangedor
- + Extenso

Unid. metafórica complexa

15. 68

grandes, pesados, grávidos
bandos de nuvens

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Grupo
- + Dimensão
- + Peso
- + Volume

Unid. metafórica simples

16. 68

uma enfiada de trovões

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som violento
- + Sucessão
- + Série
- + Continuidade

Unid. metafórica simples

16. 68

uma faísca rabiante

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Luz
- + Brilho momentâneo
- + Movimento
- + Fúria

Unid. metafórica simples

17. 68

O ar chiava

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e táctil
- + Som
- + Agente
- + Calor
- + Alteração

Unid. metafórica simples

18. 68

um gemer de pedra

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Humano
- + Som
- + Ranger
- + Dor física

Unid. metafórica complexa

*(um gemer de pedra) fino,
cortante*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Som
- + Vibrante
- + Agudo
- + Estrídulo

Unid. metafórica complexa

18. 68

*(um gemer de pedra) que
pairou*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Agente
- + Iminente
- Movimento
- + Permanência
- + Estático

Unid. metafórica simples

20.21. 68

golpe de luz

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Luz
- + Inesperado
- + Súbito
- + Impetuoso

Unid. metafórica complexa

21. 68

(o golpe de luz) lhes havia ferido os olhos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Sensação
- + Impressão
- + Perturbação

Unid. metafórica simples

23. 68

explosão de catástrofe cósmica

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Abalo
- + Violento
- + Inesperado
- + Modificação

Unid. metafórica complexa

24.25. 68

*(uma explosão...) que fez
estremecer a terra*

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e tátil
- + Agente
- + Abalo
- + Vibração
- + Movimento indiscriminado

Unid. metafórica simples

24. 68

terra transida

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Humano
- + Fraco
- + Repassado

Unid. metafórica complexa

24.25. 68

deixando errante na atmosfera um grito humano

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Agente
- + Som
- + Movimento indiscriminado
- + Incerto

Unid. metafórica complexa

25. 68

*um grito humano, lancinante que
vencia*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Agente
- + Aflitivo
- + Som agudo
- + Domínio
- + Vantagem

Unid. metafórica complexa

25.26. 68

o ecoar longínquo do ribombo

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som forte
- + Repetição
- + Distância
- + Estrondo

Unid. metafórica complexa

29. 68

*outros relâmpagos laceraram a
escuridão*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Luz intensa
- + Transitório
- + Agente
- + Fracção
- + Rasgar

Unid. metafórica complexa

30. 68

de novo reboou aquele grito

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som agudo
- + Eco
- + Repercussão
- + Repetição

Unid. metafórica complexa

30. 68

grito de desespero impotente

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som agudo
- + Aflição
- + Ânsia
- + Débil
- + Insipiente

Unid. metafórica simples

30. 68

grito de alucinação

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Humano
- + Som agudo
- + Desvairo
- Razão momentânea

Unid. metafórica simples

31. 68

um grito de cristal

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som agudo
- + Transparência
- + Limpidez
- + Pureza

Unid. metafórica simples

31. 68

*(um grito) que dir-se-ia vir das
entranhas da rocha*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Agente
- + Movimento
- + Profundo
- + Interior

Unid. metafórica complexa

31. 68

(um grito) a morrer em ...

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Agente
- Animado
- + Fim
- + Extinção

Unid. metafórica simples

32. 68

temerosos desfiladeiros

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Medo
- + Pavor
- + Terrível

Unid. metafórica simples

32. 68

o céu calado

+ Reacção apreciativa a ausência de estím. sonoro
 + Humano
 - Som
 + Silencioso

Unid. metafórica simples

35. 68

o grito morto

+ Reacção apreciativa a estímulo sonoro
 + Humano
 - Animado
 + Fim
 + Extinção

Unid. metafórica complexa

2. 69

O silêncio prosseguia

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Som
- + Agente
- + Continuidade
- + Insistência

Unid. metafórica complexa

3.4. 69

Só as nuvens, por cima, se moviam

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento
- + Acção
- + Deslocação

Unid. metafórica simples

4. 69

nuvens grossas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Espessura
- + Dimensão
- + Volume
- + Compacto

Unid. metafórica simples

4. 69

nuvens alvacentas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Cor esbranquiçada

Unid. metafórica simples

33. 69

gigantesca mole

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Dimensão
- + Excessivo
- + Volume
- + Informe

Unid. metafórica complexa

33,34. 69

(gigantesca mole) que atraía os raios

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento
- + Proximidade

Unid. metafórica complexa

25. 70

(A chuva que começara) por bagos

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Forma redonda
- + Dimensão pequena
- + Isolado

Unid. metafórica simples

25. 70

bagos gordos e raros

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e táctil
- + Animado
- + Dimensão
- + Cheio
- + Escasso
- Frequente

Unid. metafórica simples

26. 70

grossas cordas líquidas

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Forma linear
- + Volume
- + Série
- + União

Unid. metafórica complexa

29,30. 70

O Zêzere... crescerá num instante

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Quantidade
- + Volume

Unid. metafórica simples

31. 70

magotes de juncos e urzes

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Conjunto
- + Quantidade
- + Acervo

Unid. metafórica simples

31. 70

(o Zêzere) ... regougava

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som alto
- + Voz animal
- + Grito de raposa
- + Áspero

Unid. metafórica complexa

31,32. 70

*(O Zêzere regougava)
adquirindo... voz de adulto*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Emissão de som
- + Ganho

Unid. metafórica complexa

32. 70

*ao despenhar-se na saída do
grande circo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Queda

Unid. metafórica complexa

3. 71

Deixou o silêncio correr alguns momentos

- + Reacção apreciativa a ausência de estím. sonoro
- Som
- + Continuidade
- + Tempo
- + Duração transitória

Unid. metafórica simples

16. 71

aba de uma laje

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Prolongamento
- + Borda
- + Vertente
- + Localização lateral

Unid. metafórica simples

19. 71

a chuva rala, miudinha

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- Espessa
- Densidade
- Quantidade
- + Dimensão reduzida

Unid. metafórica complexa

23. 71

*Olhou novamente através da
chuva*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Movimento através de
- + Acção
- + Transversal
- + Divisar

Unid. metafórica complexa

11. 75

a luz solar tornava a encher o covão

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Luz
- + Domínio
- + Ocupação
- Vazio
- + Movimento

Unid. metafórica simples

33. 75

tremendos glaciares

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Dimensão
- + Excessivo
- + Espantoso
- + Extraordinário

Unid. metafórica simples

34. 75

o Zêzere recém-nascido

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- Tempo
- + Pequenez
- Idade

Unid. metafórica simples

35. 75

umas pinceladas de branco

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Mancha
- + Pintura
- + Ténue
- + Branco

Unid. metafórica complexa

1.2. 76

*num fundo verde de campos
agricultados e de florestas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- Superfície
- + Base
- + Cor verde

Unid. metafórica complexa

8,9. 76

*se levantavam espectaculosos
vultos pétreos*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Humano
- + Agente
- + Movimento ascendente
- + Imagem imprecisa

Unid. metafórica simples

9. 76

arestosas lombas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e táctil
- + Animado
- + Áspero
- + Rugoso
- + Saliência

Unid. metafórica simples

9. 76

(arestosas lombas) que corriam

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento
- + Extensão
- + Rapidez

Unid. metafórica complexa

9,10. 76

pesada grandeza dos Cântaros

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Quantidade
- + Dimensão
- + Dignidade
- + Elevação

Unid. metafórica simples

10. 76

tudo serrilhado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
- + Forma em serra
- + Borda dentada
- + Visão de conjunto

Unid. metafórica simples

10,11. 76

O Sol vencera

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Domínio
- + Triunfo

Unid. metafórica simples

11. 76

as derradeiras placentas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Esponjoso
- + Comunicação
- + Último

Unid. metafórica complexa

12,13. 76

*(as derradeiras placentas) que a
tempestade deixara no céu*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Animado
- + Abandono

Unid. metafórica simples

12. 76

(O Sol) ... prateava agora

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Agente
- + Animado
- + Cor de prata
- + Brilho

Unid. metafórica complexa

12.13. 76

*o verde, muito fresco, da grande
manta de cervum que cobria a
Nave*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Cor verde
- + Cobertura
- + Localização superior
- + Uniforme

Unid. metafórica complexa

15. 76

*outros rebanhos iam rapando a
erva*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Corte rente
- + Continuidade

Unid. metafórica simples

15. 76

desgarradas cabras

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Solitário
- + Errante

Unid. metafórica simples

16,17. 76

solitárias folhitas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Solitário
- Companhia
- + Dimensão pequena

Unid. metafórica simples

25. 76

uma raiva surda

- + Concomitância de sensações
- + Contrariedade
- + Cólera
- Som
- + Secreto

Unid. metafórica simples

27. 76

Os píncaros petrificados

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Localização superior
- + Elevação
- + Pétreo
- + Resistente

Unid. metafórica simples

27,28. 76

a grande bacia relvada

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Forma circular
- + Depressão (relevo)
- + Espaço

Unid. metafórica complexa

28,29. 76

*os zimbros que... se lançavam
sobre pedras*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Dispersão
- + Superfície

Unid. metafórica complexa

29. 76

*se lançavam... como polvos
envolventes*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Domínio
- + Forma moluscóide
- + Espaço limitado
- + Abrangente

Unid. metafórica simples

29,30. 76

ásperas encostas

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- + Superfície irregular
- + Acidentado
- + Agreste

Unid. metafórica simples

30. 76

essa brava paisagem das alturas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Estado bruto
- Domesticado
- + Admirável

Unid. metafórica simples

30. 76

(paisagem) cheia de corcovas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Forma curva
- + Saliência
- Espaço linear
- + Sinuoso

Unid. metafórica simples

30,31. 76

(paisagem) cheia de ondas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Forma curva
- + Motivo náutico
- +/- Depressão
- +/- Elevação

Unid. metafórica simples

31. 76

(paisagem) cheia de cristas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Proeminência
- + Localização superior
- + Forma pontiaguda

Unid. metafórica simples

33. 76

(paisagem) ... sufocante

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Animado
- + Agente
- Respiração
- + Asfixiante
- + Cerrado

Unid. metafórica complexa

35. 76

o regato que cortava a Nave

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento através de
- + Atravessar
- + Cruzar

Unid. metafórica complexa

3. 77

o milhano ... traçava lentas voltas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Atravessar
- + Movimento circular
- + Lentidão

Unid. metafórica simples

7. 77

um som alegre de flauta

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Musicalidade
- + Alegria
- + Concomitância

Unid. metafórica complexa

13,14. 78

a flauta de outro pastor rompia

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Corte

Unid. metafórica simples

14. 78

a quietude da montanha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Estático
- + Sossego
- + Paz
- Movimento

Unid. metafórica simples

17,18. 78

o crepúsculo se aproximava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Dia
- Noite
- + Agente
- + Próximo
- + Movimento

Unid. metafórica complexa

19,20. 78

*Dir-se-ia conhecerem (as ovelhas),
com precisão de relógio, o tempo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Conhecimento
- + Exactidão

Unid. metafórica complexa

21,22. 78

antes de a noite cair

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Chegar
- + Inesperado

Unid. metafórica complexa

23,24. 78

*(os rebanhos) ... enchendo de
melancolia a serra*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Tristeza

Unid. metafórica complexa

24. 78

a dolência das suas campainhas

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- Humano
- + Som vago
- + Dor
- + Tristeza

Unid. metafórica simples

26. 78

a música arrastada e triste

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Lentidão
- Acção
- + Melancolia
- + Tristeza

Unid. metafórica simples

26. 78

sons jocosos

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som
- + Alegria
- + Prazer
- + Festivo

Unid. metafórica simples

26. 78

os sons saltitantes da flauta

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Inconstante
- + Vivacidade
- + Musicalidade

Unid. metafórica complexa

28. 78

*À luz do poente, que doirava os
píncaros*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Luminosidade
- + Cor de ouro
- + Brilho
- + Realce

Unid. metafórica complexa

32,33. 78

*atrás dele estendiam-se as
primeiras sombras da noite*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Espaço
- + Disperso
- Luz
- + Impreciso

Unid. metafórica complexa

35. 78

*O rebanho de Valadares ... meteu
por entre grupos de fragas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Movimento para dentro
- + Direcção

Unid. metafórica simples

4. 79

a crosta verdoenga da montanha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Localização em superfície
- + Cor esverdeada
- +/- Maturação

Unid. metafórica simples

6,7. 79

(algumas malhada)... escondiam-se

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Localização oculta
- Visualização

Unid. metafórica simples

7,8. 79

gigantescas famílias de rochedos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Grupo
- + Dimensão

Unid. metafórica complexa

7,8. 79

*outras (malhadas) ... pareciam
escorregar pelas próprias
declividades*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Deslize

Unid. metafórica simples

9. 79

acanhados vales

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Espaço
- Dimensão
- Desenvolvimento

Unid. metafórica complexa

13,14. 79

*por baixo (do chão) jazia a rude
ossatura de xisto ou de granito*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Posição horizontal
- + Localização em profundidade
- + Morte
- + Intemporal

Unid. metafórica complexa

15. 79

a terra alta tinha de descansar

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Repouso
- + Poisio

Unid. metafórica complexa

18. 79

*as ovelhas vinham dormir,
adubando a terra*

- + Animado
- + Agente
- + Fértil
- + Estrume
- + Contínuo

Unid. metafórica complexa

19,20. 79

*a terra que criaria o pão no ano
vindouro*

- + Animado
- + Agente
- + Dar existência
- + Produção

Unid. metafórica complexa

23. 79

O lusco-fusco apardaçara já a montanha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- Dia
- Noite
- + Cor parda

Unid. metafórica complexa

23.24. 79

... começando a dissolver as formas das suas quebradas e baixios

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Impreciso
- União
- + Diluído

Unid. metafórica complexa

26. 79

Um grande silêncio dominou a serra

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Som
- + Agente
- + Presença
- + Posse

Unid. metafórica complexa

28,29. 79

um dos magotes de rochedos que se erguiam na sua frente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Grupo
- + Localização superior

Unid. metafórica simples

29.30. 79

vultos graníticos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- Humano
- + Impreciso
- + Volume
- + Sombra

Unid. metafórica complexa

2. 80

*o leite, muito branco lá no fundo
da vasilha, ia subindo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cor branca
- + Movimento ascendente

Unid. metafórica complexa

3. 80

(o leite) ... ia expulsando aquela poalha escura

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento para fora
- + Eliminação

Unid. metafórica complexa

3,4. 80

aquela poalha escura com que a noite próxima encherá a ferrada

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Poeira
- + Leve
- + Movimento para dentro

Unid. metafórica complexa

8. 80

*Uma ave nocturna passou na
escuridade*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indiscriminado
- Luz

Unid. metafórica complexa

8. 80

uma ave ... soltando um agudo pio

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Expressão
- + Intenso

Unid. metafórica complexa

9,10. 80

*Aquele silêncio de terra molhada e
altaneira começara a desagradar-
lhe*

- + Reacção apreciativa a est. visual, tátil e sonoro
- Som
- + Animado
- + Humidade
- + Desagrado

Unid. metafórica complexa

10,11. 80

*Dir-se-ia que ... era esse silêncio
frio que lhe descia para os
pulmões*

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e tátil
- + Agente
- Som
- Temperatura
- + Movimento descendente

Unid. metafórica complexa

32. 80

A escuridade aumentara mais

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Escuro
- + Volume
- + Agente

Unid. metafórica complexa

32,33. 80

*Uma estrela , ainda pálida, surgira
no céu*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- Cor
- + Esmaecido

Unid. metafórica complexa

15. 81

Era uma voz discreta, quase tímida

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Reservado
- + Tímido

Unid. metafórica complexa

15. 81

como se tivesse receio de acordar a serra

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- Sono

Unid. metafórica complexa

16. 81

*ou (como se tivesse receio) de
espantar a noite*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Desvio
- + Afastamento

Unid. metafórica complexa

24. 83

*auscultando o grande silêncio
nocturnal*

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Som
- + Animado
- + Humano
- + Observação
- + Exploração clínica

Unid. metafórica complexa

22.23. 84

*A voz saíra-lhe novamente trémula,
enternecida*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som
- + Movimento para fora
- + Tremor
- + Oscilação
- + Ternura

Unid. metafórica complexa

35. 84

*o céu e a terra continuavam cheios
de silêncio*

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Som
- + Agente
- + Continuidade
- + Abundância

Unid. metafórica simples

2. 85

o sono arisco

- + Animado
- + Humano
- + Esquivo
- + Medroso
- Confiança

Unid. metafórica complexa

6,7. 85

A humidade da terra molestava-lhe a face

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Incómodo

Unid. metafórica complexa

12 a 14. 85

*O seu ouvido de pegureiro, que
dir-se-ia continuar desperto
quando o resto do corpo dormia*

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e táctil
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Acordado

Unid. metafórica complexa

14. 85

*(O seu ouvido) ... acusava a
quebra do silêncio alpestre*

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Falta
- Som

Unid. metafórica simples

17. 85

noite morta

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Fim
- + Extinto
- + Morte

Unid. metafórica simples

17. 85

rebanhos de nuvens

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Conjunto
- + Grupo
- + Ovelhas
- + Cor branca

Unid. metafórica complexa

18. 85

(rebanhos de nuvens) erravam no céu

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento indiscriminado
- + Vaguear
- Destino

Unid. metafórica complexa

18. 85

(rebanhos de nuvens) ... a pastar as estrelas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento
- + Nutrição
- + Prazer
- + Bucólico

Unid. metafórica complexa

21.22. 85

*para o lado dos Cântaros
vadiavam as primeiras claridades
do dia*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Luminosidade
- + Movimento indiscriminado

Unid. metafórica complexa

24. 85

A serra continuava silente

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- + Animado
- Som
- + Contínuo
- + Calmo

Unid. metafórica complexa

33,34. 85

*As ovelhas ... logo que venceram o
fraguedo vizinho da malhada*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indiscriminado
- + Alcance
- + Vitória

Unid. metafórica complexa

35. 85

*(As ovelhas) ... pondo o focinho a
quanto pasto lhes verdejava*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento
- + Cor verde
- + Impreciso

Unid. metafórica complexa

3. 86

*A manhã pintara-se com as suas
melhores cores*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cor
- + Criação
- + Revelação

Unid. metafórica simples

3.4. 86

Um Sol de prata a arder

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Luz
- + Cor de prata
- + Calor
- + Brilho

Unid. metafórica complexa

4. 86

(Um Sol) ... estadeava-se em céu azul

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Luz
- + Vaidade
- + Ostentação

Unid. metafórica complexa

5. 86

a grande redoma dir-se-ia mais espaçosa do que noutros dias

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cobertura
- + Protecção
- + Forma cilíndrica
- + Espaço

Unid. metafórica complexa

5.6. 86

a luz matinal, vinda do alto

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Luz
- + Madrugada
- + Movimento descendente

Unid. metafórica complexa

6. 86

*(a luz) ... desquitava a montanha
das suas duras linhas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- União
- + Desistência
- + Libertação

Unid. metafórica complexa

7. 86

*(a luz) ... diluía as suas rudezas de
outras horas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Ténue
- + Dissolução
- + Esbatimento

Unid. metafórica simples

7. 86

(a luz) ... fazendo branquejar

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Impreciso
- + Cor branca

Unid. metafórica simples

7,8. 86

num transparente fluxo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Transparente
- + Perceptível
- + Abundancia
- + Corrente

Unid. metafórica simples

8. 86

o eterno negror dos Cântaros

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Fim
- + Duração indefinida
- + Cor negra
- + Impreciso

Unid. metafórica simples

8,9. 86

brutos penhascais

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Rude
- + Grosseiro
- + Estado original
- + Volume

Unid. metafórica complexa

9. 86

(penhascais) cortavam o passo aos olhos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Intercepção
- + Movimento
- + Deslocação

Unid. metafórica complexa

10. 86

*Resvês à terra, a louçania era
ainda maior*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Adereço
- + Adorno
- + Colorido
- + Quantidade

Unid. metafórica simples

10,11. 86

humildes sargaços

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Inferior
- + Modesto
- + Simples

Unid. metafórica complexa

11. 86

*(os sargaços) mostravam-se todos
garridos com suas amarelas
floritas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Evidência
- + Colorido
- + Vivo

Unid. metafórica complexa

11,12. 86

*as agulhas das giestas estavam
enfloradas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Forma aguçada
- + Florido
- + Cor

Unid. metafórica simples

13. 86

saltavam ledos insectos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Movimento
- + Alegria
- + Súbito

Unid. metafórica simples

13,14. 86

Anónimas folhas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Incógnito
- Denominação
- + Mistério

Unid. metafórica simples

14. 86

lágrimas da noite

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Líquido
- + Gota
- + Choro

Unid. metafórica simples

14. 86

o Sol, agora, irisava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Multicolor
- + Brilho
- + Matizar

Unid. metafórica complexa

15. 86

as próprias carquejas, rasteiras e ásperas no seu verde-escuro

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Localização inferior
- + Agreste
- + Cor verde

Unid. metafórica complexa

16. 86

(as carquejas) ... dir-se-iam mais verdinhas e macias

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cor verde
- + Afecto
- + Suave
- + Aprazível

Unid. metafórica simples

16. 86

a manhã de mil fulgores

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Colorido
- + Quantidade
- + Brilho
- + Esplendor

Unid. metafórica complexa

16.17. 86

*As campainhas dos rebanhos iam
enebriando com a sua música*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Modificação
- + Êxtase
- + Embriaguez

Unid. metafórica simples

17.18. 86

a majestade da montanha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Grandeza
- + Solenidade
- + Superioridade

Unid. metafórica complexa

18,19. 86

*se levantavam, em voos rápidos,
cotovias e crielvos cantadores*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Movimento ascendente
- + Rapidez
- + Som
- + Musicalidade

Unid. metafórica complexa

20,21. 86

*outro cântico surgia, suave,
baixinho, ininterrupto*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Musicalidade
- + Continuidade
- + Afecto

Unid. metafórica complexa

21,22. 86

*que assim cantavam as ribeiras da
serra*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Musicalidade
- + Alegria

Unid. metafórica complexa

22. 86

*correndo para o vale as suas
águas frescas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento rápido
- + Frescura

Unid. metafórica complexa

22.23. 86

*grandes pedras que elas (ribeiras)
arredondavam*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Alteração
- + Forma redonda
- + Forma boleada

Unid. metafórica simples

23. 86

maciços de abetoiros em flor

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Quantidade
- + Compacto
- + Grupo

Unid. metafórica complexa

31,32. 86

*na rítmica toadilha que as águas
soltavam na montanha*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Cântico
- + Afecto
- + Emissão

Unid. metafórica complexa

34. 86

*(o rebanho) ... que metera à terra
que lhe era defesa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indiscriminado
- + Proibição

Unid. metafórica simples

3. 87

Múrmuro fio de água

- + Reacção apreciativa a est. visual e sonoro
- + Animado
- + Murmúrio
- + Sussurro
- + Contínuo
- + Linear

Unid. metafórica simples

3. 87

cordão de rochedos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Contínuo
- + Fileira
- + Série
- + União

Unid. metafórica complexa

8. 87

já noite fechada há muito

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Abertura
- + Conclusão
- + Escuridão

Unid. metafórica simples

12. 88

o tecto celeste

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cobertura
- + Localização superior

Unid. metafórica complexa

13. 88

*(o tecto celeste)... ameaçasse
clarear*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Indício
- + Eminente
- + Clareza

Unid. metafórica complexa

14,15. 89

*Às vezes ainda surdia uma
tempestade*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Manifestação
- + Prossecução

Unid. metafórica complexa

15. 88

*nuvens brancas explodindo em
raios e trovões*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Estrondo
- + Expansão súbita

Unid. metafórica complexa

28. 88

*a floresta que se estendia desde a
Fonte Santa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Alongamento

Unid. metafórica complexa

34,35. 88

*As ovelhas haviam metido a uma
canada, tortuosa, estreita,
atravancada de pedregulhos*

- + Animado
- + Agente
- + Movimento para dentro
- Espaço
- + Sinuoso
- + Obstáculo

Unid. metafórica simples

7. 90

áspero caminho

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e táctil
- + Acidentado
- + Escabroso
- + Superfície desigual
- + Rude

Unid. metafórica complexa

7,8. 90

*fundo regueirão aberto entre a
linde da floresta e a terra maninha*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Líquido
- + Aumentativo
- + Profundidade

Unid. metafórica complexa

30. 90

*cada ovelha dir-se-ia massa
inerte, plástica, sem força nem
vontade*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Conjunto
- + Amálgama
- + Inofensivo
- + Moldável

Unid. metafórica complexa

33.34. 90

*A lã, cortada cerce, ia-se
arregaçando suavemente*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento ascendente
- + Dobra

Unid. metafórica complexa

34,35. 90

(A lã) ... descendo em ondas fofas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Depressão
- + Elevação

Unid. metafórica complexa

10,11. 91

A lã saía numa única peça e sem um só esgarce, como um vestido de lã que não fora sequer desabotoado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Vestuário
- + Intacto

Unid. metafórica complexa

26,27. 91

A noite estava cheia de canções de raparigas

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Repleto
- + Som
- + Musicalidade

Unid. metafórica simples

34. 91

mornidão voluptuosa

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Morno
- + Tépidio
- Energia
- + Deleite
- + Sensual

Unid. metafórica complexa

35. 91

*A terra que sucedia à estrada era
em suave declive*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento para a frente
- + Sequência
- + Brando

Unid. metafórica complexa

2,3. 92

*ele sentia correr em si toda a
volúpia da noite*

- + Animado
- + Humano
- + Movimento rápido
- + Prazer
- + Sensual
- + Satisfação

Unid. metafórica complexa

4.5. 92

*soledade da serra, soledade
propícia como a de um cárcere, à
constante evocação do amor*

- + Reacção apreciativa a estímulo sensitivo
- + Solidão
- + Poético
- + Isolamento
- + Abandono
- + Prisão

Unid. metafórica complexa

8,9. 92

Estavam deitados ... a ouvir a noite

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Escutar

Unid. metafórica complexa

10.11. 92

*O fulgor da grande fogueira
espalhava-se para além do Zêzere*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indeterminado
- + Dispersão
- + Clarão

Unid. metafórica complexa

11. 92

*e ia doirar , do outro lado, a
fímbria da floresta*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cor de ouro
- + Orla

Unid. metafórica complexa

3. 93

*o vale, que se mostrava cheio de
sol matinal*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Apresentação
- + Luz
- + Manhã

Unid. metafórica simples

3. 93

(o vale) cromático no casaredo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cor
- + Combinação de cores
- + Série

Unid. metafórica complexa

3.4. 93

verde na moldura das florestas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Verde
- + Espaço em volta
- + Enquadramento
- + Feitio

Unid. metafórica complexa

8. 93

andar ali a rebentar pedras com os pés

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- União
- + Despedaçar
- + Violência

Unid. metafórica complexa

29. 94

*De dia, as ovelhas deambulavam
pelos pascigos*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento
- + Passeio

Unid. metafórica complexa

29,30. 94

*(as ovelhas) depois dormiam onde
a noite as acolhia*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Protecção
- + Abrigo

Unid. metafórica simples

22. 95

Ao morrer de Julho

- Animado
- + Extinção
- + Termo
- + Conclusão

Unid. metafórica complexa

22,23. 95

*a serra voltou a mostrar copiosas
presenças humanas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Apresentação
- + Quantidade

Unid. metafórica complexa

26. 95

*pequenas e isoladas manchas
amarelas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Espaço
- + Impreciso
- + Pincelada

Unid. metafórica complexa

27,28. 95

*contrastando... com o verdor da
serra onde elas se exibiam*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Contraste
- + Cor verde
- + Vegetal

Unid. metafórica complexa

27,28. 95

*Era o centeio maduro aguardando
a foice dos que o semearam*

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Espera
- + Tempo

Unid. metafórica complexa

31. 95

*Sega, sega quando a messe estava
por terra*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e sonoro
- + Animado
- + Som
- + Ceifa
- + Posição horizontal

Unid. metafórica complexa

32. 95

*a rocha que brindasse lisa
superfície*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Agente
- + Oferta
- + Dádiva
- + Exposição

Unid. metafórica complexa

5.6. 96

*a terra ... quedaria em descanso, a
comer os seus restolhos*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Destruição
- + Dissipação

Unid. metafórica complexa

7,8. 96

*homens e mulheres... dobravam-se
sobre as malhadas*

- + Animado
- + Humano
- + Movimento descendente
- + Inclinação
- + Curvar

Unid. metafórica complexa

12. 96

*elevavam-se vozes, ruídos do
trabalho*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Movimento ascendente

Unid. metafórica complexa

12.13. 96

cantigas que voavam para longe

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Movimento rápido
- + Deslocação no ar
- + Desaparecimento

Unid. metafórica complexa

13. 96

*(cantigas) ... quebrando o
silêncio da montanha*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Interrupção
- Contínuo

Unid. metafórica simples

30. 96

débil fulgor

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Fraco
- Perceptível
- Brilho

Unid. metafórica complexa

10,11. 97

aquele imenso clarão... a doirar a noite

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cor de ouro
- + Brilho

Unid. metafórica complexa

11. 97

a doirar o céu por cima do vale

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cor de ouro
- + Brilho

Unid. metafórica simples

14.15. 97

as cristas das chamas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Localização superior
- + Proeminência
- + Estreito
- + Alongado

Unid. metafórica simples

25. 99

Manhã nascida

- + Animado
- + Agente
- + Início
- + Manifestação
- + Aparecimento

Unid. metafórica complexa

26,27. 99

*em vez de labaredas, uns ténues
rolitos de fumo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Forma cilíndrica
- + Pequeno
- Denso
- Intenso

Unid. metafórica complexa

7,8. 101

a serra voltou ao seu silêncio

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Movimento
- + Posição anterior
- Som

Unid. metafórica complexa

24. 101

*Novamente a serra se cobrira de
pequenas ovelhadas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Revestimento

Unid. metafórica complexa

6. 102

*o Sol raramente rompia o céu
plúbeo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Corte
- + Aparecimento
- + Cor de chumbo

Unid. metafórica complexa

6,7. 102

*a montanha adquiria, no seu
abandono*

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Posse
- Vontade

Unid. metafórica simples

7. 102

uma rude severidade

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Rude
- + Austero
- + Sérico

Unid. metafórica complexa

7,8. 102

*(uma rude severidade) tão forte,
tão áspera*

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Animado
- + Incómodo ao tacto
- + Agreste
- + Grosseiro
- + Acidentado

Unid. metafórica complexa

8. 102

*que o seu próprio(da montanha)
silêncio dir-se-ia agressivo*

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- Som
- + Agente
- + Hostil
- + Provocador
- + Ofensivo

Unid. metafórica complexa

13. 102

*... a montanha, que se preparava
para entrar no Inverno*

- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Início
- + Movimento

Unid. metafórica simples

14,15. 102

*(a montanha) com uma trágica
desolação*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Tristeza
- + Angústia
- + Horrível

Unid. metafórica complexa

14. 102

*até que a neve a transfigurasse (à
montanha)*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Transformação
- + Alteração

Unid. metafórica complexa

33. 104 e
1. 105

*Novembro avançava e, com ele, o
frio cada vez mais forte*

- + Animado
- + Agente
- + Movimento para a frente
- + Continuação
- + Progressão

Unid. metafórica complexa

9 a 11. 105

*(Eram quase trezentas ovelhas
brancas e negras) , mosaico que
cobria toda a largueza da estrada*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Mancha irregular
- + Cor variada
- + Embutido
- + Revestimento

Unid. metafórica complexa

27. 105

*(as ovelhas)... dormindo onde a
noite tombava*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Localização
- + Impreciso
- + Queda

Unid. metafórica complexa

28. 105

*nas redondezas destes (povoados)
a cama era-lhes proibida*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Descanso
- + Interdição

Unid. metafórica complexa

32. 105

*sem outro ruído que o marulho dos
seus passos (das ovelhas)*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Agitação
- + Desordem
- + Ruído

Unid. metafórica complexa

32,33. 105

*alguma folhita verde, tão humilde
como elas (ovelhas)*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Pequeno
- + Modesto
- + Simples
- + Rasteiro

Unid. metafórica complexa

33. 105

alguma folhita ... se debruçava na estrada

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento
- + Posição inclinada

Unid. metafórica complexa

33,34. 105

alguma folhita ... a desafiar-lhes o apetite

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Provocação
- + Estímulo

Unid. metafórica complexa

1.2. 106

*a "Farrusca" exhibia barriga
redonda que nem pipa*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Apresentação
- + Forma redonda
- + Bojudo

Unid. metafórica complexa

9,10. 106

*um desfiladeiro que se abria,
quase a prumo, à direita da
estrada*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Alteração de superfície
- + Direcção vertical

Unid. metafórica complexa

33. 106

*As ovelhas, indiferentes à sorte da
"Farrusca"*

- + Animado
- + Humano
- + Indiferente
- Interesse
- Sensível

Unid. metafórica complexa

3. 107

*Silenciosa, a "Farrusca"
prosseguia nas suas contorções*

- + Reacção apreciativa a ausência de est. sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento irregular
- + Contracção

Unid. metafórica complexa

3 a 5. 107

*ora de olhos fechados, ora
apresentando-os cheios de névoa,
como se fosse morrer*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Sombra
- + Belida

Unid. metafórica complexa

6.7. 107

*como se um açude de sangue se
tivesse rompido*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Represa de água
- + Quantidade
- + Líquido
- + Alteração de superfície

Unid. metafórica simples

8. 107

a respirar docemente

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- + Humano
- + Suave
- + Calmo
- + Agradável

Unid. metafórica simples

16. 107

o seu olhar morno

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- Calor
- Energia
- + Sereno
- + Tranquilo

Unid. metafórica simples

16. 107

o seu olhar morno vagueava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indeterminado
- + Mudança de posição

Unid. metafórica complexa

31. 107

os homens estavam ... gulosos do desfecho

- + Animado
- + Humano
- + Gula
- + Sabor
- + Ânsia
- + Desejo

Unid. metafórica simples

7. 108

o esmero da mãe (ovelha)

- + Animado
- + Humano
- + Asseio
- + Cuidado
- + Limpeza
- + Perfeição

Unid. metafórica simples

7,8. 108

a "Farrusca" obstinada no trabalho

- + Animado
- + Humano
- + Constância
- + Firmeza
- + Teimosia
- + Insistência

Unid. metafórica simples

8,9. 107

aquela fita quente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e táctil
- + Animado
- + Forma estreita
- + Comprido
- + Ligação
- + Calor

Unid. metafórica complexa

9. 107

aquela fita gomosa, sangrenta

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e táctil
- + Animado
- + Viscoso
- + Pastoso
- + Derramamento de sangue

Unid. metafórica complexa

22. 107

*sob o Sol que não conseguia
anular o frio*

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Agente
- + Modificação na existência
- + Eliminação

Unid. metafórica simples

28. 108

pernitas tontas (do cordeirito)

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Pequeno
- + Perturbado
- + Atónito

Unid. metafórica simples

32. 109

A noite descia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente

Unid. metafórica simples

3. 111

A fogueira morria

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- Acção
- + Extinção
- Vida

Unid. metafórica complexa

9.10. 111

*o orvalho congelado... estalava
sob as botifarras*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e auditivo
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Fenda
- + Estalo

Unid. metafórica complexa

9. 111

*o orvalho... que penetrara na terra
solta*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento através de
- + Penetração

Unid. metafórica complexa

14. 111

*mostravam no sexo um globo
sangrento*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Apresentação
- + Forma esférica

Unid. metafórica complexa

14,15. 111

como uma bola de sabão vermelha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Forma esférica
- + Difuso
- + Cor vermelha
- + Pairante

Unid. metafórica simples

17. 111

anhos ... mui tímidos

- + Animado
- + Humano
- + Tímido
- + Assustado
- + Receoso

Unid. metafórica simples

17. 111

anhos ... desajeitados

- + Animado
- + Humano
- Jeito
- + Acanhado
- + Desatrado

Unid. metafórica simples

17. 111

anhos... mimosos

- + Animado
- + Humano
- + Mimoso
- + Carinhoso
- + Terno
- + Grácil

Unid. metafórica simples

4. 112

desfile pastoril

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Cortejo
- + Marcha
- + Movimento lento

Unid. metafórica complexa

9,10. 112

*as ternas cabecitas a sair dos
alforges*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Ternura
- + Afecto
- + Movimento para fora

Unid. metafórica complexa

9. 112

*como se fossem numa janela
andante*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Abertura
- + Movimento

Unid. metafórica simples

32. 118

vaga claridade

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Vago
- + Luz
- + Brilho

Unid. metafórica complexa

18,19. 119

*A claridade do dia nascente
golfava-se pelo postigo*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Saída
- + Ímpeto
- + Irrupção

Unid. metafórica complexa

26,27. 129

*A imagem da serra desvaneceu-se
num negrume*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Dissipação
- + Desaparecimento
- + Cor negra
- + Escuridão

Unid. metafórica simples

12. 130

manchas verdes

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Forma indefinida
- + Pincelada

Unid. metafórica simples

12. 130

pardas extensões de Inverno

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Cor intermédia
- +/- Escuro

Unid. metafórica simples

5. 131

O crepúsculo caía

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Claridade fosca
- + Ocaso
- + Movimento descendente

Unid. metafórica complexa

5,6. 131

o ar começava ... a tornar-se tão áspero

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Animado
- + Agente
- + Áspero
- + Agreste
- + Desabrido

Unid. metafórica complexa

31. 132

na noite que caía, ventosa e gelada

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Frio

Unid. metafórica simples

25. 137

foscos dias de Inverno

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- Brilho
- Translúcido
- + Embaciado

Unid. metafórica complexa

8,9. 150

*O céu mostrava-se plúmbeo, baixo,
fechado*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Apresentação
- + Cor de chumbo
- + Localização inferior
- + Denso

Unid. metafórica complexa

10,11. 150

*a neve não quis outros espaços
além dos pontos mais altos da
montanha*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Vontade
- + Desejo

Unid. metafórica complexa

16,17. 150

*a neve estendera-se desde os topos
da serra até às suas faldas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Comprimento
- + Alongamento

Unid. metafórica simples

19. 150

dobras do terreno

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Vinco
- + Prega
- + Sobreposição
- + Motivo vestuário

Unid. metafórica simples

19.20. 150

os caminhos vestidos de branco

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cobertura
- + Revestimento
- + Motivo vestuário

Unid. metafórica simples

25. 150

obscuridade da noite

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Luz
- + Obscuro
- + Indistinto
- Percepção

Unid. metafórica simples

25. 150

a noite que descia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Aproximação

Unid. metafórica simples

26. 150

branco da terra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cor branca
- + Contraste

Unid. metafórica simples

25. 151

uma claridade de vigília

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Luz
- Sono
- + Desvelo

Unid. metafórica simples

25.26. 151

atmosfera doente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- Saúde
- + Débil

Unid. metafórica simples

7. 152

o gelo rangia

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som chiante
- + Ruído
- + Movimento

Unid. metafórica complexa

8. 152

as figuras iam diluindo-se nas trevas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Difuso
- + Impreciso
- Intensidade

Unid. metafórica simples

9. 152

noite branca e negra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Concomitância
- + Cor branca
- + Cor negra
- + Impreciso

Unid. metafórica simples

29. 152

imenso vulto da serra

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Impreciso
- + Figura indistinta

Unid. metafórica simples

29. 152

branquejando sob as trevas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Acção
- + Cor branca
- + Continuidade

Unid. metafórica simples

30. 152

descia um ar cortante

- + Reacção apreciativa a estímulo táctil
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Frio
- + Agressivo

Unid. metafórica simples

31. 152

noitinha de rachar

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- + Corte
- + Frio intenso
- + Ironia
- + Agressivo

Unid. metafórica complexa

18. 153

*a neve fora crescendo em seu
redor*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Quantidade
- + Desenvolvimento

Unid. metafórica complexa

14. 155

*a noite continuava cheia de
trágicas sugestões*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Trágico
- + Sinistro
- + Impreciso
- + Insinuação

Unid. metafórica complexa

29,30. 157

*até que a neve as apagasse (as
pegadas)*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Eliminação
- + Desaparecimento
- + Desvanecimento

Unid. metafórica complexa

10. 183

prosseguia o tumulto da ribeira

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Continuidade
- + Movimento desordenado
- + Agitação
- + Rebuliço

Unid. metafórica complexa

11. 183

esse ruído fendia o silêncio

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Corte
- + Abalo

Unid. metafórica simples

12. 183

uivo arrastado

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Som
- + Grito
- + Contínuo
- + Demorado

Unid. metafórica complexa

12. 183

(uivo arrastado) fendendo a noite

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Corte
- + Abalo
- + Percurso

Unid. metafórica simples

11. 184

luar difuso

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Difuso
- + Impreciso
- + Vago

Unid. metafórica simples

11. 184

luar intermitente

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Contínuo
- + Intervalo
- + Interrupção

Unid. metafórica complexa

11,12. 184

Sobre a Lua transitavam nuvens

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento indiscriminado
- + Passeio

Unid. metafórica complexa

12,13. 184

imensas sombras caíam sobre a aldeia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Impreciso
- + Movimento descendente

Unid. metafórica simples

6. 199

a luz da tarde esmorecia

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- Intensidade
- + Frouxo
- Força

Unid. metafórica simples

2. 203

o céu andava de carranca

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Sombrio
- + Carregado
- + Mau humor

Unid. metafórica complexa

4. 203

aquele vento que passava, num zumbido

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Ruído de insectos

Unid. metafórica complexa

5.6. 203

*(um vento) ... que fazia rumorejar
vagamente a floresta de pinheiros*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Som
- + Sussurro

Unid. metafórica complexa

9. 203

troncos, que brotavam da noite

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Nascimento
- + Aparecimento
- + Causalidade

Unid. metafórica simples

12. 203

•

os pinheiros dançavam

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento
- + Oscilação

Unid. metafórica simples

13. 203

(os pinheiros) engrossavam

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Volume
- + Grosso
- + Volumoso

Unid. metafórica simples

13. 203

(os pinheiros) adelgaçavam

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- Volume
- + Fino
- + Delgado

Unid. metafórica simples

14. 203

bailado estranho (dos pinheiros)

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Movimento
- + Dança
- + Música

Unid. metafórica simples

19. 203

hirsuto rochedo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cobertura
- + Pêlo
- + Cabelo
- + Grosso

Unid. metafórica complexa

19,20. 203

*que a neve não conseguira revestir
totalmente*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Cobertura
- + Acção repetida
- + Motivo vestuário

Unid. metafórica simples

20. 203

(*hirsuto rochedo*) ... *negrejava*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Modificação
- + Cor negra

Unid. metafórica simples

20. 203

infinda brancura

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Finito
- + Cor branca
- + Alvo

Unid. metafórica simples

20,21. 203

o vento, entretanto, crescera

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Agente
- + Movimento
- + Quantidade

Unid. metafórica complexa

21. 203

(o vento) ... pusera-se a entoar um lamento

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Canto
- + Expressão de dor

Unid. metafórica complexa

22. 203

(o vento)... largara-se a uivar

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Grito
- + Contínuo

Unid. metafórica simples

23. 203

desespero errante (do vento)

- + Animado
- + Humano
- + Aflição
- + Angústia
- + Movimento indiscriminado
- Constante

Unid. metafórica complexa

23.24. 203

*(o vento)... enchendo a noite e a
montanha*

- + Reacção apreciativa a estímulos sonoro e tátil
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Movimento para dentro
- + Envolvimento

Unid. metafórica simples

24. 203

lúgubre tumulto

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Movimento desordenado
- + Agitação
- + Triste
- + Fúnebre

Unid. metafórica simples

35. 203

a neve rodopiava

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento circulatório
- + Remoinho

Unid. metafórica complexa

27. 204

*essa noite que ocupara os trilhos
da serra*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Espaço
- + Domínio

Unid. metafórica simples

28. 204

(a noite) ... ora gemendo

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Expressão de dor
- + Lamento

Unid. metafórica simples

28. 204

(a noite) ... ora rugindo

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Voz de animal
- + Feroz

Unid. metafórica complexa

23. 205

O vento prosseguia na sua fúria

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Agente
- + Agitação
- + Ímpeto
- + Raiva

Unid. metafórica simples

3.4. 206

aqueles regougos sinistros

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Voz de raposa
- + Temível

Unid. metafórica simples

16. 207

o vento ululava

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Som
- + Lamento
- + Aflicção

Unid. metafórica simples

30. 207

fúnebre ária (do vento)

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Cantiga
- + Morte
- + Lúgubre

Unid. metafórica complexa

6. 208

ínfima chama que ... feria a treva

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Corte
- + Dor
- + Dano

Unid. metafórica complexa

27.28. 208

O céu estava opaco, de um claro-escuro

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Concomitância
- Transparente
- Luz
- + Obscuro

Unid. metafórica simples

32,33. 208

mar de leite cristalizado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Quantidade
- + Líquido
- + Cor branca
- + Intensidade

Unid. metafórica complexa

33. 208

*algum mamilo se apresentava em
frente deles*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Saliência
- + Forma em bico
- + Saída de leite

Unid. metafórica complexa

5. 209

o gelo retorcia-se em pingentes

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento circulatório
- + Forma pendente
- + Berloque

Unid. metafórica simples

1. 211

céu revoltoso

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agitação
- + Tumulto
- + Fúria

Unid. metafórica simples

15. 211

uma série de penhas fantasmais

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Sombra
- + Espectro
- + Fantasia
- + Pavor

Unid. metafórica complexa

2. 212

a serra continuava povoada de rochedos

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Habitação
- + Espaço
- + População

Unid. metafórica complexa

2. 212

*(rochedos) ... que pareciam
acampados*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Paragem
- + Lazer
- + Grupo

Unid. metafórica simples

3. 212

vastos lençóis

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Extenso
- + Peça de pano
- + Cor branca

Unid. metafórica complexa

5,6. 212

*(o vento)... continuava a dominar
tudo com os seus uivos*

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Domínio
- + Som
- + Grito animal

Unid. metafórica complexa

19,20. 212

*milhentos flocos tombavam sobre o
seu corpo como se, por cima dele,
uma macieira estivesse a esflorar-
se*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Movimento descendente
- + Queda das flores
- + Naturalidade

Unid. metafórica complexa

23.24. 213

*a neve que escondia os magotes de
urzes*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Oculto
- + Encoberto

Unid. metafórica simples

24. 213

a neve ... rompia-se

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- União
- + Destruição

Unid. metafórica complexa

25. 213

o mundo vegetal, que jazia por baixo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Posição horizontal
- + Morte
- + Permanência

Unid. metafórica complexa

25. 213

(o mundo vegetal)... eriçado de puas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Crespo
- + Superfície rugosa
- + Forma aguçada

Unid. metafórica complexa

3. 214

Dir-se-ia que, na encosta, os penedos se haviam multiplicado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Quantidade
- + Número
- + Propagação

Unid. metafórica simples

7,8. 214

quedos fantasmas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Impreciso
- + Espectro
- + Ilusão
- Movimento

Unid. metafórica simples

11. 214

o céu estava todo fechado

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Alteração de superfície
- + Compacto
- + Denso
- Penetrável

Unid. metafórica simples

12. 214

uma vaga claridade, muito vaga

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Impreciso
- + Indefinido
- + Incerto
- + Inconstante
- + Disperso

Unid. metafórica complexa

31. 214

o vento teimava nos seus rugidos

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Agente
- + Persistência
- + Voz animal
- + Feroz

Unid. metafórica complexa

31,32. 214

*(o vento) ... dir-se-ia a única
presença na serra*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Animado
- + Humano
- + Absoluto
- + Exclusivo
- + Singular

Unid. metafórica simples

32.33. 214

o vale ... respondia

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Som
- + Comunicação
- + Expressão de ideias

Unid. metafórica simples

33. 214

ecos de terror

- + Reacção apreciativa a estímulo sonoro
- + Som
- + Repetição
- + Repercussão
- + Medo
- + Pavor

Unid. metafórica complexa

9. 215

a neve formava uma gargalheira

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Forma em cadeia
- + Coleira
- + Preso

Unid. metafórica complexa

22. 220

*Estava uma tarde fresca, toda
plúmbea e merencória*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Cor de chumbo
- + Melancolia
- + Tristeza
- + Sombrio

Unid. metafórica simples

25.26. 220

(chuva) ... forte como grãos de chumbo

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
- + Pequena quantidade
- + Forma redonda
- + Pesado
- + Intensidade
- + Sólido

Unid. metafórica complexa

26 a 28. 220

só as poças dos caminhos e as folhas das couves... guardavam lembrança da chuva

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Memória
- + Recordação
- + Pensamento

Unid. metafórica complexa

28,29. 220

*O céu abrira sobre a terra o seu
grande olho luminoso*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Órgão de visão
- + Alteração de superfície

Unid. metafórica simples

29,30. 220

O frio amortecera

- + Reacção apreciativa a estímulo tátil
- + Agente
- + Diminuição
- + Moderação
- + Fraco
- Intenso

Unid. metafórica simples

34. 220

Dir-se-ia um Sol novinho

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- Tempo
- + Início
- + Nascente
- + Recente

Unid. metafórica simples

1. 221

(um Sol)... acabado de fundir

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Estado líquido
- + Conversão
- + Perfeição

Unid. metafórica simples

1. 221

(o Sol) ... espirrando raios

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Movimento para fora
- + Emissão
- + Ímpeto

Unid. metafórica complexa

1,2. 221

*raios do seu branco metal
incandescente*

- + Cor branca
- + Textura metálica
- + Brilhante
- + Quente
- + Luminoso
- + Candente

Unid. metafórica complexa

3. 224

*os humildes zimbros ... puderam
ver, de novo, a luz solar*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Conhecimento
- + Observação

Unid. metafórica simples

3. 224

(os zimbros) ... sepultados em gelo

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- Animado
- + Morte
- +Localização inferior
- + Submerso
- + Enterrado

Unid. metafórica simples

35. 224

À alpardinha

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Manhã
- + Diminuição
- + Carinho

Unid. metafórica simples

5. 259

A manhã estava áspera

- + Reacção apreciativa a estímulo visual e tátil
- + Animado
- + Superfície desigual
- + Incómodo
- + Desagradável
- + Agreste

Unid. metafórica simples

11. 264

fulgurante Sol de Junho

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Luminosidade
- + Brilho
- + Esplendor

Unid. metafórica simples

11. 264

mas vaga era a luz

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Disperso
- + Indefinido

Unid. metafórica simples

8. 273

Verão andante

- + Animado
- + Humano
- + Movimento indiscriminado
- + Tempo
- + Mudança

Unid. metafórica simples

2. 300

hora cinzenta da tarde

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cor cinzenta
- + Pardo
- + Triste

Unid. metafórica simples

15. 311

dia agreste

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- + Animado
- + Desagradável
- + Desabrido
- + Áspero

Unid. metafórica complexa

2.3. 334

*os castanheiros ... mostravam as
suas copas lustrosas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Apresentação
- + Localização superior
- + Brilho

Unid. metafórica complexa

4,5. 334

*as tílias apresentavam-se, também,
exuberantes de folhagem*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Apresentação
- + Vigor
- + Quantidade

Unid. metafórica complexa

8,9. 334

*as flores silvestres que rompiam de
todas as bandas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- União
- + Erupção

Unid. metafórica simples

9. 334

flores ... pulcras e humildes

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Formoso
- + Gentil
- + Humilde
- + Simples

Unid. metafórica simples

16. 334

Sol límpido

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Luz
- + Puro
- + Nítido
- + Transparente

Unid. metafórica complexa

17,18. 334

*(um Sol) ... que parecia encher a
serra e o mundo de paz*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Quantidade
- + Completo

Unid. metafórica simples

18. 334

paz doce

- + Reacção apreciativa a estímulos vis. e gustativo
- + Sabor agradável
- + Suave
- + Ditoso
- + Sereno
- + Calmo

Unid. metafórica simples

18. 334

paz perfumada

- + Reacção apreciativa a estímulos visul e olfactivo
- + Cheiro agradável
- + Aroma
- + Suave
- + Agradável
- + Essência

Unid. metafórica simples

18. 334

paz cromática

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Cor
- + Combinação
- + Corado
- + Suave

Unid. metafórica complexa

19,20. 334

*(a paz) ... com que a Natureza
realizava, em silêncio, a sua obra
de criação*

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
- + Animado
- + Humano
- + Agente
- + Criatividade
- Som

Unid. metafórica complexa

20. 334

*Era uma paz que dir-se-ia
segregada pelas próprias ervas*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Produção
- + Movimento para fora
- + Contínuo

Unid. metafórica simples

21. 334

fragas hirsutas

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cobertura
- + Peludo
- + Áspero
- + Grosseiro

Unid. metafórica complexa

23. 334

*penedores da montanha agora
reverdecidos*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Cor verde
- + Repetição
- + Intensidade

Unid. metafórica complexa

21,22. 335

*nos castanheiros da colina de
Santo António surgiram os
primeiros laivos amarelos*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Impreciso
- + Mancha
- + Localização superficial
- + Cor amarela

Unid. metafórica complexa

23,24. 335

*as tílias preparavam-se para florir
e encher o jardim*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Início
- + Organização

Unid. metafórica simples

24. 335

gordo aroma (das tílias)

- + Reacção apreciativa a estímulo olfactivo
- + Animado
- + Importante
- + Considerável
- + Forte
- + Espesso

Unid. metafórica complexa

5. 346

*Dos beirais dependuravam-se
níveos berloques*

- + Reacção apreciativa a estímulo visual
- + Animado
- + Agente
- + Movimento descendente
- + Cor branca
- + Pendente

Unid. metafórica simples

33. 346

o gelado silêncio da montanha

- + Reacção apreciativa a estímulos visual e tátil
- Som
- + Frio
- + Intensidade
- + Sossego
- + Concomitância

ANEXO II

Abordagem estatística

F= 4	+ Abalo
F= 4	+ Abandono
F= 1	+ Abertura
F= 1	+ Abrangedor
F= 1	+ Abrangente
F= 1	+ Abrigo
F= 1	+ Absoluto
F= 1	+ Absurdo
F= 2	+ Abundância
F= 1	+ Acanhado
F= 1	+ Acção lenta
F= 14	+ Acção
F= 1	+ Acção repetida
F= 1	+ Acervo
F= 3	+ Acidentado
F= 1	+ Acordado
F= 1	+ Adereço
F= 1	+ Admiração
F= 1	+ Admirável
F= 1	+ Adorno
F= 2	+ Afastamento
F= 4	+ Afecto
F= 3	+ Aflição
F= 2	+ Aflitivo
F= 205	+ Agente
F= 6	+ Agitação
F= 1	+ Agitado
F= 2	+ Agradável
F= 2	+ Agressivo
F= 7	+ Agreste
F= 1	+ Agudo
F= 1	+ Alargamento
F= 1	+ Alcance
F= 5	+ Alegria
F= 1	+ Alongado
F= 2	+ Alongamento

F= 8	+ Alteração
F= 4	+ Alteração de superfície
F= 1	+ Altivez
F= 2	+ Altivo
F= 1	+ Alvo
F= 1	+ Amálgama
F= 2	+ Angústia
F= 353	+ Animado
F= 1	+ Antigo
F= 4	+ Aparecimento
F= 1	+ Aprazível
F= 9	+ Apresentação
F= 1	+ Aproximação
F= 1	+ Aroma
F= 1	+ Arrogante
F= 1	+ Articulado
F= 1	+ Asfixiante
F= 1	+ Asseio
F= 1	+ Assombro
F= 1	+ Assustado
F= 1	+ Atenção
F= 1	+ Atirar
F= 1	+ Atónito
F= 2	+ Atravessar
F= 2	+ Aumentativo
F= 1	+ Austero
F= 1	+ Base
F= 1	+ Belida
F= 1	+ Berloque
F= 1	+ Bloco
F= 1	+ Bojudo
F= 2	+ Borda
F= 1	+ Borda dentada
F= 1	+ Branco
F= 1	+ Brando
F= 1	+ Brilhante

F= 11	+ Brilho
F= 1	+ Brilho momentâneo
F= 1	+ Bucólico
F= 1	+ Cabelo
F= 3	+ Calmo
F= 4	+ Calor
F= 1	+ Candente
F= 1	+ Cântico
F= 1	+ Cantiga
F= 1	+ Canto
F= 1	+ Carinho
F= 1	+ Carinhoso
F= 1	+ Carnoso
F= 1	+ Carregado
F= 2	+ Causalidade
F= 1	+ Ceifa
F= 1	+ Cerrado
F= 1	+ Chegar
F= 1	+ Cheio
F= 1	+ Cheiro agradável
F= 1	+ Choro
F= 1	+ Circular
F= 1	+ Clarão
F= 1	+ Clareza
F= 1	+ Claridade fosca
F= 8	+ Cobertura
F= 1	+ Coleira
F= 1	+ Cólera
F= 3	+ Colorido
F= 2	+ Combinação
F= 1	+ Combinação de cores
F= 1	+ Combustão
F= 1	+ Começo
F= 3	+ Compacto
F= 1	+ Companhia
F= 1	+ Completo

F= 1	+ Comprido
F= 1	+ Comprimento
F= 2	+ Comunicação
F= 2	+ Conclusão
F= 6	+ Concomitância
F= 1	+ Concomitância de sensações
F= 2	+ Conhecimento
F= 4	+ Conjunto
F= 1	+ Considerável
F= 1	+ Consistente
F= 1	+ Constância
F= 2	+ Construção
F= 1	+ Continuação
F= 8	+ Continuidade
F= 10	+ Contínuo
F= 1	+ Contracção
F= 1	+ Contrariedade
F= 2	+ Contraste
F= 1	+ Conversão
F= 1	+ Cor acobreada
F= 1	+ Cor amarela
F= 15	+ Cor branca
F= 1	+ Cor cinzenta
F= 3	+ Cor de chumbo
F= 4	+ Cor de oiro
F= 9	+ Cor de
F= 2	+ Cor de prata
F= 1	+ Cor esbranquiçada
F= 1	+ Cor esverdeada
F= 1	+ Cor indefinida
F= 1	+ Cor intermédia
F= 5	+ Cor negra
F= 1	+ Cor parda
F= 1	+ Cor variada
F= 7	+ Cor verde
F= 51	+ Cor

F= 2	+ Cor vermelha
F= 1	+ Corado
F= 1	+ Corrente
F= 1	+ Cortante
F= 11	+ Corte
F= 1	+ Corte rente
F= 1	+ Cortejo
F= 1	+ Cortesia
F= 1	+ Crescimento
F= 1	+ Crespo
F= 1	+ Criação
F= 1	+ Criatividade
F= 1	+ Cruzar
F= 1	+ Cuidado
F= 1	+ Cultivável
F= 1	+ Cume
F= 1	+ Curvar
F= 1	+ Dádiva
F= 1	+ Dança
F= 1	+ Dano
F= 1	+ Dar existência
F= 2	+ Débil
F= 2	+ Declive
F= 1	+ Declivoso
F= 1	+ Decrepitude
F= 1	+ Defesa
F= 1	+ Deleite
F= 1	+ Delgado
F= 1	+ Demorado
F= 1	+ Densidade
F= 3	+ Denso
F= 4	+ Depressão
F= 1	+ Depressão relevo
F= 1	+ Derramamento de sangue
F= 1	+ Derrotada
F= 2	+ Desabrido

F= 2	+ Desagradável
F= 1	+ Desagrado
F= 3	+ Desaparecimento
F= 1	+ Desatrado
F= 1	+ Descanso
F= 2	+ Descomunal
F= 1	+ Desconhecido
F= 1	+ Descorado
F= 2	+ Desejo
F= 4	+ Desenvolvimento
F= 2	+ Desigual
F= 1	+ Desistência
F= 1	+ Desligar
F= 1	+ Deslize
F= 3	+ Deslocação
F= 1	+ Deslocação no ar
F= 1	+ Desmedido
F= 2	+ Desordem
F= 1	+ Despedaçar
F= 4	+ Destruição
F= 1	+ Desvairo
F= 1	+ Desvanecimento
F= 1	+ Desvelo
F= 1	+ Desvio
F= 1	+ Difusão
F= 3	+ Difuso
F= 1	+ Dignidade
F= 2	+ Diluído
F= 2	+ Dimensão pequena
F= 16	+ Dimensão
F= 1	+ Dimensão reduzida
F= 2	+ Diminuição
F= 1	+ Direcção irregular
F= 3	+ Direcção
F= 1	+ Direcção vertical
F= 2	+ Dispersão

F= 3	+ Disperso
F= 2	+ Dissipação
F= 2	+ Dissolução
F= 1	+ Distância
F= 1	+ Distenso
F= 1	+ Ditoso
F= 1	+ Divino
F= 1	+ Divisão
F= 1	+ Divisar
F= 1	+ Divulgação
F= 1	+ Dobra
F= 8	+ Domínio
F= 3	+ Dor
F= 1	+ Dor física
F= 1	+ Duração indefinida
F= 5	+ Duração
F= 1	+ Duração transitória
F= 1	+ Dúvida
F= 1	+ Eco
F= 8	+ Elevação
F= 3	+ Eliminação
F= 1	+ Embaciado
F= 1	+ Embate
F= 1	+ Embriaguez
F= 2	+ Embutido
F= 1	+ Eminente
F= 3	+ Emissão
F= 1	+ Emissão de som
F= 1	+ Encoberto
F= 3	+ Enigma
F= 1	+ Enquadramento
F= 1	+ Enterrado
F= 1	+ Envolvimento
F= 1	+ Errante
F= 1	+ Erupção
F= 1	+ Esbatimento

F= 1	+ Escabroso
F= 1	+ Escasso
F= 3	+ Escuridão
F= 2	+ Escuro
F= 1	+ Escutar
F= 1	+ Esforço
F= 1	+ Esmaecido
F= 2	+ Espaço aberto
F= 1	+ Espaço diminuído
F= 1	+ Espaço em volta
F= 1	+ Espaço estreito
F= 1	+ Espaço limitado
F= 26	+ Espaço
F= 2	+ Espaço ocupado
F= 1	+ Espantoso
F= 2	+ Espectro
F= 2	+ Espera
F= 1	+ Espera da noite
F= 2	+ Espesso
F= 1	+ Espessura
F= 2	+ Esplendor
F= 1	+ Esponjoso
F= 1	+ Espontaneidade
F= 1	+ Esquivo
F= 1	+ Essência
F= 2	+ Estado bruto
F= 1	+ Estado gasoso
F= 1	+ Estado líquido
F= 5	+ Estado
F= 1	+ Estado original
F= 1	+ Estalo
F= 5	+ Estático
F= 2	+ Estatismo
F= 2	+ Estatura
F= 1	+ Estímulo
F= 2	+ Estranho

F= 2	+ Estreito
F= 1	+ Estrídulo
F= 2	+ Estrondo
F= 1	+ Estrume
F= 1	+ Evidência
F= 1	+ Exactidão
F= 2	+ Excessivo
F= 1	+ Exclusivo
F= 1	+ Expansão súbita
F= 1	+ Expiração
F= 1	+ Exploração clínica
F= 1	+ Explosão
F= 1	+ Exposição
F= 2	+ Expressão de dor
F= 5	+ Expressão
F= 3	+ Expressão de
F= 1	+ Expressão de ideias
F= 1	+ Extensão
F= 3	+ Extenso
F= 1	+ Extensões horizontais
F= 4	+ Extinção
F= 1	+ Extinto
F= 2	+ Extraordinário
F= 1	+ Faísca
F= 1	+ Falta
F= 1	+ Fantasia
F= 1	+ Fecho
F= 1	+ Feitio
F= 1	+ Fenda
F= 1	+ Ferocidade
F= 2	+ Feroz
F= 1	+ Fértil
F= 1	+ Festivo
F= 1	+ Figura indistinta
F= 1	+ Fileira
F= 3	+ Fim

F= 1	+ Fino
F= 1	+ Firmeza
F= 1	+ Fixo
F= 1	+ Florido
F= 2	+ Forma aguçada
F= 1	+ Forma boleada
F= 2	+ Forma cilíndrica
F= 2	+ Forma circular
F= 1	+ Forma convexa
F= 2	+ Forma curva
F= 1	+ Forma de anfiteatro
F= 1	+ Forma descontínua
F= 1	+ Forma em bico
F= 1	+ Forma em cadeia
F= 2	+ Forma em degraus
F= 1	+ Forma em serra
F= 2	+ Forma esférica
F= 1	+ Forma estreita
F= 1	+ Forma indefinida
F= 1	+ Forma labial
F= 1	+ Forma linear
F= 1	+ Forma moluscóide
F= 1	+ Forma pendente
F= 1	+ Forma plana
F= 1	+ Forma pontiaguda
F= 4	+ Forma redonda
F= 33	+ Forma
F= 1	+ Forma serrilha
F= 1	+ Formoso
F= 1	+ Fortaleza
F= 1	+ Forte
F= 1	+ Fortificação
F= 1	+ Fracção
F= 3	+ Fraco
F= 1	+ Frescura
F= 4	+ Frio

F= 1	+ Frio intenso
F= 1	+ Frouxo
F= 1	+ Fulminante
F= 1	+ Fumo
F= 2	+ Fúnebre
F= 2	+ Fúria
F= 1	+ Fustigada
F= 1	+ Ganho
F= 1	+ Gentil
F= 2	+ Gigantesco
F= 1	+ Glaciar
F= 1	+ Golpe
F= 1	+ Gota
F= 1	+ Grácil
F= 6	+ Grandeza
F= 1	+ Grandeza moral
F= 1	+ Grandioso
F= 1	+ Grito animal
F= 4	+ Grito
F= 1	+ Grito de raposa
F= 4	+ Grosseiro
F= 1	+ Grosso
F= 6	+ Grupo
F= 1	+ Gula
F= 1	+ Habitação
F= 1	+ Habitado
F= 1	+ Hesitante
F= 1	+ Horrível
F= 1	+ Hostil
F= 125	+ Humano
F= 1	+ Humidade
F= 1	+ Húmido
F= 1	+ Humilde
F= 1	+ Ilusão
F= 1	+ Imagem imprecisa
F= 3	+ Imaginação

F= 1	+ Imenso
F= 1	+ Iminente
F= 1	+ Imortal
F= 1	+ Impedimento
F= 1	+ Impetuoso
F= 1	+ Imponência
F= 3	+ Importante
F= 1	+ Impossibilidade de falar
F= 35	+ Impreciso
F= 1	+ Impressão
F= 1	+ Inalterável
F= 1	+ Incerteza
F= 2	+ Incerto
F= 1	+ Inclinação
F= 1	+ Inclinado
F= 1	+ Incógnito
F= 3	+ Incómodo
F= 1	+ Incómodo ao tacto
F= 2	+ Inconstante
F= 2	+ Indefinido
F= 1	+ Indeterminado
F= 1	+ Indício
F= 1	+ Indiferente
F= 1	+ Indistinto
F= 1	+ Inerte
F= 3	+ Inesperado
F= 1	+ Inexplicável
F= 1	+ Infantil
F= 1	+ Inferior
F= 3	+ Informe
F= 4	+ Início
F= 1	+ Inofensivo
F= 1	+ Insinuação
F= 1	+ Insipiente
F= 2	+ Insistência
F= 1	+ Intacto

F= 3	+ Intemporal
F= 4	+ Intensidade
F= 2	+ Intenso
F= 1	+ Intercepção
F= 1	+ Interdição
F= 1	+ Interior
F= 2	+ Interrupção
F= 1	+ Intervalo
F= 1	+ Ironia
F= 1	+ Irrupção
F= 1	+ Isolado
F= 2	+ Isolamento
F= 1	+ Junção
F= 2	+ Lamento
F= 1	+ Lazer
F= 2	+ Lentidão
F= 2	+ Leve
F= 1	+ Leveza
F= 1	+ Libertação
F= 1	+ Ligação
F= 1	+ Limpeza
F= 1	+ Limpidez
F= 1	+ Linear
F= 6	+ Líquido
F= 1	+ Livre
F= 1	+ Localização em profundidade
F= 2	+ Localização em superfície
F= 1	+ Localização em superfície líquida
F= 1	+ Localização inconstante
F= 4	+ Localização inferior
F= 2	+ Localização lateral
F= 1	+ Localização oculta
F= 1	+ Localização posterior
F= 2	+ Localização posterior/superior
F= 1	+ Localização profunda
F= 1	+ Localização superficial

F= 29	+ Localização
F= 11	+ Localização superior
F= 1	+ Longo
F= 1	+ Lúgubre
F= 3	+ Luminosidade
F= 1	+ Luminoso
F= 12	+ Luz
F= 1	+ Luz intensa
F= 1	+ Macio
F= 1	+ Madrugada
F= 3	+ Mancha
F= 1	+ Mancha irregular
F= 2	+ Manhã
F= 3	+ Manifestação
F= 1	+ Marcha
F= 1	+ Matizar
F= 1	+ Mau humor
F= 1	+ Medida da mão
F= 3	+ Medo
F= 1	+ Medroso
F= 2	+ Melancolia
F= 3	+ Memória
F= 1	+ Mimoso
F= 3	+ Mistério
F= 1	+ Misterioso
F= 2	+ Mitológico
F= 1	+ Moderação
F= 2	+ Modesto
F= 4	+ Modificação
F= 1	+ Modificação na existência
F= 1	+ Moldável
F= 3	+ Montanhoso
F= 1	+ Monumento
F= 1	+ Morno
F= 5	+ Morte
F= 4	+ Motivo náutico

F= 7	+ Motivo
F= 3	+ Motivo vestuário
F= 10	+ Movimento ascendente
F= 3	+ Movimento através de
F= 1	+ Movimento circular
F= 3	+ Movimento circulatório
F= 20	+ Movimento descendente
F= 2	+ Movimento desordenado
F= 1	+ Movimento flutuante
F= 2	+ Movimento indeterminado
F= 10	+ Movimento indiscriminado
F= 1	+ Movimento instantâneo
F= 1	+ Movimento irregular
F= 2	+ Movimento lento
F= 1	+ Movimento lento descendente
F= 3	+ Movimento oscilatório
F= 2	+ Movimento para a frente
F= 5	+ Movimento para dentro
F= 6	+ Movimento para fora
F= 5	+ Movimento rápido
F= 114	+ Movimento
F= 1	+ Movimento rastejante
F= 1	+ Movimentos horizontal e posterior/ascensional
F= 1	+ Mudança de direcção
F= 1	+ Mudança de estado
F= 4	+ Mudança
F= 1	+ Mudança de posição
F= 1	+ Multicolor
F= 2	+ Murmúrio
F= 1	+ Música
F= 8	+ Musicalidade
F= 1	+ Nascente
F= 1	+ Nascimento
F= 2	+ Naturalidade
F= 1	+ Náutico
F= 1	+ Negro impreciso

F= 1	+ Negrume
F= 1	+ Nitidez
F= 1	+ Nítido
F= 2	+ Nobre
F= 1	+ Notável
F= 1	+ Número
F= 1	+ Nutrição
F= 2	+ Obscuro
F= 2	+ Observação
F= 1	+ Obstáculo
F= 1	+ Ocaso
F= 1	+ Oculto
F= 1	+ Ocupação
F= 1	+ Ofensivo
F= 1	+ Oferta
F= 1	+ Ondulado
F= 1	+ Ordem
F= 1	+ Organização
F= 1	+ Orgulho
F= 4	+ Origem
F= 1	+ Orla
F= 2	+ Oscilação
F= 1	+ Ostentação
F= 1	+ Ovelhas
F= 1	+ Pairante
F= 1	+ Paragem
F= 1	+ Pardo
F= 2	+ Passeio
F= 1	+ Pastoso
F= 3	+ Pavor
F= 1	+ Paz
F= 1	+ Peça de pano
F= 1	+ Pedra
F= 1	+ Pêlo
F= 1	+ Peludo
F= 1	+ Pendente

F= 1	+ Penetração
F= 1	+ Pensamento
F= 1	+ Pequena quantidade
F= 1	+ Pequenez
F= 3	+ Pequeno
F= 1	+ Perceptível
F= 1	+ Percurso
F= 2	+ Perfeição
F= 2	+ Permanência
F= 1	+ Perseverante
F= 1	+ Persistência
F= 1	+ Perturbação
F= 1	+ Perturbado
F= 1	+ Pesado
F= 1	+ Peso
F= 1	+ Pétreo
F= 2	+ Pincelada
F= 1	+ Pintura
F= 1	+ Poeira
F= 1	+ Poético
F= 1	+ Poisio
F= 1	+ População
F= 1	+ Posição anterior
F= 3	+ Posição horizontal
F= 5	+ Posição
F= 1	+ Posição inclinada
F= 2	+ Posse
F= 3	+ Prazer
F= 2	+ Precipício
F= 1	+ Prega
F= 1	+ Presença
F= 2	+ Preso
F= 2	+ Prisão
F= 2	+ Produção
F= 3	+ Proeminência
F= 1	+ Profundidade

F= 1	+ Profundo
F= 2	+ Progressão
F= 1	+ Proibição
F= 1	+ Prolongamento
F= 2	+ Propagação
F= 1	+ Prossecução
F= 4	+ Protecção
F= 1	+ Provocação
F= 1	+ Provocador
F= 2	+ Proximidade
F= 1	+ Próximo
F= 1	+ Pureza
F= 2	+ Puro
F= 15	+ Quantidade
F= 4	+ Queda
F= 1	+ Queda das flores
F= 1	+ Quente
F= 1	+ Quietude
F= 1	+ Raiva
F= 1	+ Ranger
F= 5	+ Rapidez
F= 1	+ Raro
F= 1	+ Rasgado
F= 3	+ Rasgar
F= 1	+ Rasteiro
F= 4	+ Reacção a estímulo visual
F= 3	+ Reacção a estímulo visual impreciso
F= 12	+ Reacção apreciativa a ausência de estímulo sonoro
F= 1	+ Reacção apreciativa a ausência estímulo sonoro
F= 1	+ Reacção apreciativa a estímulo olfactivo
F= 1	+ Reacção apreciativa a estímulo sensitivo
F= 52	+ Reacção apreciativa a estímulo sonoro
F= 8	+ Reacção apreciativa a estímulo táctil
F= 13	+ Reacção apreciativa a estímulo visual e forma
F= 2	+ Reacção apreciativa a estímulo visual e sonoro
F= 5	+ Reacção apreciativa a estímulo visual e táctil

F= 373	+ Reacção apreciativa a estímulo visual
F= 13	+ Reacção apreciativa a estímulo visual impreciso
F= 7	+ Reacção apreciativa a estímulos sonoro e táctil
F= 1	+ Reacção apreciativa a estímulos sonoro e visual
F= 4	+ Reacção apreciativa a estímulos visual e auditivo
F= 1	+ Reacção apreciativa a estímulos visual e gustativo
F= 1	+ Reacção apreciativa a estímulos visual e olfactivo
F= 14	+ Reacção apreciativa a estímulos visual e sonoro
F= 49	+ Reacção apreciativa a estímulos
F= 21	+ Reacção apreciativa a estímulos visual e táctil
F= 1	+ Realce
F= 1	+ Rebuliço
F= 1	+ Receio
F= 1	+ Recente
F= 1	+ Receoso
F= 1	+ Recordação
F= 1	+ Recto
F= 1	+ Remoinho
F= 1	+ Repassado
F= 2	+ Repercussão
F= 4	+ Repetição
F= 1	+ Repleto
F= 1	+ Repouso
F= 1	+ Represa de água
F= 2	+ Representação
F= 1	+ Representação gráfica
F= 1	+ Reservado
F= 1	+ Resignação
F= 3	+ Resistente
F= 1	+ Respeito
F= 3	+ Revelação
F= 3	+ Revestimento
F= 1	+ Rigor
F= 4	+ Rude
F= 1	+ Rugoso
F= 3	+ Ruído

F= 1	+ Ruído de insectos
F= 1	+ Rumor
F= 2	+ Sabor
F= 1	+ Sabor agradável
F= 1	+ Sagrado
F= 2	+ Saída
F= 1	+ Saída de leite
F= 3	+ Saliência
F= 1	+ Satisfação
F= 1	+ Secreto
F= 2	+ Sensação
F= 2	+ Sensual
F= 2	+ Separação
F= 1	+ Separar
F= 1	+ Sequência
F= 2	+ Sereno
F= 5	+ Série
F= 2	+ Sêrio
F= 2	+ Silêncio
F= 1	+ Silencioso
F= 3	+ Simples
F= 1	+ Singular
F= 2	+ Sinistro
F= 5	+ Sinuoso
F= 1	+ Sobreposição
F= 1	+ Sociabilidade
F= 1	+ Solenidade
F= 1	+ Solidão
F= 1	+ Sólido
F= 2	+ Solitário
F= 5	+ Som agudo
F= 1	+ Som alto
F= 1	+ Som chiante
F= 1	+ Som forte
F= 1	+ Som fraco
F= 1	+ Som vago

F= 44	+ Som
F= 1	+ Som violento
F= 3	+ Sombra
F= 3	+ Sombrio
F= 1	+ Sossegado
F= 2	+ Sossego
F= 5	+ Suave
F= 2	+ Súbito
F= 2	+ Submerso
F= 1	+ Sucessão
F= 1	+ Sulco
F= 1	+ Superfície côncava
F= 2	+ Superfície desigual
F= 1	+ Superfície irregular
F= 1	+ Superfície oval delimitada
F= 8	+ Superfície
F= 1	+ Superfície rugosa
F= 1	+ Superioridade
F= 1	+ Suspenso
F= 3	+ Sussurro
F= 1	+ Sustento
F= 1	+ Taciturno
F= 1	+ Tecido
F= 1	+ Teimosia
F= 1	+ Temível
F= 5	+ Tempo
F= 2	+ Ténue
F= 1	+ Tépidio
F= 1	+ Termo
F= 1	+ Terno
F= 2	+ Ternura
F= 1	+ Terrestre e/ou aquático
F= 1	+ Terrível
F= 1	+ Textura metálica
F= 2	+ Tímido
F= 1	+ Tons avermelhados

F= 1	+ Tosco
F= 1	+ Trágico
F= 2	+ Tranquilo
F= 1	+ Transformação
F= 1	+ Transitório
F= 2	+ Transparência
F= 2	+ Transparente
F= 1	+ Transversal
F= 1	+ Tremor
F= 2	+ Triste
F= 5	+ Tristeza
F= 1	+ Triunfo
F= 1	+ Tumular
F= 1	+ Tumulto
F= 3	+ União
F= 1	+ Uniforme
F= 2	+ Vago
F= 1	+ Vaguear
F= 1	+ Vaidade
F= 1	+ Vantagem
F= 2	+ Vapor
F= 1	+ Vapor de água
F= 1	+ Vegetal
F= 1	+ Velho
F= 2	+ Verde
F= 1	+ Vertente
F= 2	+ Vertical
F= 1	+ Vestígio de cavidade
F= 1	+ Vestuário
F= 1	+ Véu
F= 1	+ Vibração
F= 1	+ Vibrante
F= 1	+ Vigia
F= 2	+ Vigor
F= 1	+ Vinco
F= 1	+ Violência

F= 1	+ Violento
F= 1	+ Visão de conjunto
F= 2	+ Visão
F= 1	+ Visão difícil
F= 1	+ Viscoso
F= 1	+ Visibilidade diminuída
F= 1	+ Vitória
F= 1	+ Vivacidade
F= 1	+ Vivo
F= 1	+ Voltar
F= 10	+ Volume
F= 1	+ Volumoso
F= 1	+ Vontade
F= 2	+ Voz animal
F= 1	+ Voz de animal
F= 4	+ Voz
F= 2	+ Voz de
F= 1	+ Voz de raposa
F= 2	+ Ânsia
F= 1	+ Êxtase
F= 6	+ Áspero
F= 4	+ Ímpeto
F= 1	+ Órgão de visão
F= 2	- Abertura
F= 2	- Acção
F= 1	- Agente
F= 40	- Animado
F= 1	- Ataque
F= 2	- Brilho
F= 1	- Calor
F= 1	- Clareza
F= 1	- Companhia
F= 1	- Compreensão
F= 1	- Confiança
F= 1	- Conhecimento
F= 1	- Constante

F= 1	- Contável
F= 2	- Contínuo
F= 1	- Cor
F= 1	- Denominação
F= 1	- Densidade
F= 1	- Denso
F= 1	- Desenvolvimento
F= 1	- Destino
F= 3	- Dia
F= 3	- Dimensão
F= 1	- Distância
F= 1	- Distinguível
F= 1	- Domesticado
F= 2	- Energia
F= 5	- Espaço
F= 1	- Espaço linear
F= 1	- Espessa
F= 2	- Explicação
F= 1	- Fim
F= 1	- Finito
F= 1	- Força
F= 1	- Frequente
F= 6	- Humano
F= 1	- Idade
F= 2	- Intensidade
F= 2	- Intenso
F= 1	- Interesse
F= 1	- Jeito
F= 2	- Limite
F= 2	- Linear
F= 1	- Lógico
F= 7	- Luz
F= 3	- Medível
F= 5	- Movimento
F= 1	- Nitidez
F= 3	- Noite

F= 2	- Ordem
F= 1	- Ordem natural
F= 1	- Penetrável
F= 2	- Percepção
F= 2	- Perceptível
F= 1	- Precipício
F= 2	- Quantidade
F= 1	- Razão momentânea
F= 1	- Real
F= 1	- Reconhecimento de cores
F= 1	- Reconhecimento de formas
F= 1	- Regra
F= 1	- Respiração
F= 1	- Saúde
F= 1	- Sensível
F= 21	- Som
F= 2	- Sono
F= 1	- Superfície
F= 1	- Temperatura
F= 2	- Tempo
F= 1	- Tensão
F= 1	- Termo
F= 1	- Translúcido
F= 1	- Transparente
F= 12	- União
F= 1	- Uniforme
F= 1	- Vazio
F= 2	- Vida
F= 1	- Visualização
F= 2	- Volume
F= 1	- Vontade
F= 1	- Vulgar
F= 1	+/- Depressão
F= 1	+/- Elevação
F= 1	+/- Escuro
F= 1	+/- Maturação

